DOM JOÃO BOSCO ÓLIVER DE FARIA
CORAÇÃO SACERDOTAL
PAULUS

anep
MIG OY
wwwwwww
"Para sermos sinais de Jesus no mundo, temos de ser di- ferentes do mundo, senão perdemos a capacidade de ser sinais. Não me refiro a vestes, mas ao modo de ser e de viver. 'Não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno' (Jo 17,15). Os desafios e dificuldades surgem em qualquer estilo de vida. Eles existem para serem superados e não podem ser um impasse na concretização do ideal de vida sacerdotal. O 'basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força se re- aliza plenamente' (2Cor 12,9) tem de ser o farol na mira de quem não se expõe, conscien- temente, ao Maligno. Cristo e a Igreja devem ser o centro do amor em nossas vidas."

CORAÇÃO SACERDOTAL

Todas as direitos reservados pela Fantus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida seja por meion mecaniem eletronics, seja via cópia serografica, sem a autorização prévia da Editora
Direção Editorial
Silvio Hilar
Coordenação de arte
Damle Alves Lima
Cordenação de revisão
Tags Jond Risi Leme
Preparação de original
Ciera Gabriela Sousa Martins
Imagem da capa
Mock
Capa diagramação
Karine Pereira dos Santos
Impressão e scattamento; PAULUS
Dados Internacionais de Catalogação na Pudicação (CIP)
Angelica flacqua CRB-8/7057
Faria, Inso Oliver de
Coração sacerdotal/Join Bosco Oliver de Faria. - São Paulo: Paulus, 2022. Coleção Vida presbiteral
ISBN 978-65-5562-172-4
1. Sacerdócio 2. Igreja católica Clero L Titulo 11. Série
12-08-17
Indice para catálogo sistematice:
1. Sacerdócio
CDD 253
CDU 232.32
Dedico este livro a seis sacerdotes que foram e são referência

na minha vida:
Padre José Vieira de Vasconcelos, SDB, + (meu primeiro reitor). Padre Luiz Porto de Menezes, SDB, +
Padre Bartolomeu Polli, SDB, + Padre Paulo Gamerschlag, SDB, + Padre Daniel Bissoli, SDB, +
Padre Wolfgang Gruen, SDB
1. edição, 2022
Seja um leitor preferencial PAULUS
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
enossal promoções paulus.com.br/cadastro
Televence (11) 3789-4000/0800 016 40 11
PAULUS-2022
Ras Francisco Cruz, 229 04117-091 São Paulo (Brasil)
Tel: (11) 5087-3700
paulus.com.br editorial@aulus.com.br
ISBN 978-65-5562-172-4
FSC
www.for.org
MISTO
Papel produzido partir de
fontes responsáveis
FSC C108975

Agradecimento
Aos sacerdotes e aos dois casais que
me ajudaram com sugestões de tema e correções, e à Prof. Dr. Sueli Coelho, pela revisão linguística.

11 1. Introdução
SUMÁRIO
15
2. Deus amor
33
3. O celibato
45
4. A amizade
53
5. Os desafios para um jovem padre
65
6. O Maligno e o sacerdote
89
7. A resposta ao Maligno
95
8. O amor à Igreja
105
9. As mãos sacerdotais
111
10. As alegrias de um sacerdote

125
129
11. Colunas de sustentação da ação pastoral 12. A bondade
135_13. A graça da perseverança na vocação 145 14. O sacerdote, homem da esperança

1. INTRODUÇÃO

O sentimento de tristeza pela perda de um sacerdote que deixou o ministério levou-me a refletir sobre o mistério da vo- cação sacerdotal, com seus desafios e suas maravilhas. Comecei escrevendo um artigo. A reflexão foi lentamente se expandindo, exigindo novos questionamentos e, consequentemente, novos ca- pítulos. Agreguei, depois, alguns escritos anteriores, cartas pasto- rais escritas aos fiéis da arquidiocese de Diamantina, cujos temas confluíam para esta reflexão.

Por diversas vezes, sacerdotes de diferentes dioceses sugeri- ram-me publicar minhas homilias, feitas nas ordenações sacer- dotais. Não tenho o hábito de escrevê-las, mas de apresentá-las espontaneamente, deixando-as fluir do coração, depois de medi- tadas sobre o lema sacerdotal escolhido pelo que seria ordenado. Ficou, então, difícil recolhê-las, quando gravadas nas filmagens das ordenações.

Não sei precisar quando me surgiu a ideia de ser padre. Não se falava, ainda, a palavra "vocação", ou "pastoral vocacional". Pensei em ser padre antes de eu receber a Primeira Eucaristia, o que aconteceu aos seis anos e nove meses de idade, em 6 de agosto de 1946. Algum tempo depois, comecei a ajudar nas santas missas na Capela de Nossa Senhora das Dores, da Santa Casa de Miseri- córdia de São João del-Rei, diariamente, às 5h45 da manhã, indo em companhia de minha mãe. Eu era tão pequeno que não alcan- çava pegar o missal em cima do altar e não aguentava seu peso para transportá-lo de um lado ao outro do altar, como prescre- via o ritual, após a leitura da epístola (primeira leitura). Embora

ainda não soubesse ler, memorizei o Confiteor, o Salmo 43(42), rezado no início da missa, e as respostas da missa em latim, com a ajuda paciente de minha irmã, Maria de Lourdes. Não entendia o que falava, nem o povo! Lembro-me de que o senhor José, que me ensinou a ajudar a missa, em vez de dizer Qui fecit coelum et terram, dizia: Confesseterra. Fui, então, perguntar ao celebrante, Frei Geraldo, se valia dizer: Confesseterra! Seria mais fácil! Após a missa, acompanhava o sacerdote que levava a Santa Comunhão aos doentes na Santa Casa e, às vezes, o acompanhava, também, em alguma encomendação de um corpo no necrotério.

Tive um irmão sacerdote, padre Domingos, Lazarista (fale- ceu aos 73 anos de idade, quando era o ecônomo do Colégio São Vicente, no Rio de Janeiro). Quando fui para o seminário, padre Domingos ainda estava no seminário maior. No seminário, dis- tante de casa, sem poder visitar-nos nem nas férias, ele em nada influenciou minha vocação. Meu pai estudou no Caraça, com os padres Lazaristas. Meu padrinho de crisma seria o padre José Lázaro Neves, Lazarista, reitor do Seminário Maior de Mariana, contemporâneo de meu pai no Caraça, que foi, posteriormente, bispo de Assis, SP, e me crismou, sendo ele o padrinho. Eu era coroinha das Irmãs Vicentinas. Mas não sei por que, não quis ir para os Lazaristas. Já meu irmão menor, o Francisco, ficou no Caraça por uns quatro anos. Eu quis ser salesiano, e nada mu- dou meu modo de pensar.

A vontade de ir para o seminário era tanta, que, terminada a terceira série do fundamental, consegui convencer meu pai, a professora, a diretora da escola e o reitor do seminário, então pa- dre José Vieira de Vasconcelos, SDB, a me aceitarem. Entrei, feliz da vida, para o Seminário dos Salesianos - aspirantado - aos dez anos de idade e quatro meses! Fiquei com os salesianos até o final do primeiro ano de teologia, quando circunstâncias da época me levaram a passar para o clero diocesano, na arquidiocese de Pou- so Alegre, estudando no Seminário Maior de Mariana, MG. Sou muito grato aos salesianos, ao Seminário Maior de Mariana, bem como à arquidiocese de Pouso Alegre.
12
Relato esses fatos, tentando mostrar que o sacerdócio foi uma autêntica paixão em minha vida. Explica Lonergan que "pai- xão é um amor intenso e criativo, total e totalizante, sem limites nem restrições, condições ou reservas". Nunca me imaginei fora do sacerdócio nem aceitei atividades que poderiam dele me afas- tar. No aspirantado dos salesianos, tínhamos um museu de histó- ria natural e, nele, uma bela coleção de insetos com mais de três mil exemplares. Era uma coleção com classificação científica. Eu cuidava dos coleópteros e os classificava em famílias, alguns com seus nomes científicos. Tínhamos algumas raridades, como o Acrocinus longimanus - popularmente conhecido como arlequim. Fazendo teologia em São Paulo, visitei o Museu do Ipiranga. Tive acesso às partes internas. Visitei o gabinete de entomologia. Fui convidado a participar como pesquisador, a distância, estudando uma determinada família na ordem dos coleópteros. Pensei: vai atrapalhar minha vida de padre; não posso aceitar. Neguei. O sa- cerdócio foi sempre, e é uma paixão em minha vida.
Mais tarde fui convidado a ser diretor da Faculdade de Infor- mática de Santa Rita do Sapucaí, MG, que estava para ser criada. Eu era o reitor do Seminário Arquidiocesano. A distância era de vinte quilômetros. Nem falei com o arcebispo, neguei. Houve ou- tras propostas, de mais status e financeiramente tentadoras. Ne- guei todas. A paixão é total e totalizante!
Diante da atual secularização que penetra até os ambientes da Igreja, escrevi este livro preocupado com os padres novos, de- sejando ajudá-los a viver o sacerdócio com alegria, amor e paixão, felizes por serem sacerdotes de Jesus Cristo e sinais vivos de sua presença no mundo moderno. "Só conseguiremos travar a cres- cente autossecularização da Igreja e a crescente autorrelativização do ministério eclesial se tomarmos consciência da nossa identida- de espiritual. É preciso que o sacral se torne visível num mundo secularizado, sendo, por isso, decisivamente importante que nos
LONERGAN, B. "Il método in teologia, Brescia, 1975, p. 125-130, 257; Apud: CENCINI, Amedeo. Virgindade e celibato hoje. São Paulo: Paulinas, 2018.
13

ponhamos a serviço da profundidade e da vitalidade sacramen- tais da Igreja." Para sermos sinais de Jesus no mundo, temos de ser diferentes do mundo, senão perdemos a capacidade de ser si- nais. Não me refiro a vestes, mas ao modo de ser e de viver. "Não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno" (Jo 17,15). Os desafios e dificuldades surgem em qualquer estilo de vida. Eles existem para serem superados e não podem ser um impasse na concretização do ideal de vida sacerdotal. O “basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força se realiza plenamen- te" (2Cor 12,9) tem de ser o farol na mira de quem não se expõe, conscientemente, ao Maligno. Cristo e a Igreja devem ser o centro do amor em nossas vidas.

Um arcebispo amigo disse-me: "A Igreja investe muito na formação de um padre e, depois, nem tanto, para ajudá-lo na sua perseverança. Ela perde muitos padres por falta de cuidado".
Desejo, com este livro, tentar dar uma resposta à observação objetiva de meu amigo!
Que o manto de Maria, Mãe de Jesus e Mãe dos sacerdotes, nos cubra, para sermos fiéis ao doce chamado de Cristo: "Vem e segue-me!" (Mt 19,21), até o nosso último alento. Assim seja!'
2 AUGUSTIN, George. Colaboradores da vossa alegria. O ministério sacerdotal hoje. Petró polis: Vozes, 2018.
3
Este livro não pretende ser um tratado sistemático da teologia do sacerdócio, razão que explica a citação de poucos documentos oficiais da Igreja.
14
2. DEUS AMOR
eus Amor criou o homem à sua imagem e semelhança, dan-
Deus
por amor e para amar. É impossível viver sem amar. Os animais não têm a capacidade de amar nem de perdoar, porque o amor é espiritual. Os animais têm sentimentos exclusivamente na linha dos sentidos.
Júlio Dantas, grande poeta da língua portuguesa, ao final de sua obra prima A Ceia dos Cardeais, colocou nos lábios dos car- deais o seguinte diálogo:
Cardeal Rufo: - Também Vossa Eminência amou?
Cardeal Gonzaga: - Também! Também! Pode-se lá viver sem ter ama- do alguém?'
É impossível viver sem amar.
A língua grega em que foram escritos os Evangelhos -, entre suas sutilezas, usa três expressões para se referir ao amor: ágape, filia, eros.
Ágape - do verbo agapáo - significa "expressão do amor fun- dado sobre a fé e por ela plasmado"? O amor ágape transcende, assim, o amado; vai além das suas aparências, circunstâncias ou simpatias. É aquele amor com que acolhemos um pobre à nossa porta, pelo fato de ser ele uma pessoa humana, um filho de Deus;
DANTAS, Júlio. A Ceia dos Cardeais. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1932, p. 38. BENTO XVI. Deus Caritas est, n. 7.
15

é o amor com que saudamos uma pessoa na santa missa, no mo- mento do abraço da paz. O amante não se fixa no amado, embora queira, de verdade, o seu bem.
Filia - do verbo filéo - significa um amor mais personaliza- do. É o amor de amizade com uma pessoa concreta, determinada, com seu nome próprio. A verdadeira amizade é e deve ser aberta ao outro e aos outros, sem fixação. Posso amar, manter relações de amizade com muitas pessoas ao mesmo tempo. A amizade que tenho com uma pessoa não fere a amizade que tenho com outras, nem fico triste por meu amigo ter diversas amizades.
Eros - "Ao amor entre homem e mulher, que não nasce da inteligência e da vontade, mas de certa forma impõe-se ao ser hu- mano, a Grécia antiga deu o nome de eros" Eros é, pois, o amor que, por sua própria natureza, é exclusivo, que não admite uma terceira pessoa; é o amor esponsal. Bento XVI, na sua Carta Encí- clica Deus é Amor, afirma que Deus, infinito também no seu amor, ama cada uma de suas criaturas humanas com um amor eros, isto é, de uma maneira exclusiva: "Ele ama e esse seu amor pode ser qualificado, sem dúvida, como eros, que, no entanto, é totalmente ágape também".

O eros - amor esponsal - na criatura humana, limitada por sua própria natureza, é também exclusivo, mas, por carregar a li- mitação de criatura, não consegue nem pode amar mais de uma pessoa. Sendo espiritual, esse amor não tem partes, não pode ser dividido e, por consequência, não pode ser dado a duas pessoas ao mesmo tempo.

Toda vocação é o resultado do encontro de duas liberdades

Para que o homem pudesse amar, Deus confiou-lhe os dons da liberdade e da vontade. Mas deu, também, a inteligência para a pessoa saber usar de sua liberdade. Essa liberdade não significa tanto o ser livre de, mas o ser livre para, o que fazer com a própria

3 Ibidem, n. 3.

4

BENTO XVI. Op. cit., n.9.

vida em liberdade, livre para amar, vocação para o amor. Os ani- mais, condicionados por seus instintos, não são livres, não têm horizontes nem amanhã! Não têm consciência de si, são confina- dos ao aqui e ao agora. O homem é livre para amar, pois ninguém obriga o outro a amar alguém. Os horizontes do amor tendem ao infinito. Ninguém jamais amou o bastante!

Toda vocação é o resultado do encontro de duas liberdades: a de Deus Amor, que convoca, que chama e que envia, e a da cria- tura humana, que escuta e que livremente acolhe, aceita conscien- temente e com responsabilidade, o chamado a uma missão. Se Deus chama e envia, ele não chama para nada nem envia ao nada e para nada.

A criatura só consegue sua felicidade na terra quando con- segue realizar, em sua vida, o projeto traçado por Deus ao criá-la. Viver a vida fora de sua vocação é pior que suportar uma longa caminhada com um sapato inadequado apertando o pé. Como o chamado do Amor de Deus é o de um amor prefe- rencial e exclusivo para cada pessoa, a resposta a esse amor prefe- rencial e exclusivo tem de ser também total e exclusiva. O amor, para ser amor, tem de ser total e eterno. Quem se reserva uma parte de si para si desconhece o amor, não aprendeu a amar. Se não for total e eterno, não é amor. Assim, a resposta da criatura a Deus tem de ser de um amor total, exclusivo e eterno. Apren- demos desde criança: Amar a Deus sobre todas as coisas. Lemos no livro Deuteronômio e em Lucas: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e com toda a tua força" (Dt 6,5; Lc 10,27).

Assim como a verdade obriga livremente a inteligência, e não há liberdade para a inverdade - somos livremente obrigados a di- zer que 2 + 2 = 4-, o bem obriga a vontade. Não existe liberdade para o mal. O homem só é livre na prática do bem. Ele só prati- ca o mal quando perde a sua liberdade! Age por determinações ou condicionamentos que não consegue direcionar! A pessoa, ao ver conscientemente o bem, sente-se, necessariamente, a ele obrigada. Quando se deixa "levar" ao mal, pelo fato de se deixar 17

levar - mesmo em uma situação de ignorância -, está perdendo a sua liberdade. Os santos são mais livres que os pecadores! As- sim como os atletas da ginástica olímpica disputam o domínio, a leveza, o equilíbrio e a liberdade dos movimentos de seus corpos, assim a pessoa busca o domínio, a leveza, o equilíbrio e a liberda- de de seu coração no amor, na busca e na prática do bem. Santa Terezinha do Menino Jesus entendeu isso muito bem, ao escrever: "No coração da Igreja, minha mãe, eu serei o Amor"

Nesse amor exclusivo de Deus para com as criaturas, existe o amor preferencial, conforme a missão que as criaturas recebem dentro dos desígnios da providência divina. Não há duas

folhas iguais em uma árvore, como não há duas pessoas iguais. Cada criatura é diferente no seu corpo, no seu rosto, nos seus olhos, no seu DNA e, enquanto tal, é amada por Deus na sua exclusivida- de também com um amor exclusivo da parte de Deus. Lembre- mo-nos do Evangelho de João: "Um dos seus discípulos, aquele a quem Jesus amava, estava reclinado no seio de Jesus" (Jo 13,23). Entendo que João era o discípulo amado, porque ele foi o discípu- lo que mais e que melhor correspondeu ao amor de Jesus!

No episódio narrado por Mateus, há uma passagem clara da liberdade humana, quando o jovem rico negou o chamado de Je- sus e foi "embora cheio de tristeza, pois possuía muitos bens. En- tão Jesus disse aos discípulos: 'Em verdade vos digo, dificilmente um rico entrará no Reino dos Céus" (Mt 19,16-22). O jovem era livre, mas para dizer sim! Por ser dependente das criaturas, não foi livre para amar.

A criatura é livre, mas para responder positivamente, com amor, ao amor preferencial de Deus, que escolhe, convoca e chama. O amor eros é exclusivo, quer no amor a uma criatura, quer no amor a Deus.

A força motora da resposta da criatura não está na com- placência pessoal, no que gratifica a pessoa, ou na sua realiza- ção pessoal (eu me realizo - eu não me realizo). A mãe, quando

SANTA TEREZINHA Manuscrits autobiographiques. Lisieux, 1957, 227-229.

troca as fraldas de seu bebê, não o faz por uma simples gratifica- ção pessoal - pelo "perfume", por exemplo -, mas pelo amor, por uma necessidade interior de ver o filho bem cuidado e saudável. Não pensa em si, mas na criança que ama. Buscar a própria reali- zação pessoal na vida sacerdotal seria uma forma de narcisismo, uma forma infantil de amar: seria perder a oblatividade e não sair de si mesmo; seria quase abandonar o essencial do sacer- dócio, que é o amor, o "ser para". A força motora da resposta da criatura está, unicamente, num amor total e sem limites a Deus. Não é possível colocar limites ao querer amar o SER sem limites e que, por ser sem limites, nos ama de modo ilimitado. Não faz, pois, sentido um sacerdote dizer a respeito de seu ministério: "eu me realizo nisto; não me realizo naquilo". Quem busca a si mesmo não encontra ninguém, pois não sai de si e, por isso, frustra-se permanentemente na sua busca. Ser sacerdote é sair de si, é viver para os outros, pela Igreja; é morrer com Cristo e por Cristo, no trabalho de cada dia. Os talentos que recebo estão em mim, mas não são para mim. Devo desenvolvê-los, colocan- do-os a serviço dos irmãos.

O amor é oblativo. Amar é o querer bem a uma determinada pessoa na necessidade de vê-la feliz, sem esperar nenhuma van- tagem ou retribuição! Quem ama se consome para iluminar; não busca o seu próprio bem.

O "gostar" é possessivo: desejo, quero o outro para o meu bem. A pessoa, no gostar, busca a própria satisfação e os próprios interesses. Posso gostar de coisas: de um animal, de uma planta, de um alimento, de uma bebida, de um local ou de uma cidade. Esse gostar tem sempre como objeto o próprio bem, permanecendo a pessoa como sujeito e objeto, ao mesmo tempo, de suas preferên- cias. Na realidade, ama a si mesma quando pensa gostar de algo. Não posso, pois, gostar de uma pessoa, pois estaria amando a mim mesmo nela; estaria tratando uma pessoa como objeto destinado ao meu serviço, ao meu bem-estar e aos meus interesses. O res- peito que se deve à pessoa humana não permite que ela seja ins- trumentalizada ao bem de outrem. Os casamentos se arrebentam

quando o gostar se impõe ao amar. O primeiro que se cansa de ser usado, instrumentalizado, sai, abandona a vida a dois.
Da mesma forma, não posso, pois, gostar da minha voca- ção sacerdotal. Tenho de amá-la! Sou para a missão que Deus reservou para mim; existo dentro e para um plano Divino. "São John Henry Newman adquiriu um sentimento profundo e per- sistente do fato de que Deus o havia criado para prestar-lhe um determinado serviço". Vale aqui a analogia: quando, na vocação sacerdotal, o gostar se impõe ao amar, chega-se ao fim da linha de uma vida, que deveria ser uma resposta de amor perene ao Deus de Amor!
Toda missão, por ser missão, tem de ser oblativa
A criatura, a exemplo de Maria, pronuncia o seu "Fiat". Ou- vimos, emocionados, as palavras do bispo em nossa ordenação sacerdotal:
Configurado ao Cristo, sumo e eterno Sacerdote,
unido ao sacerdócio dos bispos,
serás consagrado verdadeiro sacerdote da Nova Aliança
para pregar o Evangelho,
apascentar o povo de Deus,
e celebrar o culto divino,
principalmente no sacrificio do Senhor.
Quanto a ti, filho caríssimo,
que serás ordenado presbítero,
deverás cumprir no Cristo Mestre
a tua função de ensinar.
Transmite a todos a Palavra de Deus,
que recebeste com alegria.
lembra de que foste escolhido dentre os seres humanos
e colocado a serviço deles nas coisas de Deus.
GULISANO, Paolo. John Henry Newman. Ancora, p. 10.
Finalmente, caríssimo filho,
participando da missão do Cristo, Pastor e Chefe,
procura, unido e submisso ao bispo,
reunir os fiéis numa só família,
a fim de conduzi-los a Deus Pai,
por Cristo, no Espírito Santo."
Toda missão, por ser missão, tem de ser oblativa. Se não fos-
se assim, não seria necessário chamar, convocar, mandar, enviar. O próprio Jesus veio até nós em uma missão que recebeu do Pai: "Assim como tu me enviaste ao mundo, eu também os enviei ao mundo" (Jo 17,18); "Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo não seja feita a minha vontade, mas a tua" (Lc 22,42). Depois da entrada festiva em Jerusalém, Jesus assumiu, até o fim, sua missão: "humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte - e morte de cruz" (Fl 2,8).
Os melhores atletas impõem-se disciplina forte de vida nos horários de sono, na alimentação e nas bebidas, com renúncias permanentes, além de exercícios frequentes, prolongados e can- sativos, pois têm um ideal em suas vidas.
O sacerdote que vê sua vocação como um ideal forte não sente o peso do que, para outros, seria sacrificio. Vive sua vida
na alegria de ser seguidor próximo de Jesus Cristo, cumprindo
a missão que Cristo deixou à Igreja e que a Igreja lhe confiou na ordenação sacerdotal.

O que sustentou Jesus na sua obediência foi o seu amor divi- no e infinito ao Pai. A mola para a missão é o amor. Sem o amor, qualquer ação se esvazia, torna-se mercenária, automata, sem rumo, perdida no tempo.
Ensina-nos São Paulo: "Cada um permaneça na condição em que se achava quando foi chamado. Eras escravo quando fos- te chamado? Não te preocupes com isso, mesmo que possas te libertar, procura antes tirar proveito de tua condição de escravo.
Pontifical Romano, p. 123-125.
20
21

Pois o escravo que foi chamado no Senhor é um liberto do Se- nhor. Do mesmo modo aquele que foi chamado quando era livre é um escravo do Cristo" (1Cor 7,20-22).
Essa liberdade de que fala São Paulo é uma liberdade interior, que nada tem a ver com a liberdade exterior. Ela fundamenta-se no amor. Não existe liberdade exterior absoluta para ninguém. Mesmo o monarca absoluto sofre seus condicionamentos. Quan- to mais alta a autoridade, maiores serão seus condicionamentos. Um vigário paroquial é mais livre que um pároco!
"O homem é um ser comunitário. Ora, para a vida comuni- tária, é necessária a submissão, a obediência. Não só no conven- to, mas em toda parte do mundo, é preciso obedecer. No mun- do, às vezes, mais que nos conventos. No mundo, a obediência é muitas vezes mais penosa." Nossos irmãos leigos cumprem horários severos de trabalho e exigências específicas de cada empresa, ao preço de redução de seus salários ao final do mês, ou mesmo a perda do emprego. Ali, a obediência na fé é subs- tituída pelo salário! O mundo vive, há alguns anos, uma crise de autoridade: rejeição a toda e qualquer forma de autoridade, fato que penetrou o íntimo das famílias. Quando a pessoa não consegue se adaptar à norma, tenta maquiar a norma às suas conveniências pessoais. Observa-se isso até na prática da reli- gião, quando alguém diz: "sou católico do meu jeito!" Ou seja: quebra as exigências mínimas de uma vida de fé. Talvez a ig- norância religiosa pudesse explicar esse comportamento. Mas tal atitude, de rebeldia disfarçada, não cabe no coração de um sacerdote que conhece bem a Igreja e a Palavra de Deus e que recebeu uma longa formação nos seminários para assumir livre, alegre e conscientemente suas obrigações de sacerdote católico. A Igreja que o faz sacerdote e que lhe diz que ele é sacerdote de Jesus Cristo diz-lhe, também, como deve ser, viver e agir na vida sacerdotal. Na cerimônia da ordenação sacerdotal, antes de o bispo impor suas mãos sobre o candidato, antes da oração
GRAEF, Ricardo. Criaturas sacerdotais. Petrópolis: Vozes, 1963, p. 96.
22
consecratória, tendo as mãos do candidato dentro das suas, o bispo pergunta solenemente: "Prometes respeito e obediência a mim e aos meus sucessores?" Esse "colocar" as próprias mãos unidas dentro das mãos de outra pessoa já apresenta, por si, um gesto de respeito e submissão para com aquela pessoa. Somente depois do "Prometo" solene do candidato é que ele é ordenado sacerdote da Igreja. A Igreja sem a obediência com espírito de fé torna-se clube de serviço. "A obediência é o caminho para a santidade. Pode considerar-se a santidade e a perfeição sob vá- rios aspectos. De qualquer modo que se faça, topa-se finalmente com a obediência, com o abandono a Deus."10 A obediência tem seu preço de sacrifício. O sacerdote, sem a vivência profunda do espírito de fé, equipara-se a um carregador de pedras que não sabe por que nem para que as carrega.

Toda pessoa que não sabe obedecer não sabe liderar. Em ge- ral, o sacerdote que tem dificuldades para obedecer ao seu bispo, para seguir as normas da Igreja e da liturgia, sem o perceber, tor- na-se autoritário com os que lhe são submissos.
A mola do apostolado de um sacerdote não é, nem pode ser, a complacência, a satisfação pessoal, mas o amor a Cristo e à Igre- ja, que o levam a seguir Jesus em sua doação total: "[...] sejam assim consumados na unidade, e o mundo reconheça que tu me enviaste e os amaste como amaste a mim" (Jo 17,23).
"Para todos eu me fiz tudo, para certamente salvar alguns. Por causa do evangelho eu faço tudo para dele me tornar partici- pante" (1Cor 9,22-23).
Paulo sofreu com a comunidade de Corinto. Leia-se, na carta de Paulo aos Coríntios, quando Paulo se defende da maledicência daquela comunidade "por ser inábil na arte de falar [...] e, quando, estando entre vós, tive alguma necessidade, não fui pesado a nin- guém, pois os irmãos vindos da Macedônia supriram as minhas necessidades. Em tudo, cuidei e cuidarei ainda de não ser pesado
9
Pontifical Romano.
10
GRAEF, Ricado. Op. cit., p. 108.
23

a vós" (2Cor 11,6-10). Paulo sofreu também com a comunidade de Tessalônica: "Com efeito, como sabeis, nunca bajulamos nin- guém, nem fomos movidos por alguma ambição disfarçada. Deus é testemunha. Também não buscamos glória humana, nem junto de vós nem junto de outros, embora, como apóstolos de Cristo, pudéssemos fazer valer a nossa autoridade" (1Ts 2,5-7b). "Irmãos, certamente vos lembrais de nossos trabalhos e fadigas. Foi traba- lhando noite e dia para não sermos pesados a nenhum de vós que proclamamos entre vós o Evangelho de Deus" (1Ts 2,9).
A obediência, por ser obediência, significa a renúncia à pró- pria vontade. Tal renúncia pode chegar, algumas vezes, à dimen- são de um sacrificio, ou, até mesmo, de algum sofrimento. No entanto, nossos sofrimentos na vida sacerdotal, em geral, são cir- cunstanciais e temporários, quer na vida da paróquia, quer com o clero diocesano, quer mesmo com o bispo, que não é eterno.
Não há vida ou profissão que não cobre da pessoa uma re- núncia ou um sacrificio pessoal. O sofrimento de um pai ou mãe de família é um sofrimento existencial, estrutural, do qual não se sai mais. Quando um sacerdote tem dificuldades e sofrimentos em uma paróquia, ao mudar seu campo de apostolado, os sofri- mentos ficam para trás e ele tem a oportunidade de recomeçar
melhor em outro ambiente.
Quando os pais perdem um filho, se mudarem de cidade, o filho continua morto. A infidelidade conjugal dói mais que a morte do cônjuge. Na morte, perde-se para Deus; na infidelida- de, perde-se para outra pessoa, que invade o amor de terceiros com um amor sem compromisso! A infidelidade acontecida não se desfaz com a mudança do espaço de vida. O amor não corres- pondido e fracassado continua sangrando. Testemunhei muitos e muitos leigos que superaram, na fé, a dor da perda de um filho ou a dor, também terrível, da infidelidade conjugal: sofrimentos existenciais, estruturais!
Tive plena consciência disso antes de minha ordenação. Mandei pintar na fita que amarrou minhas mãos, depois de un- gidas: uma coroa de rosas, aberta, com meu lema de sacerdócio,

escolhido quando ainda estudava filosofia," e uma coroa de es- pinhos, também aberta, com as palavras: Alter Christus cruci- fixus! O sacerdote é - e deve aceitar ser - outro Cristo crucifi- cado! Fora dessa visão, o sacerdócio vira teatro e, na paróquia, passa-se a "cumprir horários"! Soube, quando jovem sacerdote, que um arcebispo, no leito de morte, disse essa frase: "Sou outro Cristo crucificado!".

O sacerdote tem de saber sofrer no silêncio, saber escon- der dos olhares dos fiéis suas mágoas, decepções e tristezas, sem se fazer de vítima, mas com o rosto sempre alegre. O melhor marketing vocacional é o rosto alegre de um padre.

A origem divina da vocação sacerdotal

O evangelista Marcos narra a cura de um possesso na Decá- pole. Aquele que "noite e dia, andava incessantemente pelos tú- mulos e montanhas, soltando gritos e dilacerando-se com pedras" (Mc 5,5), possuído pelo demônio "Legião, pois somos numerosos" (Mc 5,9), colocou-se "sentado, vestido e são de juízo" (Mc 5,15). Jesus não apenas expulsou-lhe os demônios, mas o curou, no seu corpo dilacerado, no seu coração, no seu espírito. A cura de Jesus foi perfeita e total, com seu poder divino. "Quando ele subiu ao barco, o que tinha sido possesso suplicava-lhe, pedindo para ficar com ele. Jesus não consentiu, mas disse-lhe: 'Vai para casa, junto dos teus, e refere tudo o que o Senhor fez por ti na sua misericór- dia. O homem se foi e pôs-se a proclamar na Decápole tudo o que Jesus fizera por ele. E todos se admiravam" (Mc 5,18-20).

Voltemos ao episódio do jovem rico, narrado por Mateus: "E eis que um homem aproximou-se de Jesus e lhe disse: 'Mestre, o que devo fazer de bom para ter a vida eterna?' [...] Jesus lhe disse: 'Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis, dá-o aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me!' A essas palavras, o jovem partiu muito triste porque tinha muitos bens" (Mt 19,16-22).

"Para que Cristo habite pela fé em vossos corações" (Ef 3,17).

Esses dois fatos se contrapõem: o possesso na Decápole quis seguir Jesus, e Jesus não lhe permitiu, dando-lhe outra missão: "Vai para casa, junto dos teus, e refere tudo o que o Senhor fez por ti na sua misericórdia"; o homem que procurou Jesus, pedindo seus conselhos, foi convidado para ser um dos apóstolos, mas não aceitou o convite: "A estas palavras, o jovem partiu muito triste porque tinha muitos bens" (Mt 19,22). Nessa contraposição, um ensinamento: o que queria acompanhar Jesus não foi aceito; o que foi chamado não aceitou! A vocação de um sacerdote tem uma origem divina; é um encontro da liberdade de Deus, que chama, com a liberdade do homem que aceita o chamado.

Lucas nos conta como Jesus escolheu os doze apóstolos: "Naqueles dias, Jesus foi à montanha para rezar e passou a noite rezando a Deus; depois, quando amanheceu, chamou os seus dis- cípulos e escolheu doze deles, aos quais deu o nome de apóstolos" (Lc 6,12-13).

Jesus, antes de escolher os doze, passou uma noite em ora- ção, em união com o Pai, para escolher seus apóstolos, que seriam o embrião da Igreja, com uma vida que vem de Deus. Já o evangelista Marcos conta assim: "Ele subiu à montanha e chamou aqueles que ele queria. Eles foram até ele, que constituiu doze para andarem com ele e para enviá-los a pregar com o poder de expulsar os demônios" (Mc 3,13-15). Cito a tradução da Bíblia TEB: a língua grega, em que foi escrito o Evangelho de Marcos, tem uma especialidade para narrar uma ação realizada no pas- sado, mas com duração no presente. Hoje, quando uma

criança pede um sorvete e a mãe lhe diz que naquela hora não convém, a criança repete o pedido: "Mas eu queria". Ou seja: quis e continua querendo! Jesus continuou querendo que aqueles chamados o acompanhassem. Hoje, com a mesma intensidade e com a mesma união com o Pai, Ele continua a chamar aqueles que Ele quer para serem "seus enviados" ao povo que Ele ama. Não somos menos amados por Jesus que os primeiros apóstolos!
Entra aqui a pergunta sobre a vocação de Judas. Jesus não teria "errado" ao chamar Judas? Jesus quis Judas e continuou querendo

sua companhia. Só que Judas não soube entender a grandeza de Jesus e de seu chamado. Judas aceitou o convite, mas pensando, talvez, num reino de poder humano, com interesses pessoais, sem abertura do coração para o outro, para o amor e para o bem, movido apenas pela cobiça de riquezas e de glórias. Perdeu-se nas promessas da opinião comum do povo de sua época (mídia!) so- bre as coisas importantes na vida. Agarrou-se ao dinheiro e foi capaz de roubar até do próprio Jesus, pois as ofertas eram feitas ao grupo dos apóstolos, mas por causa de Jesus. "Mas Judas Is- cariotes, o discípulo que ia trair Jesus, disse: 'Este perfume vale mais de trezentas moedas de prata. Por que não foi vendido, e o dinheiro, dado aos pobres?' Judas disse isso, não porque tivesse pena dos pobres, mas porque era ladrão. Ele tomava conta da bol- sa de dinheiro e costumava tirar do que punham nela" (Jo 12,4-6).
É impressionante que Judas tenha ouvido todas as pregações de Jesus e visto todos os seus milagres, mas se fechado à graça. E Deus respeitou sua liberdade! Deus não se impõe ao homem: ama na espera de uma resposta de amor!
Marcos nos conta a vocação de Mateus: "E tornou a sair para a beira-mar, e toda a multidão ia até ele; e ele os ensinava. Ao passar, viu Levi, o filho de Alfeu, sentado na coletoria e disse-lhe: 'Segue-me!! Ele se levantou e o seguiu. Aconteceu que estando à mesa, em casa de Levi, muitos publicanos e pecadores também estavam com Jesus e os seus discípulos; pois eram muitos os que o seguiam. Os escribas, os fariseus, vendo-o comer com os pecado- res e os publicanos, diziam aos discípulos dele: 'Por que Ele come com os publicanos e pecadores?" (Mc 2,13-16). Mas os apóstolos escolhidos foram os mais generosos em responder ao convite de Jesus, com mais amor e prontamente, e continuaram com ele até o fim, crescendo na santidade de vida. Judas, infeliz, gostava muito do dinheiro e não foi capaz de amar Jesus! Mas ele também foi chamado por Jesus, "apesar de ser o que era". Não soube dar valor à oportunidade do convite e à graça de conviver com Jesus!
Nós, sacerdotes, hoje somos chamados não por causa de nossas virtudes ou qualidades, mas apesar delas. Somos apenas os

tijolos, as pedras de que Jesus precisa para construir a sua Igreja: "Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, formais um edifício espiritual, um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sa- crificios espirituais agradáveis a Deus, por Jesus Cristo" (1Pd 2,5).
Somos hoje os escolhidos de Jesus, com o mesmo amor que Jesus escolheu seus primeiros apóstolos. Somos pessoas privilegiadas pelo Amor Divino. Que mistério!
Os bispos são os sucessores dos apóstolos. Os sacerdotes são os colaboradores dos bispos na conservação e no crescimento da vida da Igreja.
Ensina-nos, ainda, São Paulo, na carta aos Romanos: "Nin- guém arroga a si mesmo esta honra, ela é recebida por chama- mento de Deus, como sucedeu a Aarão" (Hb 5,4).

O papa Francisco disse aos bispos, aos sacerdotes e aos reli- giosos, em sua homilia na Catedral do Rio de Janeiro, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude:
Fomos chamados por Deus e chamados para permanecer com Jesus (cf. Mc 3,14), unidos a Ele. Na realidade, esse viver, esse permanecer em Cristo configura tudo aquilo que somos e fazemos. É justamente essa vida em Cristo que garante a nossa eficácia apostólica, a fecundi- dade do nosso serviço: "Eu vos designei para irdes e para que produ-zais fruto e o vosso fruto permaneça" (Jo 15,16).
(...)
Chamados por Deus. Creio que seja importante reavivar sempre em nós essa realidade que, frequentemente, damos por descontada em meio a tantas atividades do dia a dia: "Não fostes vós que me escolhes- tes, mas eu que vos escolhi", diz-nos Jesus.12
Significa retornar à fonte do nosso chamado.
Todo sacerdote católico é sacerdote por uma iniciativa di- vina, por uma escolha de Deus, por meio da Igreja. No início da alguém por ele, ordenação sacerdotal, o reitor do seminário, ou
PAPA FRANCISCO. Homilia na missa com os bispos, sacerdotes, religiosos e seminaris-tas na JMJ. Catedral de São Sebastião. Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013.
28
diz ao bispo que ordena: "Reverendissimo Pai, a Santa Mãe Igreja pede que ordenes para a função de presbítero este nosso irmão"." É a Igreja que, solenemente, pede ao bispo a ordenação de um jovem que, por anos, preparou-se para o ministério sacerdotal.
Valem para o sacerdote, hoje, as palavras de Deus a Jeremias: "Antes que te formasses no seio de tua mãe [...] eu te escolhi e te separei para seres um profeta para as nações" (Jr 1,5).
O padre é um escolhido de Deus, separado por Ele e para Ele, a serviço Dele. Não é o jovem que toma a iniciativa de ir para o seminário. É Deus que usa alguém, como o anjo Gabriel, e faz sus- citar, no coração do jovem, o seu chamado para o sacerdócio. No início, esse chamado pode ser visto pelo jovem de modo nebuloso, mas, depois, com maior clareza, percebe estar sendo escolhido por Deus para viver com Ele e para Ele, num amor exclusivo e eterno. O jovem que deseja ir para o seminário e tornar-se um sa- cerdote de Cristo está apenas respondendo à iniciativa de um cha- mado de Deus. A ideia da vocação brota em seu coração, mas por uma inspiração divina!
Escreveu Karl Rahner, um dos grandes teólogos do Concilio: "Tu nos chamaste, chamaste-nos pelos lábios da tua Igreja e pela voz do coração e não pelo que já somos ou viremos a ser, por- quanto chamas os sem nome, por teu chamado, fazendo deles o que desejas"11
Há pessoas que, sem mérito próprio, são escolhidas por Deus - por primeiro - como objeto de um amor divino preferen- cial. Não se sabe o porquê dessa preferência divina! Tal escolha divina não acontece em razão da maior ou da menor santidade da pessoa, mas apesar de suas qualidades. É, realmente, um mistério! A pessoa é livre para aceitar ou não a escolha de Deus. Quan- do a pessoa quer se comprometer com Deus em um amor exclusi- vo e eterno, é marcada uma celebração na Igreja: a da consagração de seu amor exclusivo a Deus, sua ordenação sacerdotal.
13
Pontifical Romano. São Paulo. Paulus, 2008, 3' reimpressão, p. 123. RAHNER, Karl. Um novo sacerdócio. São Paulo. Herder, 1968, p. 37.
29

Antes de impor suas mãos sobre o candidato ao sacerdócio, antes de rezar sobre ele a oração consecratória, o bispo pergunta ao candidato em voz alta e solene: "Queres unir-te cada vez mais a Cristo, que se entregou ao Pai, e ser com Ele consagrado a Deus pela salvação dos homens?".15
O candidato, depois de sete anos de preparação e de reflexão, responde em voz alta e solene: "Eu quero!".
Temos aqui dois acontecimentos e um detalhe:
⚫ o candidato declara, solenemente, que quer ser consagrado
a Deus em um amor exclusivo e para sempre;
⚫ é Deus quem consagra o candidato, servindo-se do bispo, que age em nome e em comunhão com toda a Igreja. ele é consagrado; não é ele que se consagra.
O padre é padre por aquilo que ele é
O padre é padre por aquilo que ele é, e não por aquilo que ele faz. O sacerdócio não é uma profissão como as outras. Apren- demos na filosofia que "o agir segue o ser" - agere sequitur esse. Quanto mais o padre se identifica com Jesus, mais a sua presença e ação apostólica serão as de Jesus. O sacerdócio é uma vocação. Na profissão, a pessoa é o que é por aquilo que ela faz. O padeiro, se fechar sua padaria e abrir uma barbearia, deixará de ser padeiro e passará a ser barbeiro. O sacerdote, se ficar doente, em uma cadeira de rodas, e não puder mais celebrar os sacramentos, continua sa- cerdote, com o poder de Jesus Cristo para perdoar, para consagrar e para abençoar as pessoas. Se um sacerdote abandonar o seu mi- nistério - casando-se, com ou sem a licença do papa -, ele continua com os poderes de sacerdote e, se os usar em alguma celebração de emergência (a absolvição dos pecados de uma pessoa em perigo de morte, por exemplo), a absolvição realizada será válida.
Há um filme clássico, da Société Française de Cinématogra- phie: "Le Défroqué", de Leo Joannon, protagonizado por Pierre
Ritual de Ordenação. São Paulo: Paulus, 1994, p. 79.
30
Fresnay, em 1953, lançado no Brasil com o nome "Desespero d'al- ma", que narra uma situação assim: era um ambiente de oficiais franceses, prisioneiros de guerra na Alemanha, em abril de 1945. O padre capelão, também prisioneiro, em situação grave de saú- de, tenta celebrar uma missa no domingo, em um dos barracões do campo. Passa mal e percebe que vai morrer. Pouco depois, no leito de morte, diz ao subtenente enfermeiro que o assistia: "Diga ao pessoal que, no barracão seis, há um sacerdote católico que deixou o ministério sacerdotal. Diga que eu preciso dele para dar- -me a absolvição, antes de minha morte. Insista! Ele é livre para vir. Se ele não quiser vir, diga: Sacerdos in aeternum! (Sacerdote para sempre!)". O aviso é dado. Todos se admiram e se perguntam quem seria. O próprio se esconde. O aviso é novamente dado, em tom de súplica e exigência, gravando a consciência do padre escondido. Então, um oficial padre se apresenta, vai até o leito do capelão e o absolve de seus pecados. O capelão morre. A absolvi- ção foi válida!
O padre é padre para sempre!
O sacerdote não é um profissional qualquer. "O sacerdote faz algo que nenhum ser humano pode fazer por si: pronuncia, em nome de Cristo, a absolvição de nossos pecados e muda, as- sim, a partir de Deus, a situação das nossas vidas; ele consagra a Eucaristia e dá às pessoas o Cristo vivo e verdadeiro como ali- mento para suas vidas; ele tem em suas mãos o poder de curar as doenças da alma e do corpo, com uma força que vem de Jesus Cristo. O sacerdócio não é um simples serviço, mas um sacra- mento."16 O sacerdote não é um líder social. Para isso não é ne- cessário ser sacerdote!

16
RAVASI, Gianfranco. Il sacerdote tra profezia e sacro. Todi. TAU Editrice/Libreria Editrice Vaticana, 2009, p. 39.
31

5.
O CELIBATO'
"Cha
hama-se 'celibato' ao estado de uma pessoa que se man- tém solteira." O celibato eclesiástico é a maneira de ser apenas
e de amar do sacerdote, que é um dom que Deus concede
a algumas pessoas. Lembro, aqui, quatro características muito es- peciais do celibato sacerdotal.
O celibato é uma forma de amor
O sacerdote não é uma pessoa sem coração, que não ama. O celibato não é uma renúncia ao amor, mas outra forma de amar. O celibato é uma forma de amor que, secundariamente, implica uma renúncia. Primariamente, o celibato não é uma renúncia! É uma escolha.
Toda escolha implica renúncia. Ao oferecer a uma criança uma maçã e um bombom para ela escolher, ela renunciará a um deles: se ela escolher o bombom, ficará sem a maçã. Vemos, então, que toda escolha implica, inevitavelmente, uma renúncia. Toda escolha, secundariamente, é, também, uma renúncia.
Quando um rapaz se casa, ele escolhe uma jovem para ser sua esposa. Ele escolhe uma, a sua eleita, mas, secundariamente, ele re- nuncia a todas as outras meninas da cidade e do seu conhecimento. Todos estamos de acordo que o casamento é uma escolha. Secundariamente, ele é, também, uma renúncia. Com o tempo,
HORTELANO, Antonio. Amore e Matrimonio. Assisi: Nuove Prospettive, Cittadela Edil- trice, 1973, p. 217-250.
HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. Dicionário Aurélio. Nova Fronteira, 1988, 1" Edição, 4' impressão.
33

o jovem casal vai se apercebendo do tamanho da renúncia que o casamento exige dos esposos, por toda a vida. A renúncia pode ser grande, mas o casamento continua sendo uma escolha. Ne- nhum casamento sobrevive quando os esposos não são capazes de renunciar. Amar é sacrificar-se pela pessoa amada. Quem não é capaz de se sacrificar por alguém jamais aprendeu a amar.
No casamento cristão, os dois jovens são, um para o outro, a revelação da ternura, da beleza, do carinho, da bondade, da misericórdia e do amor de Deus. Um passa a ser para o outro o caminho, a ponte e a estrada para o céu. Vi, muitas vezes, casais virem abraçados para receberem a santa comunhão. É uma lin- da imagem do casamento cristão: um leva o outro a Jesus Cristo! Recordo-me que, em um funeral de um médico, disse à senhora viúva, que coordenava a catequese da Diocese: "Senhora, Deus colocou o doutor em seus braços para que hoje a senhora tivesse a suave alegria de devolvê-lo aos braços de Deus". Em sua vida matrimonial, ela aproximara o seu marido de Deus.
No celibato sacerdotal, o "Eu te amo" é dirigido diretamente para Deus, para sempre e sem intermediários. O sacerdote volta toda a sua vida, o seu coração, a sua mente para Deus, sem esperar recompensas nesta terra. E, por causa desse amor exclusivo dedica- do a Deus, o sacerdote se volta para servir a um povo onde a Igreja The indicar. Ele servirá a um

povo, mas por causa de Jesus Cristo. Por isso, o sacerdote não prende seu coração nem a pessoas nem a cidades nem a paróquias. Sendo de Deus, ele não se compromete exclusivamente com nenhuma pessoa, para se comprometer com todas, servindo a todas. Ele é de Deus, só de Deus, para sempre!
"O sacerdócio não é o celibato, mas o celibato fortalece o sacerdócio e lhe dá uma especial eficácia", escreveu São João Paulo II, em seu retiro no dia 11 de março de 1981.'
É bom distinguir o celibato da virtude da castidade. "Cas- tidade significa a integração correta da sexualidade na pessoa e,
KAROL WOJTILA - João Paulo II. Estou nas mãos de Deus - Anotações pessoais. São Paulo Planeta, 2014, p. 241.
34
com isso, a unidade interior do homem em seu ser corporal e espiritual." A virtude da castidade é anterior ao celibato. Sexto mandamento da Lei de Deus: não pecar contra a castidade. Em qualquer estado de vida do cristão - solteiro, casado ou viúvo -, ele viverá a virtude da castidade conforme seu estado. Assim, quem vive o celibato vive a vida de solteiro na castidade. É bom lembrar que o celibato pode ser vivido na virgindade e sem ela. O que leva um sacerdote a não se casar é seu amor a Cristo e
à Igreja, e o fato de sua consagração a Deus!
E a lei do celibato? Diante de toda a comunidade cristã, a lei do celibato é a proteção desse amor e dessa consagração! A nature- za pode nos ajudar a entender melhor: o besouro tem quatro asas. Duas são mais grossas e fortes e protegem outras duas asas trans- parentes, leves e dobradas sobre seu abdome. As duas asas fortes e mais pesadas têm um nome na entomologia: élitros. No voo, elas não vibram, elas apenas se levantam, ficam abertas e paradas. As outras duas asas leves e transparentes, que se abriram e que se es- tenderam, vibram velozmente e fazem o besouro voar. Quando ele pousa, ele recolhe e dobra as asas leves e transparentes sobre seu ab- dome. Os élitros se abaixam, cobrem e protegem as asas que fazem
o besouro voar. Assim acontece com a pessoa que foi consagrada a Deus: as asas que a fazem voar para Deus e com Deus são seu amor a Cristo e à Igreja, e a sua consagração solene. A lei do celibato é como as asas protetoras; ela é a discreta proteção desse amor e dessa consagração a Deus diante da comunidade cristã. A comunidade cristã torna-se sabedora de que aquela pessoa foi consagrada por Deus ao seu serviço, que ela é uma pessoa consagrada.
O celibato é um dom transcendente
O celibato é, também, um dom transcendente, para além da lógica e da psicologia, pois, nesses dois campos, o homem foi feito para a mulher, e a mulher foi feita para o homem.
Catecismo da Igreja Católica, 2337.
Congregação para a Doutrina da Fé. Persona Humana, 11.
35

Sendo um dom, é gratuito, pois todo dom, para ser dom, tem de ser gratuito. Aquilo que, conscientemente, se aceita como dom gratuito não pode ser devolvido. Seria uma deselegância muito grande para com quem nos presenteou. Às vezes, alguns jovens, pouco elegantes, quando rompem o namoro, devolvem ao namo- rado(a) os presentes recebidos! Com Deus não se brinca. Não se pode devolver a ele o dom precioso que ele, gratuitamente e na sua infinita misericórdia, concedeu somente a algumas pessoas e sem nenhum mérito delas. Do dom do celibato, que uma pessoa, livre e consciente- mente, recebeu e aceitou, nem o papa pode dispensar. O papa pode dispensar das consequências

e das obrigações da ordenação sacerdotal, como o rezar o breviário, e pode dar licença para o sacerdote se casar. Mesmo com a licença do papa, no entanto, o padre fica em falta, pois está devolvendo a Deus o dom precioso da vocação e da missão que recebeu. Ele fica em dívida com Deus! Mas não é apenas o celibato que pode ser entendido como um dom transcendente. A atitude de São Maximiliano Kolbe, sa- cerdote preso no campo de concentração, que se ofereceu para morrer no lugar de um pai de família que fora escolhido entre os presos para morrer de fome e de sede, foi um ato acima da lógica e acima da psicologia. Ninguém quer morrer. Ele agiu assim por amor cristão, mas, também, por um dom especial, transcendente, que recebeu de Deus. Morreu aos 47 anos, em 14 de agosto de 1941, no campo de concentração de Auschwitz, Polônia.

São Damião de Molokai, nascido na Bélgica, numa época em que não havia cura para a lepra nem se sabia bem o processo de sua contaminação, antes ainda de sua ordenação sacerdotal, aos 23 anos de idade, pediu para ir ao sul da ilha Havaí, para evange-
lizar e dar assistência espiritual aos leprosos.

Dez anos depois, aceitou ir para "Molokai, a Ilha Maldita" , depósito de leprosos, perto do Havaí. Lá
- como era chamada -, ele se contaminou e morreu leproso, aos 49 anos, em Kalaupapa,
em 15 de abril de 1889. Esse gesto de doação total de sua vida foi, também, resultado de um dom transcendente recebido de Deus!

Morreu no Hospital de Lovere, em Bérgamo, na Itália, em 24 de março de 2020, o sacerdote Giuseppe Berardelli, de 72 anos, que atuava na paróquia de Casnigo, a quarenta quilômetros de Milão. Ele se recusou a usar um respirador do hospital para ceder o aparelho a um paciente mais jovem, também vítima da Covid 19, internado no mesmo hospital. Esse gesto é também fruto de um dom transcendente que supera a lógica e a psicologia.

Assim responde Jesus aos fariseus sobre o divórcio e sobre o adultério: "Os discípulos disseram-lhe: 'se a situação do homem com a mulher é assim, é melhor não se casar. Ele respondeu: 'Nem todos são capazes de entender isso, mas só aqueles a quem é concedido. De fato, existem eunucos que nasceram assim do ventre materno; outros foram feitos eunucos por mão humana; outros, ainda, tornaram-se eunucos por causa do Reino dos Céus. Quem puder entender, entenda" (Mt 19,10-12).

Com essas palavras, Jesus não põe em ordem de importância o casamento e o celibato. São duas maneiras de se viver a vida com santidade. Nenhum desses estilos de vida é mais santo que o outro. O que os torna santos é a forma como são vividos. Jesus coloca, no entanto, duas condições para o dom do celibato:

1. É para poucos, só para "alguns"; "só entendem aqueles a quem é concedido" (Mt 19,11).
2. Só vale a pena "por causa do Reino dos Céus" (Mt 19,12).

Não me admiro de que algumas pessoas não acreditem no celibato e na santidade dos padres, pois elas não receberam esse dom, e o próprio Jesus já nos avisou: "só entendem aqueles a quem
é concedido" (Mt 19,11). A vida no celibato não tem sentido em si mesma. Só vale a pena por causa do Reino dos Céus!

O primeiro a colocar valor no celibato foi Jesus Cristo, que escolheu para si essa maneira de viver. O sacerdote é um segui- dor de Jesus Cristo, também em sua maneira de vida. O celibato permite ao padre, sem desprezar nem o outro nem o mundo, um encontro com Cristo, sem intermediários.

O celibato não é por aquilo que o padre faz, mas por aqui- lo que o padre é: consagrado a Deus, em Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, que se entregou ao Pai pela salvação da humanidade. Para os que gostam de filosofia, pode-se dizer: o celibato tem uma razão ontológica e não ôntica. O sacerdote sem o celibato tem uma redução em sua força apostólica, enquanto testemunho vivo de um amor total e exclusivo a Deus.
Escreveu São João Paulo II: "O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se não o experimenta e se o não torna algo seu próprio, se dele não participa vivamente"
O papa Bento XVI nos diz na sua Carta Encíclica Deus é Amor: "Quem quer desfazer-se do amor prepara-se para desfazer- -se do ser humano enquanto humano".?
O celibato é um carisma
Carisma é uma graça própria, espiritual e transcendente, que Deus concede a uma determinada pessoa, em razão da comunidade.
Essa palavra é de cunho eminentemente teológico. Sua eti- mologia, da língua grega: charis - graça.
Todos os santos e santas fundadores de congregações e de institutos religiosos ou seculares na Igreja receberam um carisma de Deus que se tornou a razão de ser daquela congregação ou instituto, na Igreja e no mundo. Esse carisma passa a ser a marca que distingue aquela congregação ou instituto na Igreja. Uma das causas do enfraquecimento e da diminuição de membros em uma congregação ou em um instituto religioso ou secular é, em minha opinião, a perda do carisma de seu fundador.
Para iluminar o tema, há pessoas na Igreja que não fundaram nenhum instituto secular ou religioso, mas que receberam de Deus um carisma próprio para elas, que podemos facilmente reconhecer.
SÃO JOÃO PAULO II Redentor do homem. Carta Enciclica, n. 10.
BENTO XVI. Deus é Amor. Carta Encíclica, 28b.
38
Madre Teresa de Calcutá, embora, mais tarde, tenha funda- do uma congregação, bem antes dessa fundação recebeu o seu carisma. Outras pessoas: os papas São João XXIII, João Paulo I, São João Paulo II, sem falar do papa Francisco... Lembremos, no Brasil, de Santa Irmã Dulce dos Pobres, dom Hélder Câmara, dom Luciano Mendes de Almeida, padre Zezinho, com a evange- lização pela música.
Há muitíssimas pessoas, na comunidade ou na paróquia, que receberam de Deus um carisma, em tom menor, mas sem- pre carisma, em função da comunidade. Há dom de cuidar dos velhinhos de uma maneira toda especial. Al- pessoas que têm o gumas sabem tratar dos doentes como poucas. Outras têm o dom de dirigir a missa das crianças, ou têm o carisma de acolher e de acompanhar os adolescentes e os jovens. Há aquelas que têm o carisma da alegria, fruto precioso do Espírito Santo e de fala São Paulo, na carta aos Gálatas (cf. Gl 5,22). Essas pessoas re- ceberam de Deus carismas mais significativos para a comunidade. Mas toda pessoa tem seu carisma espiritual, recebido de Deus, em função da sua comunidade de pertença.
que nos
Nesses anos de 2020 e de 2021, um jovem pobre, W. P., filho de um policial e de uma empregada doméstica, que conseguiu re- alizar seu ideal de ser médico com a ajuda do

professor M. A., de- cidiu, desde o início do exercício da medicina, tratar de pacientes com Covid 19. Trabalhou, até o dia em que escrevo estas linhas, em hospitais de Manaus, Macapá, Salvador, Itumbiara e Goiânia. Essa dedicação aos pacientes com Covid 19, que implica grande risco de contaminação, é, também, um carisma.
O celibato é um carisma que Deus dá a algumas pessoas, por causa do Reino dos Céus. A origem mais aceita para a pa- lavra "celibato" seria uma derivação do latim, com o sentido de "solteiro". Mas há outras teorias dos linguistas. Reduziu-se, no entanto, a compreensão da palavra e do sentido do celibato à dimensão afetiva do ser humano. Celibato é, contudo, muito mais que não se casar, que não ter vínculos afetivos. O celibato deve ser entendido na sua dimensão positiva de uma resposta 39

livre e consciente, de um amor verdadeiro e profundo a Jesus Cristo e a sua Igreja.
O celibato é um sinal escatológico
do que há de transcendente no amor humano
A pessoa que vive o celibato por amor ao Reino antecipa, na terra, o modo de viver no céu, onde não haverá marido nem mu- lher. Disse Jesus: "Estais errados. Não compreendeis a Escritura nem o poder de Deus. Na ressurreição não haverá homens e mu- lheres casando-se, mas serão como anjos no céu" (Mt 22,29-30).
Enquanto, hoje, alguns jovens se perdem na bebida, na dro- ga e no sexo, aqueles que procuram viver como Jesus se tornam, também, um exemplo de que é possível antecipar na terra a ale- gria e a felicidade de se viver como será no céu, e que é possível vi- ver o tempo de sua preparação para o casamento, de modo alegre e fiel, na prática dos dez mandamentos. Conheci, em confidências de amizade, muitos jovens que viveram seu tempo de namoro e de
noivado em santa castidade.
Jesus escolheu esse estilo de vida. Quem quiser seguir Jesus com maior fidelidade viverá, a seu exemplo, o amor do céu. Quan- do esse seguimento de Jesus no celibato é amado, o celibato não pesa para a pessoa. Penso em Madre Teresa de Calcutá, que teve, em seus braços, tantos homens, mendigos e moribundos, mas por amor ao Reino do Céu.
Essa transcendência do amor humano significa que a pessoa ama os outros para além das aparências físicas, como a beleza, a simpatia, a dimensão agradável da presença, sem dependência afetiva. Não há meias medidas de beijos e de abraços ternos, e, muito menos, vida dupla de amor irresponsável, como se bastasse não constituir família, não ter esposa ou filhos. Na vivência do celibato, antecipa-se na terra o amor do céu!
O padre é um seguidor de Jesus, com seu celibato vivido em alegre liberdade, e sinal para a humanidade do amor que exis- te no céu. O padre ama o seu povo. Ama todas as pessoas que foram confiadas ao seu coração de pastor, mas sem se apegar a
40
nenhuma delas. Ama-as com um amor verdadeiro, mas trans- cendente, que vai além da simpatia e das aparências humanas. Ama e se doa a elas, mas sem se apegar a ninguém. Acolhe com igual carinho pobres e ricos, pessoas cultas e humildes, santos e
menos santos.
Celibato significa não ter vínculos sociais, econômicos, políticos e afetivos
O sentido do celibato é mais amplo. O Evangelho pede que o sacerdote-profeta-pastor seja livre de coração e de compromissos, como o apóstolo Paulo e como todos os apóstolos que, a exemplo de Abraão, saíram de sua terra, em obediência à ordem do Senhor (cf. Gn 12,1).

Tendo o próprio coração voltado para Deus, com exclusivi- dade, o sacerdote adquire, ainda, uma disponibilidade total para o Evangelho e para a Igreja. Torna-se, como diz um de nossos cantos litúrgicos, "cidadão do infinito, levando a paz no seu caminho". Vínculos sociais

O sacerdote não deve pertencer a nenhum clube de servi- ço ou a qualquer atividade social que o prenda àquela comu- nidade. Quando ele criar uma entidade social, ela deve ser da paróquia, e não dependente dele e de sua capacidade de ge- renciamento e de financiamento de suas atividades. Quando o padre amarra uma entidade a sua pessoa, e não à paróquia ou à diocese, ao morrer o padre, morre, também, aquela associação, ainda que aos poucos.

Vínculos econômicos

A própria lei da Igreja proíbe aos sacerdotes o exercício de qualquer atividade comercial em benefício próprio ou alheio."

Código de Direito Canónico. Canon 286: "É proibido aos clérigos exercer, por si ou por ou- tros, para utilidade própria ou alheia, negociação ou comércio, salvo com licença da legítima autoridade eclesiástica

Sem os vínculos econômicos, o sacerdote fica com seu co- ração e com seu tempo totalmente à disposição de seus trabalhos sacerdotais e do povo que lhe foi confiado. Quando o sacerdote não vive essa dimensão de seu celibato, o povo pagará o preço com as ausências constantes de seu sacerdote e, às vezes, até nos momentos finais da vida de seus paroquianos, corre-se o risco de o padre estar ausente, cuidando de seus negócios. Quando eu era pároco, meu irmão ofereceu-me de presente um sítio de dez alqueires (48,4 hectares). Disse que eu escolhesse o terreno e ele pagaria. A terra naquela região é de primeira! Pen- sei comigo: "Tenho muitos fazendeiros amigos, e não será difícil ter umas cabeças de gado de boa qualidade". Mas ia acontecer que, de manhã, eu iria ao sítio, para ver isso ou aquilo, sem hora de voltar, e a paróquia ficaria para trás. Disse ao meu irmão: "Eu fico muito agradecido, mas isso vai atrapalhar a minha vida de padre. Não quero". Era a vivência do celibato!

Vínculos políticos

A própria lei da Igreja, o Código de Direito Canônico, proíbe os sacerdotes, todos os eclesiásticos, de fazerem parte, de serem filiados a partidos políticos. Quanto mais de serem candidatos a cargos eletivos, no executivo ou no legislativo!"

Quando o padre faz isso, ele está invadindo uma área de ação pastoral que é própria do leigo. Não se deve clericalizar o leigo nem laicizar o padre. O padre que ocupa cargos públicos remu- nerados tira de um pai de família a possibilidade de um emprego com seu sustento e o de sua família.

Lembro-me de que uma vez, em Brasília, um político me dis- se que os bispos deveriam se candidatar aos cargos de deputados federais e senadores. Respondi dizendo: "Se fizermos isso, vocês deverão ir para nossas dioceses e ser os bispos e arcebispos em nossos lugares!".

sindicais, a não ser que, a juízo da competente autoridade eclesiástica, o exijam a defesa dos Canon 287 2: "Não tenham parte ativa nos partidos políticos e na direção de associações

direitos da Igreja ou a promoção do bem comum

Vínculos afetivos

Entra aqui o ensinamento de Jesus: "Há alguns que se torna- ram eunucos por amor ao Reino dos Céus" (Mt 19,12). Escrevi a esse respeito, ao tratar o celibato como uma forma de amor.
43

4.
A AMIZADE
A amizade é mais que uma simples convivência,
é mais que uma atitude benévola
A amizade é um relacionamento profundo entre pessoas, é um querer bem, um modo de amar, um sentimento profundo, estável, duradouro, desinteressado, na necessidade de ver o outro feliz, sem esperar retorno.
A amizade corresponde a uma necessidade de ordem psi- cológica da pessoa. Vive-se sem a amizade, mas não se vive bem. A amizade não é um amar ou ser amado "genérico". É um amar ou ser amado por pessoas concretas.
A amizade é construída lentamente, sem restringir o campo, embora não deva ser única e exclusiva. Por si, ela deve ser aberta. Quanto mais amigos tem o meu amigo, mais feliz eu fico.
Tal sentimento implica uma reciprocidade que nasce de maneira espontânea. É, pois, aberto a outras amizades, sem fixação ou dependência afetiva e sem contabilidade dos gestos. A amizade verdadeira supõe uma compreensão incondicional, segundo a qual os desajustes não atingem o cerne, devido à compreensão serena das possíveis falhas que possam ocorrer e sem cobranças.
O centro vital da amizade não é a própria pessoa, mas a pessoa amada. Buscar o próprio bem é um modo infantil de ser amigo.
Escrevi, no início, que é impossível viver sem amar. O amor exclusivo, num misto de eros e ágape, que o sacerdote dedica a Deus não o impede de cultivar o amor de amizade - filia - com 45

seus semelhantes.' O sacerdote não é anjo - puro espírito -; ele é humano e, como tal, sente necessidade de amar e de ser amado.
A educação para o amor não é, infelizmente, um ponto alto na formação dos nossos seminários, quer pela delicadeza do tema, quer pela diversidade das origens familiares de cada seminarista, quer por outras diversas razões. Posso dizer, com segurança, que, no passado, houve, em nossos seminários, certo histerismo em desqualificar todo e qualquer tipo de amizade entre seminaristas. Hoje, com a ajuda de psicólogos e de psicólogas competentes, vai se superando essa lacuna, mas que ainda deixa a desejar.
Vejo a vivência e a convivência do sacerdote com sua família como um alto fator no equilíbrio de sua afetividade. Recordo-me que, quando reitor do seminário em Pouso Alegre, quase dispen- sei um seminarista porque, nas férias, ele evitava sistematicamen- te conviver com seus pais e irmãos. Não cheguei a aprofundar o porquê, se pela pobreza de sua casa, se para fugir do trabalho doméstico, se por vergonha dos seus. Não tive segurança para to- mar uma atitude a respeito, terminei o meu tempo de reitor e o problema ficou no ar. Organizava festas de um dia inteiro, com a presença dos pais, e, também, dois dias de formação para eles, dentro do próprio seminário. Assim eu os podia conhecer melhor e errar menos ao ajudar na formação de seus filhos.
As amizades de um padre

Tenho sempre aconselhado pessoas, homens ou mulheres, que buscam uma vida mais virtuosa, a procurar ter um sacerdote amigo que possa ser seu diretor espiritual.
Por outro lado, é muito difícil para um sacerdote ter, com leigos, uma amizade mais profunda e espiritualmente intima. Em primeiro lugar, porque, em geral, travesseiro conjugal desconhe- ce segredos. O que se confidencia a um, o outro fica sabendo, sem muitas ressalvas de privacidade e de sigilo. Para não parecer
"Ele (Deus) ama e esse seu amor pode ser qualificado, sem dúvida, como eros, que, no entanto, é totalmente ágape também." BENTO XVI, Deus Caritas est, n. 7. 46
radical, confesso que tive e que tenho bons amigos leigos. Um se confessava comigo e era, também, meu conselheiro. Hoje, rezo todos os dias pelo seu descanso eterno e pelo de sua esposa.
A segunda dificuldade acontece quando a pessoa, inocen- temente, se vangloria de ter a confiança do sacerdote e fala aos outros o que não deve falar. Há, ainda, a inveja daqueles que gos- tariam de ter mais vezes a presença do sacerdote em suas casas "sem querer", destilam veneno contra a família mais amiga do padre! No tempo de pároco, nasceu uma amizade que ainda con- servo. Mas só visitava o casal depois das 22h, para que ele não sofresse a inimizade de seus vizinhos. Havia sempre, antes, um telefonema para saber de seus compromissos na manhã seguinte.
e,
Há, também, da parte do leigo, as "amizades funcionais", que acabam quando o padre é transferido. Costumo dizer que, quan- do o padre sai da paróquia, 10% das pessoas choram, 10% soltam fogos e 80% permanecem na indiferença! O padre, no entanto, ao sair de uma paróquia, deixa nela a marca de sua personalidade e o perfume do seu sacerdócio. Isso ninguém esquece.
é
A Igreja não nos proíbe de ter amizades com mulheres, nem exige que renunciemos ao ser homem, masculino! No esco- po do amor, a sexualidade é também um nível da manifestação da pessoa, na linha da afetividade. Mas nosso povo não perdoa seus padres se surgir esse tipo de amizade. As pessoas não sabem distinguir a sexualidade, que é espiritual, da genitalidade, que primariamente fisiológica. Posso conhecer a sexualidade de uma pessoa pela letra, pelos passos, pela voz, pela maneira de pensar, o que não tem nada a ver com sensualidade. O fato de o sacerdo- te ter um compromisso exclusivo de amor para com Deus não o impede de ter uma amizade profunda, estável e sincera com uma mulher. Temos, na hagiografia, a amizade entre São Francisco de Assis e Santa Clara; São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila; São Francisco de Sales e Santa Joana Francisca Frémyot de Chan- tal. Vale ainda lembrar as confidências da mesma Santa Teresa de Ávila nas cartas para seu confessor. A amizade é bela quando estabelece limites. O fato de alguns terem fracassado nesse tipo de 47

amizade não queima para os outros a possibilidade de vivenciar com uma mulher esse amor de amizade mais profunda, espiritu- almente íntima, que transcende a sensualidade. O amor desordenado de um sacerdote a uma mulher não é um problema em si mesmo, mas a consequência da perda da fé em seu sacerdócio, da perda de sua espiritualidade, da perda de sua identidade sacerdotal ou de sua insegurança cultural e teológica. O problema não está na incapacidade para um amor exclusivo com Cristo e sua Igreja, mas em um dos fatores acima elencados. Reitero: a amizade é bela quando estabelece limites.

Na prática da vida, nesse campo, desde o tempo de padre novo, sempre joguei na defesa: nunca fui a uma casa de família sem telefonar antes e saber se o marido estava em casa, não por insegurança pessoal, mas pela incompreensão da comunidade.
Em 1975, trabalhei por dois meses na paróquia Coeur Imma- culée de Marie, em Montreal, no Canadá, substituindo o pároco Monsieur L'Abbé Maurice, em suas férias. Morei na casa paroquial com uma religiosa, Soeur Aline. Isso, lá, nunca foi problema para os paroquianos.
Vejo ainda que o sacerdote, na convivência com sua família, tem a oportunidade de levar aos seus queridos uma parte de seu coração sacerdotal e de partilhar, com eles, as graças divinas de que é portador. Ao mesmo tempo, a experiência permanente de sentir-se amado pelos seus familiares fortalece a maturidade de seu amor a ser partilhado com os fiéis que a Providência Divina confiou ao seu coração! Louvo e bendigo a Deus pelos pais e pelos onze irmãos e irmãs que me concedeu.
O padre amigo
A amizade com João Batista estava entre as primeiras ami- zades de Jesus: "É preciso que ele cresça e eu diminua?? João não pensava em si, mas em Jesus.
MARTINI, Carlo Maria. Il Caso Serio della Fede. Piemme, 2002, p. 78, comentando Jo 3,30.
18
Jesus não escondeu suas amizades. Para presenciar a ressur- reição de Talita, a sua transfiguração e na solidão do Horto das Oliveiras, chamou apenas Pedro, Tiago e João. Na última ceia, era João quem estava a seu lado e repousou a cabeça em seu peito: "Um dos seus discípulos, aquele a quem Jesus amava, estava re- clinado no seio de Jesus" (Jo 13,23). Esteve mais de uma vez na casa de Lázaro, Marta e Maria. "As irmãs mandaram avisar Jesus: 'Senhor aquele a quem amas está enfermo"" (Jo 11,3).
Jesus diz, nas confidências supremas, na última ceia: "Eu já não vos chamo servos, porque o servo permanece na ignorância do que faz o seu senhor; eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi junto de meu Pai vo-lo fiz conhecer. Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi, designei para irdes produzir fruto e para que o vosso fruto permaneça, de modo que tudo O que pedirdes ao Pai em meu nome ele vo-lo concederá. O que vos ordeno é que vos ameis uns aos outros" (Jo 15,15-17).
A condição para entregar a Igreja a Pedro foi o amor, e amor maior: "Simão, filho de João, tu me amas mais do que es- tes?" (Jo 21,15).
É notória a amizade entre Paulo e Timóteo. São Gregório de Nazianzo e São Basílio de Cesareia desenvolveram uma grande amizade, que mereceu um belo estudo: Uma alma em dois corpos.' Escreveu Santo Agostinho: "A amizade só é verdadeira quando une pessoas ligadas a ti pelo 'amor derramado em nossos cora- ções pelo Espírito Santo que nos foi dado" (cf. Rm 5,5)."
De 11 a 15 de setembro de 1989, houve um congresso sacer- dotal na Espanha, organizado pela Comissão Nacional do Clero, com a participação de 800 sacerdotes diocesanos e religiosos de todas as dioceses da Espanha e 50 bispos. Um dos conferencis- tas ressaltou o valor do padre amigo como fator de perseveran- ça: "Quando alguns abandonaram o ministério, o falar com um
AURELIO DE AVIZ, Darlan. Uma alma em dois corpos. A amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo. Dissertação de Mestrado. Rio: PUC, 2017.
"
SANTO AGOSTINHO. Confissões. São Paulo: Paulus, 2016, 7 reimpressão, p. 94.
49

irmão quase sempre o fizeram tarde. Melhor seria fazê-lo sempre, inclusive para crescer no desenvolvimento afetivo com a ajuda dos irmãos mais experimentados".
É muito importante para um sacerdote ter um padre verda- deiramente amigo. Procurei sempre cultivar amizade com sacer- dotes. Relato alguns fatos com amigos falecidos. Conheci, no tempo de estudante em Roma, o frei José Ca- nísio Persch, sacerdote carmelita, gaúcho. Apesar da distância, eu em Minas Gerais, e ele no Rio Grande do Sul, desenvolvemos uma longa e bela amizade. Em fevereiro de 2014, agravou-se seu estado de saúde. Fui visitá-lo. Conversamos muito. Celebrei com ele a sua última missa. Ele ficou assentado na sala, participan- do. Era já noite. Ao ser levado para o quarto, disse-me, com os olhos cheios de lágrimas: "A emoção é tanta, que perdi o sono!" Faleceu pouco tempo depois, no Hospital Centenário, em São Leopoldo, em 29 de março. No ano seguinte, voltei para visitar o seu túmulo no Convento da Glória dos Padres Carmelitas, em Porto Alegre.
Dom Ricardo Pedro Chaves Pinto Filho foi, também, um grande amigo. Eu o conheci depois que fora eleito bispo. Nós nos visitávamos e fazíamos viagens e passeios juntos. Após o acidente que sofreu, eu o visitei em sua casa, em Monte Sião, MG. Quando ele morreu, em 01 de abril de 2018, recebi mais de sessenta cum- primentos de condolências, "pela morte de seu amigo!" Nunca imaginara que nossa amizade fosse tão acompanhada e partilha- da por tantos amigos.
Tive outro padre amigo, mas que não correspondia sempre aos meus gestos de amizade. Quando ficou doente, arrumei um pequeno avião para ir visitá-lo. Quando recuperado, nunca agra- deceu nem retribuiu a visita. Eu havia, porém, recebido dele mui- tos gestos de atenção e lhe devia mesmo um grande gesto de fide- lidade. A amizade continuou. Quando a amizade é verdadeira,

ABAD, Joaquin Martin. Celibato Consagrado. Conferència no Congresso de Espiritualida- de Sacerdotal. Editorial de la Conferencia Episcopal Española, 1989, p. 416.

os desajustes não atingem o cerne. Soube entender as suas limi- tações para expressar seus sentimentos. Rezo pela sua paz eterna!
Hoje, pelo WhatsApp, nos comunicamos com os amigos mais vezes e com maior frequência. A amizade autêntica, porém, crescerá nos contatos pessoais, oportunidades em que cada um poderá se colocar com maior objetividade e clareza nos seus sen- timentos. Daí a importância de reservar tempo na agenda do ano para estar com os amigos, sobretudo com os padres amigos. Uma bela e boa amizade é, também, um dom de Deus!
E as decepções na amizade? A decepção, para ser decepção, tem de vir de quem menos se espera, senão não seria decepção! O coração humano é um mistério impenetrável, insondável. A única atitude correta diante das decepções na amizade é a de silêncio e respeito, que são consequências de uma amizade verdadeira.
Conheci pessoas que tiveram seu casamento demolido pela infidelidade da outra parte e que nunca se queixaram do(a) "ex": lhaneza, elegância, finesse, nobreza de caráter.

5.
OS DESAFIOS PARA UM JOVEM PADRE'

Q
ualquer novo trabalho ou ação que implique responsabili-

dade traz, naturalmente, certa tensão para quem o exerce. Imagino a tensão de um piloto da aviação comercial que recebe o comando de uma aeronave de porte maior que a anterior, com duzentos a trezentos passageiros a bordo. Assim, também, o cirur- gião novo, que faz a sua primeira cirurgia sem o médico profes- sor ao lado ou, ainda, o professor iniciante, em sua primeira aula numa faculdade. Da mesma forma, o sacerdote novo experimenta, necessariamente, certa tensão ao assumir o seu primeiro trabalho pastoral e, mais ainda, quando recebe a sua primeira paróquia. Surge, possivelmente, um medo de não conseguir responder às exigências da paróquia ou aos questionamentos sempre novos e imprevisíveis. Há, também, o receio de não agradar, ao ser com- parado com seu antecessor. Recordo-me de que me sentia tenso nas primeiras confissões que atendi. As dificuldades de qualquer profissão só são superadas com o tempo. Ninguém é bom moto- rista apenas ao receber a sua habilitação para dirigir. Com o tem- po, esforçando-se sempre para bem dirigir, aceitando conselhos de outras pessoas, ele conseguirá ser um bom motorista.
A palavra "entusiasmo" é assim explicada em um dicioná- rio: "Na Antiguidade, exaltação ou arrebatamento extraordinário
Recebi, para redigir esta parte, a sugestão de diversos padres, com poucos anos de minis- tério e de dioceses diferentes.

daqueles que estavam sob inspiração divina".? Na etimologia, en + Theós: em Deus, com uma força divina. O sacerdote entra na seara de Jesus com uma força divina, cheio de Deus, cheio de entusias- mo ao levar Jesus Cristo aos corações de seu povo. Um padre sem entusiasmo seria como um atleta engessado!
André, ao encontrar Jesus, vai anunciá-lo a seu irmão: "An- dré, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido a declaração de João e haviam seguido Jesus. Ele foi encontrar primeiro seu irmão Simão e lhe falou: 'Encontramos o Messias, que quer dizer Cristo. Então conduziu-o até Jesus" (Jo 1,40-42).
O mesmo acontece com os discípulos de Emaús: "E diziam um ao outro: 'Não estava ardendo o nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos abria as Escrituras?' Naquela mes- ma hora, levantaram-se e voltaram a Jerusalém, onde encontraram reunidos os onze e os outros discípulos. [...] Então os dois relata- ram o que acontecera no caminho e como o haviam reconhecido ao partir o pão" (Lc 24,32-35). O dia já estava declinando. Eles haviam feito oito quilômetros a pé. O entusiasmo de encontrarem Jesus ressuscitado os fez esquecer a noite que se aproximava, o can- saço do dia e os oito quilômetros que os esperavam: entusiasmo!
Teríamos, nesta seção, quatro campos para refletir: três deles na linha do relacionamento humano e um relativo à estrutura da paróquia.
Por melhor que seja um seminário, ele nunca vai conseguir preparar suficientemente seus seminaristas para todos os desafios que a direção de uma paróquia vai exigir no futuro. Só se aprende
a dirigir um carro dirigindo-o. O ministério sacerdotal é um lidar permanentemente com pessoas, que não se repetem nem no ser nem no agir. Diante dessa realidade, caem todas as teorias.
No relacionamento humano, as dificuldades poderiam vir para com a autoridade superior, para com seus pares e para com os subalternos, isto é, com o próprio bispo, com os colegas padres
e com os paroquianos.

AURELIO Nova Fronteira, 1988.
51
Com o bispo: há mais de duas décadas, o mundo vive uma crise de autoridade, um desrespeito, quase permanente, a toda e a qualquer autoridade constituída, sob o véu acusatório de possível corrupção. Essa maneira de pensar, quanto à autoridade civil, pode ter entrado, aqui e ali, na Igreja, que é filha do tempo em que vive. Na Igreja, porém, deve prevalecer o espírito de fé, que é o vínculo que une todos os batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e, portanto, irmanados em Cristo. Os pecados individuais de um padre ou de um bispo não têm força para desfazer esse vínculo de fé. O sacerdote e o bispo são mais que líderes políticos ou sociais. Ensina-nos São Paulo: "Não vos conformeis com o mundo, mas transformai-vos, renovando vossa maneira de pensar e de julgar, para que possais distinguir o que é da vontade de Deus, isto é, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito" (Rm 12,2).
As dificuldades com a pessoa do próprio bispo podem nas- cer de uma transferência de relacionamento com o próprio pai. Disse-me uma vez um sacerdote, perto dos seus 50 anos: "Tenho dificuldades de falar com o senhor, porque vejo em sua pessoa a pessoa do meu pai, com quem não me dei bem". Podem, ainda, re- sultar de transferência de dificuldade com a autoridade anterior, ou o reitor do seminário ou o bispo anterior. Assim me relatou outro sacerdote: "Gosto do senhor, mas tenho dificuldades para The falar, pois não combinei com o outro bispo e eu o vejo na sua pessoa". As dificuldades podem nascer, também, diretamente com o próprio bispo, por alguma atitude ou palavra pouco delicada, já que nenhum bispo é anjo e pode ter suas dificuldades de tempera- mento. É também possível a influência negativa de colegas padres que não se deram bem com seu bispo.
Há dioceses que são grandes verticalmente, com uma grande população em alta densidade demográfica: muitos fiéis e muitos padres para um mesmo bispo. Fui bispo auxiliar. Bispo auxiliar não é bispo diocesano, não tem as chaves na mão; ele é como o segundo violino na orquestra, tem de tocar afinado e no ritmo do primeiro violino; ele resolve problemas de celebrações e adminis- trativos, mas não é o bispo de cada padre. O padre continua se 55

sentindo distante do próprio bispo. Outras dioceses são geogra- ficamente extensas, com grandes distâncias, ligadas por estradas precárias. Por mais que o bispo queira e se esforce, ele não conse- gue estar perto de todos e de cada padre. Sofri com essa situação. O bispo não é um super-homem, é humano. Assim como o páro- co encontra distância entre o que ele gostaria de fazer na paróquia e o que realmente é possível, o bispo padece dos mesmos limites na condução de uma diocese. Uma vez, na Itália, perguntei a um sacerdote que, depois de doze anos de padre, estava recebendo a sua primeira paróquia: "Seu bispo conhece você, pelo nome?" O pároco estava ao lado e ele gaguejou para responder: "O bispo que faz as transferências me conhece". A diocese tinha 1.200 padres. O sacerdote novo que experimenta alguma dificuldade para o acesso ao seu bispo pode encontrar, numa distância razoável, um sacerdote de maior experiência que possa ajudá-lo, também espiritualmente, em seu ministério sacerdotal.
Recordo-me de que, ainda padre novo, fui falar com meu arcebispo. Seu escritório ficava no segundo andar da casa. Havia uma bela escada de madeira, que lembrava aquelas que só são vistas em filmes. Ao chegar, vi um sacerdote bem maduro, que, no dizer de Alexandre Herculano, "descia os degraus quatro a qua- tro", com seu hábito de frade esvoaçando alto atrás de si, de cara amarrada e que desapareceu sem dizer palavra. Subi. O arcebispo estava com o jornal O Estado de S. Paulo aberto em suas mãos. Olhou-me com semblante fechado e falou em tom áspero e forte: "O que é que você quer?". "Nada", respondi, "vim

apenas ver o senhor e cumprimentá-lo". Disse, então, algumas generalidades, beijei sua mão e fui embora. No dia seguinte, voltei e resolvi o que precisava. O padre tem de saber entender a pessoa de seu bispo.
Ocorre que o bispo tem uma missão grave e de grande res- ponsabilidade na Igreja e que deve, também ele, de cinco em cin- co anos, prestar contas em Roma ao papa, que o nomeou bispo daquela diocese. Não há correção sem interdição. Pude apreciar, como bispo diocesano, a beleza da Igreja, no comum de seus fiéis, com a presença agregadora, unificadora e

defender o bem
harmonizadora do bispo. Um bispo sozinho não é Igreja, mas não há Igreja sem bispo. Somos Igreja Católica, Apostólica, com o fundamento nos apóstolos, unidos pela fé em Jesus Cristo e vi- vendo permanentemente com espírito de fé.
Com os colegas padres: há um belo filme, da Paramount, que merece ser visto: O Bom Pastor, vencedor de 7 Oscars, de Leo McCarey, com Bing Crosby. O bispo decide trocar o velho padre que já estava na paróquia havia 46 anos. O padre novo chega com a provisão de pároco, sem dizer isso a ninguém, nem ao pároco. O velho, de batina o dia inteiro e barrete na cabeça,' entende que
o jovem seria seu auxiliar. O jovem padre de clergyman, chapéu moderno e seu equipamento de golfe nas mãos. As beatas fazem coro com o velho padre, que não suporta a simpatia com que o novo é acolhido pelas pessoas, sobretudo pelos jovenzinhos. O jovem dobra o velho e ganha a amizade e a confiança dele. Ciúme!
Os tempos passam, mas os problemas se repetem. Em meu segundo ou terceiro ano de padre, preguei no pontifical das 9h, no Domingo de Páscoa, na Catedral de Pouso Alegre. Estavam presentes, na oportunidade, o arcebispo, no trono; ao seu lado, dois sacerdotes, como se fossem diáconos; mais dois cônegos pa- ramentados a sua frente, um à direita e outro à esquerda; o pároco de pluvial como presbítero assistente, à direita de um dos sacerdo- tes diáconos: um verdadeiro e solene pontifical! Foi antes da re- forma litúrgica, naturalmente. Eu, de batina, sobrepeliz e estola, à estação do Evangelho, como se dizia, subi ao púlpito e fiz a prega- ção com todos os efes e erres! Ao final da missa, na sacristia, ouvi do velho monsenhor e pároco, referindo-se, em voz alta, a minha pregação: "Ele não sabe nada!". Cinco ou seis dias depois, um po- licial da PRF, ao me encontrar, perguntou: "Foi o senhor quem pregou na Catedral, no domingo passado, na missa das 9h?". O problema é humano e vai continuar se repetindo pelos séculos!
Um chapéu quadrangular, com três gomos arredondados sobre a cabeça e uma borla de fios ao centro, no encontro dos gomos.

Vale para o vigário paroquial o que escrevi a respeito do bispo auxiliar: ser o segundo violino. Vigário paroquial não é, contudo, seminarista de estola! Não é de se estranhar, caso, por razões diversas, os sacerdotes de mais tempo no ministério não acolham bem o padre novo, como deveriam. Pode acontecer, ainda, alguma ironia desfazendo os bons méritos do padre novo. Não se trata de uma questão pessoal com esse ou com aquele padre. O padre novo tem de entender que a situação seria a mes- ma com qualquer outro sacerdote que estivesse em seu lugar. A despeito disso, tenho testemunhado exemplos admiráveis de fra- ternidade sacerdotal entre sacerdotes mais novos e mais velhos. Os mais velhos dando sua atenção aos novos, e esses, carinho- sos com os mais velhos. É

importante para o padre novo não ter medo de se inspirar nos acertos dos irmãos padres, que devem perceber, também, que na vida ninguém é insubstituível. Um elogio sincero faz bem a todos!
Como acontece que um ou outro padre deixe o ministério sacerdotal, é possível que, antes de fazê-lo, ele não tenha sido de bom exemplo. Mas os jovens casados encontram, também, maus exemplos de pessoas que são infiéis no casamento ou que não são bons esposos, nem bons pais. Nem por isso esses jovens perdem o seu ideal de constituir um lar santo e feliz e vivem alegremente a família que Deus lhes concedeu. Cada um faz o seu caminho. É a ocasião para exercitar a virtude do discernimento.
Para viver bem, é muito importante não se comparar com ninguém, muito menos com o irmão sacerdote. Cada um tem seus talentos e carismas, e ninguém concorre com ninguém. É o que nos ensina São Paulo, na carta aos Gálatas: "Cada um examine suas próprias ações; então, poderá ter de se gloriar, mas somente por referência a si mesmo e não se comparando com outrem. Pois cada qual tem de carregar seu próprio fardo" (Gl 6,4-5).
Existe, no entanto, o risco da solidão para todos, sobretudo para o jovem padre. Passa-se da vida comunitária para a vida soli- tária. Acostumado com o dia a dia no seminário, com a convivên- cia de colegas, de padres formadores e de professores, ao chegar
58
à paróquia, depois de um domingo movimentado, encontra, na abanar casa paroquial, um gato ou cachorro, se os tiver: um para
o rabinho e latir e outro para miar. Não há mais ninguém para conversar e para partilhar os acontecimentos do dia! Apesar de tudo, ainda é mais confortável que Jesus no Horto das Oliveiras, uma de minhas devoções!
A casa paroquial não é clausura nem quarto de hospital. Ela precisa de discrição. Deve, no entanto, distinguir-se como casa paroquial, ter sua identidade, de modo que qualquer pessoa que chegue perceba que está na casa de um sacerdote de Jesus Cristo.
Recordo-me de um pároco em Ellesmere Port, na Inglaterra. Ao questioná-lo sobre por que tomava o café da manhã na copa e o almoço na sala de visitas, desmontando e remontando, todos os dias, uma mesa tipo aparador, respondeu: "I like my privacy". A casa paroquial precisa de sua privacidade. Há o risco de pesso- as que a frequentam não serem muito prudentes e discretas em seus comentários. Há, contudo, momentos em que, realmente, a solidão pesa, para qualquer um, independentemente da idade do sacerdote. Uma noite, quando pároco, já com treze anos de para sacerdócio, senti falta de alguém para conversar. Telefonei um paroquiano e perguntei: "Você não quer vir tomar uma cerve- ja comigo?" Resposta: "Pode ser outro dia?" "Sim, tudo bem." Ele estava jogando cartas com seus familiares. Nunca mais chamei ninguém, nem ele voltou a falar em tomar uma cerveja comigo! Naquela noite, continuei a leitura de um livro! Foi ruim.
Há, ainda, a solidão na doença. Essa presença junto ao padre doente é difícil para os paroquianos, que trabalham durante o dia. E os colegas padres estão envolvidos em suas paróquias. Alguns sacerdotes são mais sensíveis a essa necessidade do irmão padre. Vi belos testemunhos de presença amiga de sacerdotes para com
o padre doente, inclusive com ajuda financeira, discreta, ao padre doente e a sua mãezinha, para ajudá-la nas despesas de condução que são mais e de alimentação, em uma cidade grande. Há outros alheios e que não percebem as necessidades do irmão! O caminho é sublimar a solidão na oração, sem vitimismo, sem fazer drama. 59

A solidão pode chegar, também, quando os cabelos brancos aumentam. Não é propriamente uma desatenção por parte do cle- ro, mas é consequência do volume de

serviços, de atividades e de preocupações que absorvem os sacerdotes, que terminam não tendo tempo para si mesmos, nem mesmo para cuidar da própria saúde. Mas isso acontece também em algumas famílias com seus velhinhos. Algumas dioceses têm a Casa do Clero, que acolhe os sacerdotes idosos ou enfermos, o que não dispensa a visita cari- nhosa e caridosa dos irmãos sacerdotes. Em uma capital do Bra- sil, visitei uma casa para hansenianos pobres. Eram uns quarenta. Fui a todos os quartos, conversei com todos e dei a mão a todos. No último quarto, encontrei mãe e filha doentes. Disseram-me: "Nossa família mora perto. Nós estamos aqui há três anos e nunca ninguém veio nos visitar". Entendi que seria medo de contrair a doença. Mas a solidão dói, e dói muito!

Há ainda outro fator. No casamento, os casais se escolhem no amor, e a convivência depois se torna difícil, apesar de todos os valores positivos de um lar, como a presença dos filhos, que são a hipoteca da união matrimonial. Nós não nos escolhemos, nem temos compensações humanas; precisamos, pois, superar, na fé,

a diversidade de temperamento, de idade e de caráter. Quando o clero tem uma mesma forma, ou seja, um mesmo seminário de origem, torna-se mais fácil a fraternidade presbiteral. Mas, quan- do o clero de uma diocese foi formado em diversos seminários, as marcas de fábrica diferem entre si, pesando negativamente na fraternidade sacerdotal.

nova-

Com os fiéis: a paróquia é como a massa preparada para o pedreiro. Misturam-se areia e cimento. Quando se adiciona a água, em dois tempos, ela escapa para um dos lados. Corrige-se com a enxada, e a água escapa do outro lado. Corrige-se mente, e outra vez a água escapa. Nenhum padre consegue aten- der todas as necessidades da paróquia. Como a água, alguma coi- sa escapa sem ser feita ou atendida. É o confronto permanente da limitação humana diante do excesso de demanda. A paróquia é

como um poço sem fundo, nunca se consegue enchê-lo. Um bom planejamento do que pode e convém ser feito é uma forma de diminuir a sensação de fracasso ao final.

A paróquia é, também, como uma fazenda: quanto mais O conforta nessa situação é a se planta, mais trabalho gera. que consciência de que a Igreja é de Cristo e que devemos desenvol- ver o nosso ministério da melhor maneira possível. Ele faz por nós o que não conseguimos fazer. Mas, a cada dia, nascem novas oportunidades de ação apostólica. Nos aeroportos, as conversas nem sempre são discretas, falam em alta voz. As conversas e os telefonemas dos executivos estão sempre pautados por avalia- ções e metas. Quem não se avalia, quem não se propõe metas, corre o risco de parar no tempo. Contou-me um médico que, uma vez, em seu consultório, entrou a secretária trazendo a cor- respondência do dia. Por cima, estava a publicidade de um con- gresso internacional de sua especialidade. Ele, quase sem perce- ber, disse em voz alta: "Um congresso nos Estados Unidos! Mas eu não vou poder ir!" Emendou sua paciente, pessoa simples: “É, doutor! O senhor não vai não? A medicina vai para frente, e o senhor vai ficar para trás!" Carregamos o doce peso da obrigação permanente de nos qualificar. Os talentos, porém, que cada um não podem ficar enterra- de nós recebeu - cinco, dois ou um - dos. "Depois de muito tempo, o Senhor voltou e foi ajustar contas com os seus servos" (Mt 25,19). Quando assumi a paróquia, em 31 de janeiro de 1981, ela adquiria, por mês, seis mil hostias. Sete anos depois, entreguei a paróquia com a necessidade de dezesseis mil hóstias mensais. Como a participação eucarística nas missas é uma consequência da conscientização dos fiéis, aquele número serviu-me para avaliar, em parte, o fruto de meu trabalho, como pároco, naquela comunidade. Trabalhar, portanto, com coragem e determinação, mas, sobretudo, com espírito de fé. Mas não po- demos nos esquecer do ensinamento de São Paulo: "Eu plantei,

Apolo regou, mas Deus fazia crescer. De modo que nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas aquele que faz cres- cer: Deus" (1Cor 3,6-7).
61

Cada um de nós tem seu perfil com carismas e com talentos próprios. É importante sermos fiéis a nós mesmos e não preten- dermos ser diferentes do que somos. Não somos artistas nem es- tamos em concurso de simpatia. Somos sacerdotes de Jesus Cristo e, por ele e com ele, dedicamos nossas vidas a sua Igreja. São Pau- lo sofreu com suas comunidades!
Há um espaço pastoral de suma importância: desenvolver com os paroquianos a missão para a comunhão e a comunhão para a missão. O grande segredo está na capacidade de ouvir. Cada comunidade, mesmo rural, tem sua história que se funda- menta, em geral, no casal patriarca ou nos casais patriarcas da comunidade, ou seja, os primeiros casais fundadores da comuni- dade. Sendo eles pessoas de fé, nasce uma comunidade fervorosa, mas, sendo pessoas com algum preconceito religioso, esse vazio espiritual é passado imperceptivelmente às gerações seguintes. Caso a comunidade tenha sofrido desentendimento sério com al- gum sacerdote no passado, fica um clima de desconfiança diante de pessoas que representam a Igreja. Conquistada a confiança, é possível estabelecer o clima de comunhão pela valorização dos líderes naturais daquela comunidade e, sobretudo, pelo reconhe- cimento de suas riquezas culturais e espirituais. O povo aprende conosco, mas também temos muito que aprender com ele. Trata- -se da sabedoria de amar o povo como ele é, sem imaginar uma comunidade perfeita, que não existe.
Não existe paróquia difícil! O padre é que pode não saber acolher o seu rebanho. A paróquia já existe bem antes de o padre chegar; ela tem a sua história, a sua caminhada de fé. A chegada de um novo pároco não pode ser um trauma para os paroquianos. Contudo, pode aparecer, às vezes, certa desconfiança por parte de alguns paroquianos, sobretudo aqueles que já estavam acostuma- dos a mandar com o pároco anterior. Mas são pessoas isoladas. Há, também, aqueles que chegam a desafiar o padre novo com frases do tipo: "Você é novo e nós vamos ensinar como você deve fazer nesta paróquia!" (Quanta pretensa intimidação e desres- peito ao jovem padre que chega!). O padre precisa saber colocar
62
essas poucas pessoas no seu devido lugar, sem magoá-las, o que nem sempre é fácil. Aprendi que não se peita o povo; conduz-se o povo, sem enfrentá-lo. Torna-se naturalmente necessária a sabe- doria do padre em propor, sem impor. A liderança, porém, nasce da humildade.
É importante considerar, ainda, que, com os recursos tec- nológicos que permitem uma comunicação rápida e instantânea, falhas de sacerdotes acontecidas em qualquer parte do mundo chegam até nós como se tivessem acontecido do outro lado da rua. Notícia boa não se vende. É notícia aquilo que se quer es- quem conder, como o ganhador da Mega-Sena, ou os pecados de quer que seja. Dessa forma, dá-se ênfase às falhas ou aos peca- dos de uns poucos, mas o belo testemunho de mais de 430.000 sacerdotes que doam, generosa e continuamente, suas vidas por seus irmãos, em condições desafiadoras e de risco, desaparece no esquecimento, sendo coberto pela poeira do tempo! Como con- sequência, aqui e ali, vai se perdendo a visão de fé no respeito para com o proprio sacerdote e até para com o próprio bispo. É o mistério da iniquidade.
Uma das personalidades da Igreja no Brasil que mais ad- mirei foi o cardeal dom Aloísio Lorscheider, que completou seu ministério como arcebispo de Aparecida. Já bispo, pedi seus conselhos mais de uma vez. Na última, ao questionar sobre as prioridades a tomar na arquidiocese que deveria assumir, res- pondeu-me: "Visite os pobres, visite os pobres".

Soube que, em Aparecida, ele, cardeal, ia de casa em casa, visitando os pobres. Chegando à nova diocese, as exigências foram tantas que só con- segui colocar seu conselho em prática nas poucas visitas pasto- que consegui fazer.'
rais
A análise dos problemas que nascem da estrutura das paróquias não cabe nos objetivos destas páginas.
63

6.
O MALIGNO E O SACERDOTE
Na
oração do pai-nosso, há uma sutileza colocada por Jesus: "Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal".
Sempre entendi que as tentações são necessárias para que eu tenha a oportunidade de manifestar que o amor a Deus é a minha preferência. Após o pecado dos primeiros pais, se não houvesse tentações, seríamos naturalmente voltados ao bem, como Adão e Eva eram antes de se rebelarem contra Deus. Não teríamos as consequências da natureza decaída. Diante das tentações, faço minha opção pela amizade com Deus. Jesus não nos ensinou a rezar "livrai-nos das tentações", mas "não nos deixeis cair em ten- tação". Ensinou-nos, no entanto, a rezar: "livrai-nos do mal". Esse mal, portanto, não é apenas o mal do pecado.
Na liturgia da missa, logo após a oração do pai-nosso, o sacerdote reza, em voz alta: "Livrai-nos de todos os males, ó Pai, [...] Sejamos sempre livres do pecado e protegidos de todos os perigos [...]". Esses males não excluem, mas também não signi- ficam o mal do pecado, pois a oração continua explicitando o perigo do pecado. São, portanto, todos os males: pessoas más, a calúnia, a maledicência, a inveja de terceiros, a doença, os pre- juízos etc.
Em seguida, antes da comunhão, o sacerdote reza em voz baixa: "Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, [...] Livrai-me dos meus pecados e de todo o mal".
Novamente a distinção entre pecados e o mal. Em três vezes, portanto, antes da comunhão, o sacerdote pede a Deus que o li- vre do mal. Segundo o Catecismo Católico, o demônio tem poder
65

limitado e indireto sobre a criatura humana. Pode, pois, insinuar
a uma pessoa para agir querendo o mal de outra.
Nós, sacerdotes, não somos imunes ao mal, tampouco somos imunes às tentações do maligno. Temos de vigiar e nos cuidar. "Vigiai e orai, para não cairdes em tentação [...]" (Mt 26,41) foi o conselho de Jesus aos seus Apóstolos, no Horto das Oliveiras. Tal conselho vale muito mais para todos nós.
O maligno, no seu ser e no seu agir demoníaco, sabe que o sacerdote é seu opositor radical. O demônio, sendo um anjo deca- ído, conserva a visão imediata, a clarividência - não dependente dos sentidos-, é inteligente e sabe criar circunstâncias novas para afastar de Deus os seus escolhidos.
Os pontos frágeis da criatura privilegiada pelo amor preferen- cial de Deus, diante das insidias do maligno:
1. Quando a criatura não chega a perceber, a compreender o mistério de ser pessoa preferencial do amor divino ou quando vem a perder a percepção desse mistério de amor.

Isso pode acontecer quando a pessoa imagina que a escolha divina foi em razão de suas qualidades e não apesar delas e, con- templando sua pequenez, suas próprias falhas e não correspon- dência involuntária ao amor de Deus, esmorece em sua resposta de amor, esquecendo-se do ensinamento de São Paulo: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fl 4,13). "E disse-me: 'A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza! [...] necessidades, Por isso sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quan- do sou fraco, então é que sou forte" (2Cor 12,9-10). Repete-se o problema quando o sacerdote deixa esfriar, em que Cristo seu coração, a visão de fé, esquecendo-se de e por ele, que suas mãos são também as mãos de Cristo, com um poder misterioso, sacramental de abençoar, de perdoar os
Catecismo da Igreja Católica, 395.
66
age
nele
pecados, de consagrar o pão e o vinho, transformando-os no Corpo e no Sangue de Jesus. No sacramento da reconciliação, ele dirá: "Nosso Senhor Jesus Cristo te absolva, e eu, por sua autoridade, te absolvo de teus pecados [...]". Na celebração da santa missa, transparece toda a grandeza de sua "imesmação" em Cristo, quando diz: "Tomai e comei, isto é o meu corpo [...] Tomai e bebei, este é o cálice do meu sangue [...]". Toda lingua- gem humana é parca e pálida para descrever o indescritível do milagre sublime da Eucaristia!
A situação de perda da visão de fé no sacerdócio pode, ain- da, acontecer quando a criatura se desvia do seu ser para o agir, caindo no ativismo; quando mergulha na ação pela ação, caindo no ativismo; quando se desgasta diante de tantos problemas ao seu redor, caindo inconscientemente num ativismo sem a re- taguarda de uma vida de oração proporcional. Pode-se, ainda, perder a visão de fé quando o sacerdote se concentra nos diver- sos aspectos organizativos; quando racionaliza os ensinamentos do Magistério da Igreja e dos santos, distorcendo-os; quando não alimenta suficientemente a sua resposta de amor por uma vida de união com Deus na oração, na prática dos sacramentos, na prática da caridade, na leitura da Palavra, ou seja, no culti- vo contínuo de sua espiritualidade.
Recordo, a esse respeito, o apostolado do Padre Guy Gilbert, que à noite dava assistência aos jovens de rua de Paris. Segundo relata em seu livro, fazia vinte noites de apostolado e se retirava por dez dias, para rezar, para manter o equilíbrio espiritual diante do desafio pesado dos problemas de seus jovens, que experimentavam todos os tipos de violência. O ativismo acontece na falta de uma visão global das exigências e prioridades ou na falta de um plano de trabalho para manter o equilíbrio no dia a dia, ou ainda pela incapaci- dade de delegar o que pode ser delegado a leigos competentes,
Do italiano immedesimare tornar-se o mesmo com outra pessoa, ou duas coisas que se unem intimamente numa só.
GILBERT, Guy. Dieu mon premier Amour. Editions Stock, 1995.
67
7

como o caso da supervisão de construções, que nunca faltam em uma paróquia. O mesmo acontece, também, quando ele imagi- na que o resultado de seu apostolado advém de suas qualidades humanas, e não da força da graça, ou seja, quando o sacerdote perde a visão de fé em seu apostolado, tornando-se, então, uma vítima apetitosa para o maligno.
Eu era ainda seminarista, estudante de Filosofia, quando perguntei a um sacerdote, professor de Psicologia, que eu muito admirava por sua personalidade sacerdotal: "Padre

Antônio Car- los, por que alguns sacerdotes que se especializaram em Psicolo- gia, com o tempo, abandonaram o sacerdócio?" Respondeu-me: "Acontece que onde nós dizemos 'graça', a Psicologia diz 'facul- dade". Se o sacerdote não ficar atento, ele pode correr o risco de se deixar levar por uma visão mecanicista do agir humano, es- quecendo-se da visão do poder da graça santificante no ser e no agir da pessoa. Isso pode levá-lo a um esvaziamento de sua vida sacerdotal e, consequentemente, ele não encontrará mais motiva- ções para permanecer no ministério.

2. Quando a pessoa perde a sua identidade de sacerdote de Jesus Cristo e se afasta da convivência com o clero ou com sua comunidade de vida apostólica, quando membro de um instituto religioso.

Jesus chamou e formou um grupo de apóstolos; enviou os discípulos, dois a dois, e depois enviou os doze para anunciar o Evangelho por todo o mundo. Não existe padre avulso. Ele age sempre incardinado em uma diocese, ligado a um presbi- tério, unido ao seu bispo, que autentica e que qualifica a sua ação sacerdotal. Afastar-se do próprio bispo e do clero seria um prejuízo muito forte à própria vocação; diria até um "suicídio vocacional". As reuniões do clero, mesmo se não trouxerem grandes aportes aos encaminhamentos pastorais, trazem o valor da convivência com os irmãos padres na alegria do ministério e, consequentemente, um fortalecimento da espiritualidade e da própria vocação.

68

Conheci uma religiosa que trocou de mosteiro. Sentia sauda- des do seu mosteiro de origem. Quando podia, ficava nas frestas da janela veneziana a olhar para o infinito. Seu corpo estava ali, mas seu coração estava no seu querido mosteiro de origem. Se o sacerdote não assume com o coração o seu sacerdócio, se não cultiva o amor a Jesus Cristo, à Igreja, ao seu ministério, o tempo vai enfraquecendo sua vocação, que precisa ser amada, cultivada Francisco: "Cha- papa e bem alimentada. Retorno à homilia do mados por Deus. Creio que seja importante reavivar sempre em por descontada, nós esta realidade que, frequentemente, damos em meio a tantas atividades do dia a dia: 'Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi, diz-nos Jesus (cf. Jo 15,16). Significa retornar à fonte do nosso chamado". Precisamos, sem- pre, voltar à origem de nossa vocação, contemplando o caminho percorrido e tanto bem já realizado, fortalecendo em nós essa trabalhar com de- consciência de escolhidos de Jesus Cristo, para dicação total ao seu Reino.

Lembro-me de um sacerdote que vivia em uma comunidade religiosa, trabalhando em uma paróquia de uma capital brasileira. Aqueles padres tinham um encontro semanal de espiritualidade, de planejamento pastoral e de preparação da homilia dominical. Uma jovem e bela mulher ofereceu-lhe a chave de seu apartamen- to. Aquela chave queimou o seu bolso nos dias que se seguiram. Na reunião daquela semana, ele colocou a chave na mesa e contou a história para seus irmãos padres. Naquele momento, a chave se esfriou e perdeu todo o seu encanto!

3. Nenhum apostolado fora da obediência é salvífico. Quan- do o sacerdote se afasta de seu bispo, que dá a autenticidade ao ministério sacerdotal, quando se afasta do clero ou da comunida- de religiosa, ele termina pregando a si mesmo, e não a Jesus Cris- to. Reúne o povo ao redor de si, e não ao redor de Jesus Cristo.

PAPA FRANCISCO. Homilia na missa com bispos, sacerdotes, religiosos, seminaristas na JMJ Catedral de São Sebastião, Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013.

69

Quando o povo percebe o vazio espiritual do pregador, o abando- na, e ele experimenta uma decepção existencial muito forte, tor- nando-se presa fácil para o maligno. A vida em comunidade pesa, mas sem ela o apostolado torna-se uma bolha de sabão que reluz multicor no ar e se desfaz.

Quando o padre prega a Palavra de Deus, ela tem sua força intrínseca. "Tal como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam sem antes inebriar a terra, tornando-a fecunda e fazendo germinar, produzindo semente para quem semeia e pão para quem come, assim acontece com a minha palavra que sai da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará tudo aquilo que decidi, realizando a missão para a qual a enviei" (Is 55,10-11). Diante do efeito da Palavra de Deus nos corações, acontece, com certa frequência, vir alguma pessoa até o sacer- dote e dizer-lhe: "Padre, parece que o senhor pregou para mim!" O repetir de fatos semelhantes pode trazer a tentação da vaida- de e da autossuficiência, e o seu consequente afastamento dos colegas padres ou do clero. Uma única citação bíblica em uma homilia tem um efeito maior que todo o calor de uma oratória humana. Não deveria existir homilia ou pregação sex mentação na Palavra de Deus.

sem funda-

Nosso ponto fraco é a vaidade. O maligno sabe se insinuar como o caruncho na madeira. Corrói a pessoa por dentro, falan- do-lhe ao ouvido de suas boas qualidades e virtudes, renegando os bons e oportunos conselhos que ela recebe. O caruncho não ataca a aparência, não ataca o verniz. De repente, como o móvel carunchado, que perde sua estrutura interior, a pessoa tomba. É o que se chama a vertigem das pequenas alturas: diante de tantos elogios, e alguns sinceros, a pessoa se deixa inebriar na autocon- templação e cai.

A própria estrutura visível da Igreja favorece e provoca a vaidade, com as honrarias que oferece. Quando fui feito reitor do Seminário de Pouso Alegre, recusei o título de cônego - - e, quando arcebispo forme o costume daquela arquidiocese que tal de Diamantina, não o dei a nenhum sacerdote. Entendi c

70

- con-

título serve para o bispo agradar um padre e magoar os outros. Para não parecer incoerente, vejo que o título de monsenhor agraciado pela Santa Sé é concedido a uns poucos sacerdotes que marcaram a diocese com suas vidas e trabalho e, desde o papa Francisco, é dado a sacerdotes com mais de sessenta e cin- co anos. Aqueles "que fazem de suas vestes uma parte principal de si próprios, em geral, terminam por não valer mais que suas vestes". Visitando Ars, fiquei surpreso: os sapatos, chapéu e ves- tes de São João Maria Vianney eram de uma pobreza extrema; os paramentos para a celebração das santas missas eram da melhor qualidade: para Deus o melhor; para ele, o mínimo necessário. São João Bosco usava barbantes tingidos como cadarço de seus sapatos e, quando recebia novos, oferecia-os a seus clérigos ou sacerdotes e continuava com seus barbantes tingidos. Penso que hoje o sacerdote deve se vestir como um homem de bom gosto da classe média local e com dignidade.

4. Os grupos de amizades. Toda amizade, para ser sadia, tem de ser aberta. Em qualquer comunidade maior, há uma ten- de relacionamento huma- grupos dência natural à formação de no. Tais grupos têm como liame uma ponte de união, que pode ser a idade dos membros, a sua origem geográfica ou de pro- cedência social, o gosto por uma determinada espiritualidade, pelo esporte, pela música ou por outro foco de interesse. É, pois, natural que nasçam no clero alguns grupos de amizade. A per- tença a um grupo pode ser confortável, desde que o grupo não se feche dentro do clero. É muito importante para a

fraternidade sacerdotal que tais grupos sejam abertos a todo o clero e não se transformem em guetos. O gueto é prejudicial tanto ao clero como aos seus membros, que se encolhem entre si, perdendo toda a riqueza humana e espiritual na beleza da diversidade dos sacerdotes de uma diocese. O Maligno é o desamor, divisor por
HAZLITT, William. Apud RAVASI, Gianfranco. Il Profumo dell'alba Mattutino. PIEMME, 2002, p. 377.
71

sua própria natureza e ação. Toda divisão vem do Maligno. O termo "diabo" tem sua origem na língua grega: diá + ballo. Esse termo opõe-se a syn+ ballo que deu origem à palavra símbolo. O símbolo reúne, como a bandeira ou as cores de um país agregam os seus torcedores nas competições olímpicas. O símbolo reúne, o diabo divide. Toda divisão vem do Maligno. O amor reúne! Voltemos a São Paulo: "Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes atividades, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito, em vista do bem de todos" (1 Cor 12,4-7).
5. As tentações na linha do sexto e do nono mandamentos: "Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou. [...] Então Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom [...]" (Gn 1,27-31). O homem foi feito para a mulher, e a mulher foi feita para o homem. A vida celibatá- ria, por motivos de espiritualidade ou de dedicação à ciência, ou ainda por outra razão, é uma vida de exceção. Quem pretender viver uma vida de exceção, no relacionamento homem-mulher, deve se cuidar com medidas de exceção. Deus não fará milagres para corrigir a imprudência de ninguém. Uma autêntica educa- ção para o amor, ao longo da adolescência e da juventude, condu- zirá a pessoa a uma serenidade de vida tanto na fidelidade dentro da vida matrimonial quanto na vida celibatária. Os desequilíbrios não estão na vida celibatária, mas na pessoa, que teria problemas também na vida matrimonial.
que
Os santos padres da Igreja ensinam que nessa área de com- portamento moral só vence as tentações quem delas foge. A pessoa não cultivar a virtude da ascese, que não tiver uma dis- casada ciplina de vida, não vai conseguir viver a fidelidade matrimonial. Aprendi, com 53 anos de confessor e diretor espiritual, que com o Maligno não se conversa. Quem se julgou mais forte que ele caiu! Não há idade, nem estado de vida blindado diante dele. O demônio tem clarividência e é mais inteligente que nós. Esse tipo
72
de tentação tem de ser cortado antes de começar. Tem de haver radicalismo. Não há meios-termos. Ou sim, ou não. Valem aqui as palavras de Jesus: "Seja o vosso sim, sim, e o vosso não, não. O que passa vem do Maligno" (Mt 5,37). Torna-se necessário um permanente desvio do olhar. Ver sem olhar. Há, inegavelmente, uma corrupção dos costumes. Nem tudo o que é comum é natu- ral. O câncer é comum, mas não é natural - no sentido de correto. É necessário fugir da concupiscência dos olhos. Ensina-nos São João: "Não ameis o mundo, nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo não está nele o amor do Pai. Porque tudo o que há no mundo" - o desejo da carne, o desejo dos olhos e a ostentação da riqueza não vem do Pai, mas do mundo" (1Jo 2,15-16). Uma eventual desculpa de fraqueza humana não cobre a responsabili- dade da imprudência aceita e admitida.
1

Quando São João XXIII era núncio apostólico em Paris, ao participar de um banquete, assentou-se perto dele uma senhora com um vestido bem decotado. Quando as frutas foram servidas, ele tomou uma maçã e a ofereceu àquela senhora. Ela se surpre- endeu com o gesto dele. E João XXIII: "Pegue, senhora, por favor. Pois somente quando Eva comeu a maçã se apercebeu que esta- va nua". Noutra oportunidade, nesses banquetes, perguntaram a ele se não se importava com mulheres presentes, muito decota- das, "um escândalo!". E ele respondeu: "Um escândalo? Mas não. Quando há uma mulher muito decotada, ninguém olha para ela, mas para o Núncio Apostólico...".10

O ponto forte de apoio, contudo, não está no horror ao pe- cado, mas no amor à virtude. Ninguém supera um defeito se não amar a virtude contrária. Assim, por exemplo, só consegue se de- sapegar do dinheiro quem amar a virtude da pobreza; só conse- gue deixar o álcool quem amar a sobriedade. O mesmo vale para a virtude da castidade.

As provocações podem surgir a qualquer momento no dia a dia da vida. Podem surgir, ainda, de modo espontâneo, na

10 FESQUET, Henri. I "fioretti" di Papa Giovanni. Turim: Borla, p. 76 e 77.

Internet, no celular, ou intencionais, por parte de terceiros. A curiosidade ou os desequilíbrios adolescentes têm de ficar na ado- lescência, sem se projetar na vida adulta. Quando isso acontece, entendo como uma adolescência retardada. É assunto para psi- coterapeuta, mas não para o confessionário. Ninguém corre atrás daquilo que não ama ou deseja vivamente. Esse foi e é o segredo da santidade. São Domingos Sávio, que morreu aos 15 anos de idade e foi canonizado pelo papa Pio XII, em 12 de junho de 1954, dizia que guardava seus olhos para ver Nossa Senhora no céu. Lê-se no Diário Intimo de São João XXIII:

O meu retiro espiritual como preparação para o meu octogésimo ani- versário, Castel Gandolfo, 10 a 15 de agosto de 1961. 11 de agosto: PECCATA: quanto a castitatem para comigo próprio, em intimidade contra a modéstia: nada de grave, nunca. Nas relações com os outros (homens ou mulheres):" oculis, contactibus, sive in tempore pubertatis, vel iuventutis, vel maturitatis, vel senectutis, neque in lecturis librorum, vel ephemeridorum, vel conpisciendo figuras, vel imagines, gratia Dei, gratia Dei nunquam permisit tentationem et iacturam, nunquam, nun- quam: sed semper adiuvabit me, cum magna in infinita misericordia: in qua confido me servaturum usque ad finem vitae meae.12

6. A Eclesiologia, a Sacramentologia pós-conciliar enfatiza- ram o ex opere operantis na celebração dos sacramentos e dos sa- cramentais. A consagração das espécies eucarísticas feita por um sacerdote que tenha deixado o ministério é válida (ex opere ope- rato), mas ilícita. O Novo Código de Direito Canónico afirma no canon 976: "Qualquer sacerdote, mesmo que não tenha faculdade

11 Giornale dell'anima San Paolo, 1994, 12° edizione, p. 568.

12 Pecados: quanto à castidade para comigo próprio, em intimidade contra a modéstia, nada de grave, nunca. Nas relações com os outros, pelos olhos, por contatos, quer no tempo da puberdade, ou da juventude, ou da maturidade, ou da velhice, nem em leitura de livros, ou de revistas, ou olhando figuras, ou estátuas, a graça de Deus, a graça de Deus nunca permitiu uma tentação de fraqueza ou queda alguma, nunca, nunca: mas sempre me ajudou, com grande e infinita misericórdia: na qual confio me conservar até o fim de minha vida JOAO XXIII.

Diário Intimo. Lisboa: Livraria Agir Editora, 1964, p. 346.
74
de ouvir confissões, absolve válida e licitamente de qualquer cen- sura e de qualquer pecado qualquer penitente em perigo de mor- te, mesmo que esteja presente um sacerdote aprovado". Mas os efeitos da bênção dada por um sacerdote mais santo são diferen- tes dos efeitos daquela dada por um sacerdote menos santo (ex opere operantis). A bênção tem valor igual (ex opere operato), mas seus efeitos são diferentes." A santidade do sacerdote condiciona para mais ou para menos os efeitos de suas celebrações litúrgicas e de seu apostolado. Ouvi por duas vezes o mesmo comentário feito por pessoas diferentes a respeito de um mesmo ministro da Palavra: "Tudo o que ele prega é correto, mas não convence". E por que não convence? Porque não se percebe a emoção na sua voz ou no seu olhar, porque não fala do coração. Fala como um repórter impassível que transmite com o mesmo tom de voz o relato de uma festa ou de uma tragédia.
7. Jesus não se acomodou em Nazaré, esperando que as pes- soas fossem até ele! E, no entanto, ele tinha poder para isso! Jesus foi itinerante, sem uma pedra onde repousar a cabeça: "As raposas têm tocas e os pássaros do céu têm ninhos; mas o Filho do Ho- mem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8,20).
Padre Comblin descreveu a virtude da disponibilidade como uma das grandes quatro luzes a iluminar a vida de um padre: dis- ponível para as pessoas, disponível para o anúncio do Evangelho onde a Igreja o enviar." Nas transferências, contudo, não se pode perder o bem espiritual do sacerdote cuja vocação não pode ser sacrificada ou queimada. Uma transferência mal pensada pode ser um cheque assinado que cobre o fim de uma vida sacerdotal.
13
Ex opere operato significa: a validade da celebração em si mesma, sem levar em conta a santidade do celebrante: celebrante qualificado e autorizado para aquela celebração, observan- do as exigências mínimas necessárias, como o pão de trigo e o vinho de uva na celebração da Eucaristia com as orações especificas do ritual litúrgico. Ex opere operantis além da validade, leva-se em conta a santidade do celebrante e dos participantes da celebração, santidade que qualifica os seus efeitos.
14
COMBLIN, José. "Algumas reflexões sobre a formação sacerdotal hoje. REB, vol. 41, fasc. 162, junho de 1981, p. 326.
75

De modo geral, as pessoas pensam que incomodam quando procuram um sacerdote para receber alguma orientação. Apro- ximam-se e dizem: "Padre, eu sei que o senhor é muito ocupa- do, mas eu posso fazer uma pergunta?" Inicialmente eu pensava que isso acontecia só comigo, pela minha maneira de ser. Depois, outros colegas sacerdotes me relataram a mesma experiência. In- felizmente, nem sempre somos afáveis e fáceis ao sermos abor- dados; algumas vezes nos tornamos difíceis e transmitimos uma imagem negativa a nosso respeito.
8. Quando o sacerdote descuida do estudo da Teologia e da Palavra de Deus, quando deixa sua cultura geral enfraquecer. O sacerdote é guia de uma comunidade, anunciador do Evangelho e atualizador da Palavra de Deus. Hoje, todos os leigos, nas mais diversas profissões, estão estudando permanentemente, fazendo cursos e concursos. Vigiam-se nos títulos e diplomas em razão das promoções em suas carreiras. O sacerdote tem de estar

atua- lizado para poder responder a toda a problemática da sociedade moderna em ebulição, onde vivem os nossos fiéis. O sacerdote, além de pastor, é e deve ser mestre! Padre Bernard Haering nos disse em uma de suas aulas: "É importante que, além das ciências teológicas, vocês sejam peritos em uma ciência civil, para usá-la como linguagem de evangeliza- ção na sociedade em que estamos". Vai na mesma linha falar um português correto e com boa dicção. Uma linguagem claudicante, que deixa Camões "cego dos dois olhos", desautoriza a pregação. São João Paulo II, enquanto Tive informação segura de papa, com todo o volume de seu trabalho, reservava-se, todos os dias, o tempo das 16h às 18h para leitura e estudo de livros de
seu interesse.
que
As homilias, em linguagem clara, simples e objetiva, quando verdadeiras homilias, fazem a delícia do povo que busca e anseia por um aprofundamento na sua fé e um melhor conhecimento da Palavra de Deus, com sua aplicação objetiva e clara no dia a dia da vida. Quando pároco, com frequência, solicitava gravar a homilia

da missa das 18h de domingo. Depois, colocava a fita no carro e, enquanto ia para as missas nas comunidades rurais, eu me ouvia para perceber meus erros de português e falhas de dicção. Ninguém corrige o padre. Ele tem de correr atrás de seu aperfeiçoamento.
9. Missão, sucesso e fracassos. Não fica bem quando quem se colocou a serviço do Evangelho procura ser indicado ou envia- do para uma determinada paróquia, cidade ou região. Também, nessa atitude, estaria o buscar a si próprio e o conforto pessoal, amando a si mesmo mais que a Igreja.
Humanamente, Jesus fracassou: morreu humilhado, ridicu- larizado numa cruz, solitário, sem amigos... Apenas sua mãe, umas poucas mulheres e o discípulo amado por perto. Os apóstolos e discípulos haviam fugido. Nem Lázaro, que Ele ressuscitara pou- cos dias antes, é citado ao pé da cruz pelos evangelistas. Mas Jesus cumpriu a missão que recebera do Pai. O sacerdote não pode bus- car o sucesso, mas apenas cumprir a missão recebida. O sucesso caminha na contramão de quem se apresentou como o Caminho, a Verdade e a Vida (cf. Jo 14,6); "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me; pois quem quiser salvar a sua vida, este a perderá; mas quem perder a sua vida por causa de mim, este a salvará" (Lc 9,23-24). O termo sucesso não combina com a espiritualidade sacerdotal e não fica longe das "trinta moedas"...
10. A ambição por bens, títulos, cargos e honras. No exercí- cio do episcopado, aprendi que o grande pecado dos escolhidos de Deus não estaria em problemas sexuais ou afetivos, mas na ambição por bens, títulos, cargos e honras! Os problemas sexuais e afetivos não são problemas em si mesmos. Surgem como conse- quência do vazio quanto à problemática de uma vida de fé, ou da perda da espiritualidade, da identidade sacerdotal ou, ainda, da ausência de uma cultura geral e teológica.
Sempre entendi os problemas na linha da afetividade como fraqueza humana. Nesse campo, quem ama o perigo nele perece.

São Tomás de Aquino ensina que a rainha das virtudes é a virtude da prudência. O povo, aliás, tem menos dificuldades para perdoar esse tipo de fraqueza no sacerdote, pois padece do mesmo mal. O que o povo não aceita e, portanto, encontra dificuldades para per- doar, é

o pecado da ambição no coração de um sacerdote. Nessa situação, não se trata mais de fraqueza humana, mas de maldade, o que agrava o pecado.
Os Evangelhos mostram como duas pessoas não consegui- ram amar Jesus por causa do dinheiro: o jovem rico, que não acei- tou o convite para seguir Jesus, "porque possuía muitos bens" (Mt 19,16-22) e Judas, que faturou miseráveis trinta moedas, venden- do quem o amava e desejava ser seu amigo, e que, por três vezes, nos últimos instantes dirigiu-lhe palavras de amor! Em vão! As palavras de Jesus a respeito da negociata de Judas são terríveis: "Melhor lhe fora que não tivesse nascido!" Muito triste!
Sempre tive medo de lidar com o dinheiro da Igreja: ali não tem separação entre os centavos que uma pessoa pobrezinha co- loca na coleta, privando-se, muitas vezes, do necessário para sua vida, e a doação generosa de uma pessoa que possui bens. Todo aquele dinheiro se mistura, tornando-se um dinheiro sagrado que queima as mãos de quem lida com ele. Depois que se misturou o café com leite, não tem como separá-los e voltá-los a sua pureza generosidade, original. Assim, o dinheiro do rico, ofertado com
tem, diante de Deus, o mesmo perfume e valor da oferta do po- bre; o dinheiro é ofertado à Igreja, mas por causa de Jesus Cristo, como o dinheiro que caía na bolsa de Judas. O dinheiro da Igreja tem de ser sempre bem aplicado, da melhor maneira possível, no que é realmente necessário, evitando-se perdas e desperdícios.
A ambição vem ligada à vaidade, que é a fraqueza de toda criatura humana. A pessoa consagrada, ao ser consagrada, não perde sua natureza. A graça completa a natureza, mas não a subs- titui. A vaidade, enquanto entendida como cuidado exagerado com a própria aparência, no desejo de ser admirado pelos outros, pode penetrar sutilmente o coração de um sacerdote. A vaidade assemelha-se ao mau hálito: quem tem não o percebe. Um bom

diretor espiritual ajudaria na busca do equilíbrio no cuidar bem da própria saúde e na correta apresentação social de si mesmo. Um bom remédio contra a ambição é a prática discreta e perma- nente da esmola.
É importante lembrar que os apóstolos não eram as pessoas mais santas nem as mais cultas nem as mais poderosas da épo- ca de Jesus. Jesus os chamou apesar de eles serem o que eram, e não por causa de suas qualidades: eram humildes pescadores e sofriam das fragilidades humanas, como a competição e a inveja. Lemos em Marcos:
Tiago e João, os filhos de Zebedeu, foram até ele e disseram-lhe: "Mes- tre, queremos que nos faças o que vamos te pedir". Ele perguntou: "Que quercis que vos faça?" Disseram: "Concede-nos, na tua glória, sentarmo-nos um à tua direita e outro, à tua esquerda". Jesus lhes res- pondeu: "Não sabeis o que estais pedindo. Podeis beber o cálice que serei batizado?" eu vou beber e ser batizados com o batismo com que: Eles disseram-lhe: "Podemos". Jesus replicou-lhes: "Do cálice que eu beber, vós bebereis, e com o batismo com que eu for batizado, sereis batizados. Todavia o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim concedê-lo, mas é para aqueles a quem está prepara- do. Ouvindo isso, os dez começaram a indignar-se contra Tiago e João (Mc 10,35-41).
Se, entre os apóstolos, os doze primeiros escolhidos por Je- sus, convivendo com Jesus, entrou o problema da ambição e com- paração entre eles, não seríamos nós imunes ao vírus da inveja!
Onde há hierarquia, nasce, quase como consequência,
a competição pelos cargos, que gera o carreirismo. A Igreja é hierárquica. Embora de origem divina, ela é humana nos seus membros, que padecem as consequências do pecado original. Isso a torna um campo propício para abrigar o espírito de com- petição e, logicamente, o carreirismo. O próprio ambiente do se- minário favorece o clima de

comparação e de competição entre os seminaristas, o que acontece, às vezes, de modo sutil. Com o 79

culto aos padrinhos nasce a subserviência. Depois, no minis- tério sacerdotal, vem a tentação de ser colocado nas melhores paróquias, quer em termos sociais, quer em termos econômicos. A pessoa pode cair no ridículo, pois, após ter feito as grandes renúncias de sua vida, por causa de Jesus Cristo - renunciando à própria família de origem e à família que poderia constituir, ou ao exercício de uma profissão civil riais bem distantes do dar a própria vida por amor a Jesus Cris- -, agarra-se a valores mate- to. "Se alguém quiser me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e me siga" (Lc 9,23).
Confunde-se muito o ciúme com a inveja. O ciúme é entre três: duas crianças e o colo da mãe; como também entre marido, mulher e o carro. A inveja acontece entre dois. A malícia da in- veja não está em querer para mim o bem do outro. A malícia da inveja está em querer que o outro perca o bem que tem.15 O ciúme é inocente. A inveja é diabólica. A inveja e a mentira são o car- tão de identidade do demônio. Onde houver hierarquia, haverá, também, o campo propício para a inveja: cargos, títulos, honras e promoções. É mais fácil consolar alguém que sofre que alegrar- -se com a vitória e com a promoção dos amigos. O povo percebe quando um sacerdote sente inveja do outro. O invejoso sempre perde a estima da comunidade.
Eu era jovem padre. A sociedade era mais segregativa, racis- ta e preconceituosa. Havia clubes e associações de mútuo apoio social. Entre esses, havia, em Pouso Alegre, o Clube dos Negros. Ouvi do então mordomo do arcebispo de Pouso Alegre, Sr. Mira- beau, com seus oitenta anos (morreu com mais de noventa), pre- sidente do Clube dos Negros naquela cidade, que dizia: "Negro não vota em negro, mulher não vota em mulher e padre não vota em padre". Ele fora mordomo desde o início do século XX, condu- zindo a carruagem do bispo para a catedral, com seus belos cava- los; embora sem estudos, tinha a sabedoria de vida de quem con- viveu com várias gerações. A inveja é o principal fator da divisão
BONDER, Nilton. A cabala da inveja. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, p. 27 e 28.
80
de um clero, da divisão de uma paróquia. Precisamos aprender a nos alegrar com as boas qualidades de nossos irmãos sacerdotes. Cada um tem seus dons, conforme nos ensina São Paulo:
Quem é, portanto, Apolo? Quem é Paulo? Servidores, pelos quais fos- tes levados à fé, cada um deles agiu segundo os dons que o Senhor lhe concedeu. Eu plantei; Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer. Assim, pois, aquele que planta nada é; aquele que rega nada é; mas importa tão somente Deus, que dá o crescimento. Aquele que planta e aquele que rega são iguais entre si; mas cada um receberá seu próprio salário, segundo a medida de seu trabalho. Nós somos cooperadores de Deus [...] (1Cor 3,5-9).
Nenhum bom esportista é hábil em todos os esportes. Ne- nhum músico toca bem todos os instrumentos. Nenhum médico atende em todas as especialidades. Nenhum dentista domina toda a especialidade odontológica. Nenhum grande professor leciona todas as disciplinas. Assim também nós, sacerdotes, temos dons peculiares dados por Deus; dons que, de certa forma, nos carac- terizam, nos diferenciam, assim como nossos olhos, nosso rosto, nossa voz, nosso DNA são diferentes.
O que nos caracteriza não são as qualidades que temos, mas as que não temos. Se tivéssemos todos os dons na mesma medi- da, seríamos como os copos descartáveis: idênticos, repetidos e descartáveis. Somos únicos, irrepetíveis e insubstituíveis, filhos

desejados e criados por Deus, fato que fundamenta a sacrali- dade da vida humana. Aparentemente, diferenciamo-nos pelas qualidades que temos. Mas, na realidade, diferenciamo-nos pe- las qualidades que não temos e que poderíamos ter. Não tendo tantas outras qualidades, ressaltam-se em nós as qualidades que temos. Se as flores tivessem consciência de si, a rosa não sentiria inveja do perfume do lírio, que não sentiria inveja do perfume da orquídea, que não sentiria inveja do perfume da rosa. Cada uma com seu perfume e, se quisessem trocar de perfume, deixa-
riam de ser o que são!
81

Essa última colocação é mais bem ilustrada por Santa Tere- zinha do Menino Jesus:
Pôs diante dos meus olhos o livro da natureza e compreendi que to- das as flores por Ele criadas são belas, e que o esplendor da rosa e a brancura do lírio não tiram o perfume da humilde violeta nem a sim- plicidade encantadora da margarida [...] Compreendi que se todas as flores quisessem ser rosas, a natureza perderia sua pompa primaveril e os campos já não seriam salpicados de florezinhas [...] O mesmo ocorre no mundo das almas, o jardim de Jesus. Ele quis criar grandes santos, que podem ser comparados aos lírios e às rosas; mas criou também outros menores, e estes devem se conformar em ser margari- das ou violetas destinadas a alegrar os olhos de Deus quando contem- pla seus pés. A perfeição consiste em fazer sua vontade, em ser aquilo que Ele quer que sejamos.16
Se eu quisesse ter todas as qualidades do outro, na mesma me- dida, eu deixaria de ser quem sou, com as qualidades que tenho!
O ensinamento maior vem de Jesus: "Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?' Ele respondeu: 'Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu enten- dimento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22,36-39).
A pessoa que não se aceita não consegue amar o próximo. A pessoa que se aceita nas suas qualidades, família, nível social, cor- po, saúde, inteligência etc. é feliz consigo mesma e não se compara com ninguém. Fica feliz com o bem realizado pelo outro e o ajuda para o feliz êxito de seu apostolado. A pessoa que se compara com os outros é, em geral, maledicente, porque não se aceita, ou não aceita sua história de vida. Extravasa na maledicência todas as suas frustrações. No entanto, Deus nos fez diferentes, para sermos di- ferentes, e tem um plano de amor diferente para cada um de nós. O ciúme e a inveja não cabem num coração sacerdotal.
História de uma Alma. Manuscritos Autobiográficos. Tradução do Carmelo do Imaculado Coração de Maria e de Santa Teresinha. 24° ed. São Paulo, 2005, p. 26-27.
82
Outra mania do Maligno é levar o sacerdote a usar o seu tem- po em atividades não especificamente sacerdotais, a menos que seja enviado pela Igreja. Fui ordenado sacerdote numa noite de quarta- -feira. No dia seguinte, a Paróquia dos Santos Anjos da Guarda, em Belo Horizonte, ofereceu um almoço a um grupo de sacerdotes, de seminaristas, a meus familiares e a pessoas da paróquia. Ao final do almoço, o pároco, padre Antônio Gonçalves, de saudosa memória, em seu discurso, deu-me um precioso conselho que marcou toda a minha vida: "Padre João Bosco, seja padre e só padre". Levei seu conselho a sério. Só assumi algum trabalho fora do ministério sa- cerdotal atendendo a uma ordem de meu arcebispo. Hoje escrevo com emoção: padre Antônio Gonçalves, muito obrigado!
11. O pluralismo cultural. O aumento e a multiplicidade das ciências, com tantas novas perspectivas de aprofundamento e de realização pessoal, e o peso da mídia seriam, talvez,

as armas mais novas do Maligno. Na mídia, com duas frentes de ação: o medo de assumir atitudes evangélicas em desacordo com as intenções dos controladores da mídia, medo que pode se transformar em pecado de omissão; ou a triste tentação de despertar sobre si a atenção dos fiéis, mais que o bom senso do uso correto desses meios de comunicação social que levam a Palavra às ovelhas mais distantes do pastor. Como consequência, surge o risco da ocupa- ção do tempo com coisas de somenos importância, abrindo cami- nho para a perda da identidade sacerdotal.
É bom lembrar das palavras de Jesus a esse propósito:
Vós sois o sal da terra. Se o sal perde o sabor, como tornará a ser sal? Não serve para mais nada; atiram-no fora e é calcado aos pés pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada num alto. Quando se acende uma lâmpada, não é para colo- cá-la debaixo do alqueire, mas sobre o seu suporte, e ela brilha para todos os que estão na casa. Assim também brilhe a vossa luz aos olhos dos homens, a fim de que, vendo as vossas boas obras, eles glorifi- quem ao vosso Pai que está nos céus (Mt 5,13-16).
83

Como essas palavras são dirigidas a todo cristão, elas valem muito mais para um sacerdote.
Uma vez, uma revista pediu-me um artigo: "O padre forma- dor de opinião". Não escrevi. Um sacerdote é muito mais que um formador de opinião. O Evangelho não é uma opinião, e evange- lizar não é emitir opiniões. À medida que um sacerdote assume, em sua própria vida, a Pessoa de Jesus como Luz, Caminho, Ver- dade e Vida, ele, sacerdote, torna-se luz, caminho, verdade e vida pelo seu modo de ser, de falar e de agir. Ele é sacerdote durante as vinte e quatro horas do dia, e não apenas no altar. Um sacerdote não pode correr atrás do sucesso. Ele tem uma missão a cumprir. Paulo entrou em Atenas anunciando Jesus nas praças - agora - e no areópago. Segundo Ravasi, Corinto tinha, no tempo de Pau- lo, de 200.000 a 400.000 habitantes. Geograficamente, tinha dois portos, um no mar Adriático e outro no mar Egeu, com gente do Oriente e do Ocidente, de todas as línguas, costumes e religiões. Foi ali que Paulo fundou uma comunidade que mereceu três de suas cartas, das quais duas chegaram até nós. Na sua segunda car- ta aos Coríntios (11,16-33), Paulo testemunha todos os sofrimen- tos pelos quais passou a serviço do Evangelho, quase como sua carteira de identidade de apóstolo de Jesus Cristo.
As mídias são um valor, mas um sacerdote deve se colocar acima delas. Cito mais uma vez o que padre Bernard Haering nos disse em suas aulas: "Quanto mais tempo uma pessoa permane- ce diante dos meios de comunicação (passivamente, entenda-se), mais ela perde sua liberdade". Há o risco de o sacerdote se preocu- par mais com o número de seus "seguidores", na mídia, que com a essência de sua vida e ministério sacerdotal.
Outro perigo que, embora delicado, não posso me abster de referir, pois é um fato: a invasão da pornografia Não que o sacerdote a procure, mas ela - invasão - não pede li- cença para entrar. Ensina o Catecismo Católico:
nas redes sociais.
A sexta bem-aventurança proclama: "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8). A expressão "puros de 84
coração" designa aqueles que entregaram o coração e a inteligência às exigências da santidade de Deus, principalmente em três campos:
a caridade, a castidade ou retidão sexual, o amor à verdade e à orto- doxia da fé. Existe um laço de união entre a pureza do coração, do corpo e da fé.17

Ensina o livro da Sabedoria: "A vista desperta a paixão dos insensatos" (cf. 15,5). Torna-se necessária, para a pessoa, uma fir- meza nas suas convicções e no seu ideal de vida, seja ela casada, seja solteira. Nesse campo, sobretudo, mas em qualquer outro campo, não devem ser feitas concessões ao Maligno, abrindo mão da integridade do próprio coração e mente. Quem ama o perigo nele perece!
Como é consolador ler no Evangelho de João: "Eles não são do mundo como eu não sou do mundo. Consagra-os pela verdade: a tua palavra é verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, eu os envio ao mundo. E, por eles, eu me consagro a mim mesmo, a fim de que também eles sejam consagrados pela verdade" (Jo 17,16-19).
12. O relativismo ético. Não deixa de fazer parte da ça do Maligno o relativismo ético, tantas vezes citado pelo papa presen- Bento XVI, que falava da ditadura do relativismo: "O mundo atu- al vive uma espécie de ditadura do relativismo, que mortifica a razão, porque afirma que o ser humano não pode conhecer com segurança nada além do campo científico".18 Quando se aceita e, pior, quando se assume o relativismo ético, a Igreja deixa de ser a presença e o sinal de Cristo. "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6) é uma máxima que cada sacerdote deve procu-
rar encarnar, em sua identificação com Cristo, para a formação de seus fiéis. Não há meios-termos na doutrina moral da Igre- ja. Quando um médico erra gravemente nos seus diagnósticos,
17 Catecismo da Igreja Católica, 2518.
BENTO XVI. Catequese de quarta-feira, em 5 de agosto de 2009. 85

seu paciente é sepultado. Quando um sacerdote erra gravemente nos seus conselhos, seu penitente se afunda no erro e no sofri- mento silencioso e solitário. O conselho correto que traz a vida da graça só pode proporcionar a verdadeira alegria de viver.
São João Paulo II ensina que, diante dos problemas morais, pode-se usar, para com a pessoa, a lei da gradualidade no processo de conversão e crescimento espiritual, mas não a gradualidade da lei. Em termos mais simples, o sacerdote não pode conceder des- contos na prática da lei de Deus.' Com o relativismo ético, pode nascer, também, o relativismo litúrgico, disfarçado de criatividade, que, em alguns casos, deixa de ser liturgia! A verdade é objetiva, não admite meios-termos e indefinições. A liturgia da Igreja é a mesma no mundo inteiro. O que é essencial na liturgia não pode ser alterado. As adaptações permitidas são secundárias. Torna-se ridícula a busca da novidade pela novidade. O sacerdote é o presi- dente de uma celebração litúrgica, e não um animador de auditó- rio. Isto é, "a liturgia não é um show, um espetáculo [...] A liturgia não vive de surpresas 'simpáticas, de invenções 'cativantes, mas de repetições solenes. Não deve exprimir a atualidade e seu efêmero, mas o mistério do sagrado", ensina o então cardeal Ratzinger.20
São João Paulo II, com mais de 80 anos, sem cantar, sem dan- çar, falando em diversas línguas, com uma dicção não perfeita, arrastava multidões de jovens em todo o mundo. Por quê? Porque ele, com sua palavra e com seu testemunho de vida, anunciava Je- sus Cristo e sua mensagem que compromete, sem fazer descontos na mensagem do Evangelho. Jesus Cristo é sempre novo, ontem, hoje e sempre (cf. Hb 13,8). Lembro-me do episódio em Denver, em 1993, na Jornada Mundial da Juventude, quando ele foi vaiado por um grupo de manifestantes, no Estádio, com milhares de jo- agora vocês vens presentes. Gritou ao microfone: "Eu ouvi vocês, vão me ouvir". O Estádio fez silêncio e ele falou o que tinha a falar!
19
SÃO JOÃO PAULO II. Familiaris Consortio, 34.

20
RATZINGER, J., MESSORI, V. A Fé em Crise? O Cardeal Ratzinger se interroga. São Paulo:
EPU, 1985, p. 94.
86
13. A tentação de deixar o ministério. Escrevo o que ouvi em um contato direto com o clero de vinte e cinco por cento das dioceses do Brasil.
Quando surgem problemas afetivos, na maioria dos casos, os sacerdotes são vítimas do assédio. Não foram eles que toma- ram a iniciativa. Conservo várias cartas, recebidas por sacerdotes amigos, e todas elas com um mesmo teor, em que a pessoa tenta uma postura de vítima, por não ver correspondidas suas investi- das nada discretas.
Ocorre que, segundo São Tomás de Aquino, "a prudência é a rainha das virtudes" e Deus não fará milagres para corrigir a imprudência de ninguém.
Quando o problema se desenvolve e se torna crise, valem, mais uma vez, as palavras do padre Bernard Haering, agora em seu livro A Lei de Cristo:
As decisões cruciais deveriam ser preparadas com um período em que a pessoa tivesse mais cuidado em viver e agir fiel e criativamente, enquan- to fosse fazendo as escolhas comuns de cada dia, com vistas ao amadu- recimento da decisão que já tinha em mira. [...] Nunca se deve tentar dissociar as grandes decisões da vida moral total da pessoa, e, especial- mente, das decisões de cada dia, necessárias para sermos fiéis à graça de Deus e abertos às necessidades dos irmãos. [...] Cada um deveria apren- der a ver a escolha de sua profissão não somente como autorrealização e crescimento pessoal, mas igualmente, e até mais, como resposta a Deus pelo compromisso com o bem comum e o serviço dos irmãos."
O seminário não tem como oferecer uma amostra real do
que é ser padre e, mais ainda, do que é ser pároco. O conheci- mento possível é periférico, teórico, como o conhecimento da-dor do parto para quem nunca deu à luz. Sabe que dói, mas não sabe como, nem quanto.
Não se pode negar a existência de um choque entre o mun- do ideal, concebido no tempo de seminarista, com a realidade fria
21 HAERING, Bernard. A lei de Cristo. Vol. I. p. 181.
87

e às vezes cruel das exigências da paróquia, como a experiência direta com a miséria humana e a beleza da graça! Há também a ingratidão por parte da comunidade. Um jovem padre, sozinho, numa paróquia distante das outras, pode viver mais que um dra- ma. Pode surgir, nessa circunstância, o desencanto: "O sacerdócio não é o que eu pensava". Nessa situação prolongada, as lágrimas se esgotam, secam na fonte. E, ainda por cima, não faltam críticas que chegam de todos os lados. A própria comunidade paroquial cobra do jovem padre a postura de um padre maduro. O padre não é valorizado como pessoa, mas como executivo. Muita cobrança e pouco elogio! Na insegurança pessoal diante de tantas exigências, o padre pode buscar segurança onde ela não existe. Por outro lado, acontece, às vezes, que um sacerdote em crise busca apoio psicoló- gico com outro sacerdote que vive o mesmo problema.
Lembrei a alguns sacerdotes, que me procuraram com essa problemática, que a situação de vida em que eles estavam era o resultado de pelo menos sete anos de preparação mais o tempo vivido no ministério. Ou seja, ele tinha, na história de sua vida, um cabedal de

dedicação e sacrifícios feitos por amor, para seguir Jesus Cristo em sua vocação. Mudar, então, de direção, significa- ria jogar fora todos os sacrifícios feitos por esse ideal.
Escreveu dom Lucas Moreira, cardeal Neves, num artigo pu- blicado pelo L'Osservatore Romano: "Quando um sacerdote deixa de fazer aquelas coisas que somente ele pode fazer e começa a fazer aquelas que qualquer um pode fazer, ele não vê mais razões de continuar no sacerdócio".
Alguém aconselhava aos que sentiam estar perdendo a pró- pria vocação que rezassem e que pedissem a Deus o fortalecimen- to de seu amor na vocação e na missão de ser sacerdote de Jesus Cristo.

7.

A RESPOSTA AO MALIGNO

O diretor espiritual

Pregando retiro aos sacerdotes no Brasil, nas noites de terça-feira, convidava os sacerdotes que quisessem para um encontro informal comigo, com o seguinte tema: Por qual razão um jovem se sacrifica por sete anos em um regime de internato - seminário -, com exigências de horário para deitar-se e levantar-se, horário de aulas e refeições, vida em comum com pessoas, inicialmente, des- conhecidas e de caracteres tão diversos, e outras exigências mais, em função do ideal de ser sacerdote e, depois de dois ou três anos de ministério, ele se diz desencantado e deixa a vida sacerdotal?
Realizei esses encontros em treze dioceses e em dois institutos masculinos de vida consagrada, com a média de trinta a quarenta sacerdotes em cada encontro. Cada um apresentava sua análise, e eu anotava seu nome e afirmações. Houve alguns lugares-comuns, apesar da diversidade de regiões no Brasil. Até que, numa noite, alguém "descobriu a América". Satisfeito com essa preciosa coloca- ção, não fiz mais os encontros. Encerrei a pesquisa.
Disse aquele padre: "Acontece que, em alguns seminários, nem sempre o diretor espiritual é alguém que tenha feito estudos de preparação para esse mister; ou, então, foi convocado, repenti- namente, pelo bispo sem opção de recusa; ou não tinha o carisma para ser um bom diretor espiritual e, na maioria dos casos, sem vida comunitária permanente, em tempo integral, com seus se- minaristas. Em alguns seminários, o diretor espiritual coloca-se à

disposição dos seminaristas uma ou duas vezes por mês e, quando o seminarista precisa de sua presença, ele está distante. Não bas- tasse isso, não faltaram aqueles que não conseguiram transmitir confiança aos seminaristas, que, com receio de serem demitidos do seminário, jamais abriram seus corações com seu diretor espi- ritual. Assim, se ele chegou solitário e autossuficiente ao sacerdó- cio, assim ele vai tentar viver o seu ministério. Quando encontra um primeiro desafio mais sério ou uma dificuldade estrutural em sua vida de padre, ele se perde e desanima".
Não podemos nos esquecer de que, em todos os tipos de es- porte profissional, há um técnico. Quando os times começam a perder, a direção dos clubes troca o técnico.
O sacerdócio é muito mais que a prática de um esporte pro- fissional. O jovem vai ser guia de um povo, de diversas comunida- des bem diferenciadas entre si, em uma mesma paróquia, orien- tador de consciências, anunciador da Palavra de Deus, “coração caixa de ressonância" de todos os problemas existenciais de seu povo, sem falar nas exigências administrativas dos bens móveis e imóveis da paróquia. E, quando o povo quer uma coisa,

é para on- tem! O sacerdote precisa, como qualquer cristão, de um "técnico" que o acompanhe e que o oriente ao longo de sua vida ministerial.
Sei que, em algumas regiões do Brasil, os psicoterapeutas, para poderem exercer sua profissão, devem ter também um psico- terapeuta que os acompanhe. Tal acompanhamento é controlado pela Associação Regional, com o risco de perder o registro de sua profissão se o indivíduo se negar a fazê-lo.
O bispo diocesano, por mais que queira ser paternal com seus padres, será sempre o bispo, a autoridade maior que, via de regra, afasta qualquer confidência pessoal.
Um padre sem seu diretor espiritual é como um barco sem bússola, perdido no mar da vida. Na borrasca, vai a pique. Um bom diretor espiritual é o elemento mais importante na formação e na conservação de um coração sacerdotal. Perdem-se mui- tas, generosas e qualificadas vocações sacerdotais pela ausência permanente de um bom diretor espiritual, quer no tempo de

seminário, quer depois, na vida sacerdotal. Não se abre um bo- tão de rosa à força. O bom floricultor sabe esperar e acompa- nhar o desenvolver de um botão, até que ele se torne uma rosa bonita e perfumosa.
A reconciliação dos fiéis
Na disponibilidade para atender os fiéis no sacramento da reconciliação, o sacerdote, enquanto portador da graça divina, destrói todo o trabalho do Maligno diante do povo que a Igreja confiou aos seus cuidados.
Um dos momentos mais enfáticos e significativos da vida sacerdotal é quando o sacerdote, traçando sobre o penitente o sinal da cruz, enquanto reza as palavras da absolvição sacramen- tal, com a autoridade de Cristo, perdoa os pecados do penitente e abre a ele, novamente, as portas do amor divino.
É de uma beleza sem par poder sentir e contemplar o milagre da graça divina, com sua força transformadora misteriosa, que devolve o sorriso, a alegria de viver e a paz ao pecador arrependi- do. Quantas vezes pude ver rostos de jovens e de adultos molha- dos de lágrimas, ao recobrarem a amizade com Deus, e ver que se abriram para eles as portas da esperança de uma vida nova e feliz! Ao longo de 52 anos de sacerdócio, testemunhei muitos e muitos milagres da graça divina. Muitas pessoas não são melho- res porque nunca ninguém lhes mostrou os caminhos do amor de Deus. Faltou-lhes oportunidade, em suas vidas, de conhecer Jesus! E, quando o encontram, se abrem ao amor de Cristo, deixando-se arrastar, alegremente, por esse amor.
Algumas confissões marcaram profundamente a minha vida. Eu era padre novo. Estava estudando em Roma. Celebrava de jovens de manhã para uma comunidade religiosa de freiras. Era o ano santo de 1975. A pedido delas, acompanhei um grupo
da escola média para a celebração da visita à Basílica de São Pe- dro, fazendo as orações prescritas para o ano santo e atendendo as confissões do grupo. Ainda não haviam começado as confissões

quando uma senhora, de seus 30 anos ou mais, me perguntou: "O senhor fala francês?" "Sim", respondi. "Poderia me atender em confissão?" "Se a senhora puder esperar um pouco, terminando de atender estas jovens, ficarei à sua disposição." O grupo era pequeno, e fui atender aquela senhora. Não me lembro de nada do que ela falou, como ocorre em quase todas as confissões. Ela fez uma confissão com um verdadeiro espírito de conversão e chorou muito, o tempo todo. Deixei-a em paz. Lembro-me de que, de- pois,

senti-me recompensado por todos os esforços e sacrificios feitos no estudo daquela língua. Jamais imaginara que, um dia, aqueles estudos seriam tão valiosos no ministério sacerdotal.

Outra vez eu já era bispo -, em plena semana santa, no Brasil, ajoelhou-se, no meu confessionário, uma pessoa desco- nhecida. Fez uma confissão humilde e de profunda reconciliação. Não chorou, mas fez uma guinada em sua vida de cento e oitenta graus, com uma grande firmeza espiritual. Fiquei emocionado. Ao terminar a confissão, tive vontade de beijar as mãos daque- la pessoa que acabava de voltar, de forma plena e consciente, ao amor de Deus. Havia poucas pessoas na igreja, mas poderiam nada entender. O beijo ficou para ser dado por Jesus. Fiquei quie- to e passei a atender outra pessoa.

Reporto mais uma situação apenas: a última confissão de minha mãe, poucos dias antes de morrer, aos 92 anos. Ela me ensinou as primeiras orações, e eu fiz com ela algumas de suas últimas preces. Ela me preparou para a primeira confissão e eu celebrei com ela sua última confissão. Ela me preparou para a vida, e eu a preparei para a morte. Ela me ensinou as primícias do amor a Deus, e eu a ajudei a caminhar para o abraço eterno com Deus Amor!

Deus reserva alegrias especiais ao coração de um padre! O padre é o coração, a cabeça, a alma da paróquia. Na sua identificação com Cristo, o padre leva seu povo a se reunir ao redor de Jesus Cristo. Georges Bernanos, em sua obra premiada pela Academia Francesa de Letras, Diário de um pároco de aldeia, referindo-se aos padres diocesanos, coloca, nos lábios do pároco

de Torcy, estas palavras: "[...] multidão venerável de sacerdotes ze- losos, irrepreensíveis, que consagram suas forças às esmagadoras tarefas do ministério". Disse-me o cardeal Dario Castrillon, então prefeito da Congregação para o Clero: "Os padres são o grande e maravilhoso exército que carrega a Igreja nas costas!"

Não faltam, em nossas paróquias, leigos comprometidos e empenhados que dão, com generosidade, sacrificio e perseveran- ça, o melhor de si para a catequese, para as pastorais e para os diversos ministérios e pastorais que sustentam a vida paroquial. Mas o padre é o coração, a cabeça, a alma da paróquia! Ele se santifica e santifica seu povo. Ele anima os fracos, consola e alivia os que sofrem, alegra os tristes, incentiva os lentos, equilibra os apressados, orienta os duvidosos e inseguros, anunciando a todos Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14,6).

BERNANOS, Georges. Diário de um pároco de aldeia. São Paulo: Realizações Editora, 2011, p. 67.

8.

O AMOR À IGREJA

que sustenta o coração de um sacerdote, o que dá o brilho da seu amor a Cristo e à Igreja.

Perguntei, certa vez, a uma pessoa: "o que significa amar a Igreja?" Ela me respondeu: "Amo a Igreja porque, na Igreja, recebo o batismo, que é a fonte de minha vida espiritual. Tenho, também, na Igreja, os demais sacramentos que são alimento dessa vida; na Igreja, encontro o perdão de meus pecados, a grande força da Eu- caristia que me sustenta nas dificuldades e desafios da vida; pelo sacramento da crisma, recebo da Igreja os dons do Divino Espí- rito Santo; pela Igreja, o meu amor matrimonial, que é humano, é transformado,

é vivificado e fortalecido pelo amor divino; e, pelo sacramento da unção dos enfermos, encontro a força espiritual e o remédio na doença.
Amo também a Igreja porque, na catequese, na pregação dos sa- tenho a seguran- papas, cerdotes, nos ensinamentos dos bispos e dos ça de estar recebendo com autenticidade os ensinamentos de Jesus. Amo ainda a Igreja pelo manancial de temas de espiritualida- de e de doutrina acumulados na sua história, desde os primeiros séculos do cristianismo, quer nos livros dos santos padres, quer nos escritos de tantos santos que nos ajudam no aperfeiçoamento de nossa vida cristã.
A Igreja oferece, também, o testemunho de santos que vive- ram as dificuldades de sua época e que foram fiéis aos ensinamen- tos de Jesus. Eles são como um espelho em que encontro as forças para dar o meu testemunho de vida crista".
95

Eu fiquei pensando: a resposta é bonita, mas isso não é amar a Igreja!
Tudo o que a pessoa respondeu é verdade, mas devo fazer aqui uma consideração importante: ela não ama a Igreja, ela gosta da Igreja; ela busca a Igreja para levar suas vantagens - vantagens boas, e até santas, mas vantagens.
Também eu poderia até, erroneamente, gostar da Igreja ou da paróquia pelos benefícios ou vantagens que delas posso receber.
Não posso, porém, gostar de uma realidade ou de um ser espiritual-divino, pois não posso colocar tal entidade espiritu- al-divina a meu serviço ou a serviço de meus interesses e praze- res. A Igreja é uma realidade transcendente, espiritual, divina. Ela só pode ser amada por quem se sente seu filho. Outras pes- soas, que não são seus filhos (de outras religiões), podem até gostar dela.'
Como católico, não posso nem devo dizer que gosto da Igreja, no sentido de levar vantagens. Devo dizer que AMO A IGREJA! O que seria, então, amar a Igreja? "O amor tem cheiro de morte." "Ninguém tem mais amor do que aquele que dá a vida por seus amigos" (Jo 15,13).
Só ama quem é capaz de morrer pelo amado. Os pais, por- que amam, não medem os sacrifícios que fazem por seus filhos. Quanta renúncia dos pais para dar aos filhos o que eles nunca tiveram quando estudantes e quando jovens! E sempre pensam que poderiam fazer mais por eles. Isso acontece porque é grande o amor que eles têm pelos filhos. Amar é morrer pelo amado!
O amor matrimonial só cresce e se fortalece enquanto os dois são capazes de renunciar a alguma coisa, a seus interesses ou a um bem-estar pessoal em benefício da pessoa amada, quan- do os dois são capazes de morrer um pelo outro, no dia a dia da vida, em seus trabalhos e nas pequenas ou nas grandes renúncias.
Durante o regime de exceção iniciado em 1964, a Igreja Católica foi uma das poucas vozes que se levantaram neste país em defesa dos presos políticos e dos direitos huma nos. Nessa época, muitos, que não eram católicos, gostaram da Igreja e de sua atuação destemida.
96
Sacrificam-se um pelo outro, e os dois pelos filhos. Os casais se separam quando se gostam, mas não se amam. O primeiro que se cansa de ser tratado como objeto desanima e abandona o casa- mento, por falta da força da fé!
Ensinou-nos Jesus: “Se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Se, ao contrário ele morrer, produzirá fruto em abundância" (Jo 12,24).

Cristo nos dá o exemplo, ao dar a sua vida pela Igreja e por nós, mesmo sabendo que seu amor não encontraria aco- lhimento nem retribuição por grande parte das pessoas. Amar é doar-se sem nada esperar como retribuição. Quem ama de verdade, sem nada à esperar como retribuição, desconhece a de- cepção! Quem se decepciona com a Igreja é porque não a ama, mas gosta dela! E quando faz algo pela Igreja, na verdade, o faz por si mesmo, na expectativa de alguma vantagem. Lemos em Mateus: "Quem não toma a sua cruz e não me segue não é dig- no de mim" (Mt 10,38).
O apóstolo Paulo nos dá seu exemplo, quando descreve à co- munidade de Corinto o quanto sofreu pela Igreja:
Muito mais do que eles, pelos trabalhos, pelas prisões, por excessivos açoites; muitas vezes em perigo de morte; cinco vezes, recebi dos ju- deus quarenta chicotadas menos uma; três vezes, fui batido com va- ras; uma vez, apedrejado; três vezes naufraguei; passei uma noite e um dia em alto-mar; fiz inúmeras viagens, com perigos de rios, com perigos de ladrões, perigos da parte de meus compatriotas, perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos em regiões desertas, pe- rigos no mar, perigos por parte de falsos irmãos, trabalhos e fadigas, inúmeras vigílias, fome e sede, frequentes jejuns, frio e nudez; e, sem falar de outras coisas, a minha preocupação de cada dia, a solicitude por todas as igrejas (2Cor 11,23-28).
O papa Paulo VI escreveu na sua Exortação Apostólica Evan- gelii Nuntiandi, resultado do Sínodo da Igreja sobre a "Evangeliza- ção no Mundo Contemporâneo", acontecido em 1974:

Convém recordar aqui, de passagem, momentos em que acontece de nós ouvirmos, não sem mágoa, algumas pessoas - cremos bem intencionadas, mas com certeza desorientadas no seu espírito - a repetir que pretendem amar a Cristo, mas sem a Igreja, ouvir a Cris- to, mas não à Igreja, ser de Cristo, mas fora da Igreja. O absurdo de semelhante dicotomia aparece com nitidez nesta palavra do Evan- gelho: "Quem vos rejeita é a mim que rejeita" (Lc 10,16). E como se poderia querer amar Cristo sem amar a Igreja, uma vez que o mais belo testemunho dado de Cristo é o que São Paulo exarou nestes ter- mos: "Ele amou a Igreja e entregou-se a si mesmo por ela" (Ef 5,25)?
Santa Catarina de Sena (1347-1380), Doutora da Igreja, foi um grande testemunho vivo de amor à Igreja. "No início de 1380, ela teve uma estranha visão em que lhe parecia que o peso da Igre- ja a esmagava de encontro à Terra, e ela se ofereceu como vítima em favor dela. Depois disso, não mais se recuperou inteiramente. No dia 21 de abril, sofreu um ataque de paralisia que a deixou imóvel da cintura para baixo", morrendo oito dias depois.
Amar a Igreja significa querer o seu bem, não por causa de, mas apesar de! Amar a Igreja, amar a paróquia, amar a diocese significa querer o seu bem, apesar de seus bispos, dos colegas sa- cerdotes, de seus ministros e agentes de pastoral, apesar de certas pessoas que pretendem ser as donas da comunidade e que mais atrapalham que ajudam! Aprendi, em minha vida, a amar a Igreja para além daqueles que a representam! Houve pessoas na Igreja que me fizeram sofrer. Elas estão na Igreja, mas elas não são a Igreja! Eu amo a Igreja e por ela, com alegria, tenho dado minha vida nestes 52 anos de sacerdócio, sem contar o longo tempo de seminário pelo qual passei.
Amar a Igreja significa servir a Igreja, e não se servir da Igreja
Amar a Igreja significa dar a nossa vida pela Igreja. Os sacer- dotes renunciaram a ter uma família e a tantos outros bens por

DE BUTTLER. Vida dos Santos. Vol. 4. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 243.
98
amor a Cristo, ao seu Reino, à sua Igreja. Uma das dificuldades que os párocos encontram na direção de suas paróquias é a de encontrar pessoas que aceitem participar dos ministérios e das atividades pastorais. Alguns fogem do compromisso. Aceitam um serviço do momento, mas têm dificuldades para aceitar um com- promisso estável de participação na vida da Igreja. Isso cansa o sacerdote. Os leigos que estão comprometidos com suas famílias podem dar um pouco de seu tempo ou de seus bens para que o Reino de Deus, querido por Jesus, aconteça entre nós. Essa é a missão da Igreja. Aqueles que se dedicam às pastorais, aos mi- nistérios, aos movimentos de evangelização, o fazem por amor a Cristo e a sua Igreja. Amar a Igreja é dar a própria vida pela Igreja, é morrer por ela. Cristo também amou a Igreja e entregou sua vida por ela (cf. Ef 5,25), lembrou-nos Paulo VI. Quando o povo percebe que seu pároco ama a paróquia, ama o povo, a reação é a do "bate e volta". O povo passa a amar mais ain- da a sua paróquia e, sem o perceber, encanta-se com o seu pároco e retribui o seu amor com mais amor a sua pessoa, multiplicando os gestos de carinho e de atenção para com o pároco.

O fundamento do sentimento de pertença à Igreja vem da consciência do próprio batismo, e não da atividade exercida na Igreja. Não é porque exerço uma atividade pastoral ou um minis- tério na Igreja que passo a amá-la, mas é porque amo a Igreja que sinto necessidade de oferecer minha vida, meu trabalho e meu tempo para que ela exerça sua missão no anúncio do Evangelho de Jesus Cristo. A alegria de ser Igreja e o amor à Igreja nascem da consciência do meu batismo!

O batismo promove uma transformação profunda, mas invi- sível na pessoa. A celebração sacramental tem uma força intrínse- ca que supera a visibilidade do sinal. Não se percebe, facilmente, a graça pelos sentidos, mas é possível percebê-la em uma pessoa. Sei que o leitor terá dificuldade de aceitar essa afirmação. Mas eu a faço com segurança, embora não tenha como prová-la. É me- nos difícil perceber os efeitos da graça na vida de quem a recebe.

O batismo não é uma celebração na esfera social, a recepção de
99

alguém como membro da Igreja. O batismo é uma ação divina. Deus age pela celebração do batismo. Todo aquele que é batiza- do recebe a vida de Deus em si, torna-se luz, caminho, verdade e vida de Cristo para o mundo, à medida que, usando os canais da graça, pelos sacramentos, ele se cristifica. Passa, então, a ser alguém que mostra, ao mundo, Cristo Luz, Caminho, Verdade e Vida. Como consequência, ele passa a ser membro da Igreja. Um mundo sem Cristo é um mundo de violência, de ódio, de morte, de opressão, de corrupção, de exploração do fraco, do pobre, do ignorante, um mundo dividido e de divisões. O batismo leva as pessoas à comunhão em Cristo. Em Cristo, o homem volta a ser o que deve ser: imagem e semelhança de Deus, criado por Deus Amor para amar. O batizado cristifica a humanidade. A pessoa ama, então, essa Igreja que faz o mundo ser mais humano, e pela Igreja, com alegria, dá a sua vida.

Discute-se na teologia se é necessário ser muito humano para ser um bom cristão ou se é necessário ser cristão para ser mais humano. Uma rua é subida ou descida dependendo da posi- ção de quem nela se encontra. Pode-se escolher qualquer uma das posições. Prefiro, no entanto, dizer que é preciso ser cristão para ser mais humano.

E os não batizados?

sua graça e seu Deus tem infinitos meios de fazer chegar sua amor a todos os seus filhos. Depois da morte e ressurreição de Cristo, toda a humanidade, de todos os tempos, é atingida pela graça divina.' Ensina, ainda, o Concílio Vaticano II: "Finalmente, por diversos mo- os que não receberam o Evangelho se ordenam dos ao povo de Deus". "Deus tem seus caminhos para levar à fé os homens que sem culpa própria ignoram o Evangelho". Como o sol que atinge a todos: os que estão na praia recebem a totalidade
1Tm 2,4-6: "Ele quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Com efeito, há um só Deus e um só mediador entre Deus e a humanidade; o homem Cristo Jesus, que se entregou como resgate por todos.
4
Lumem Gentium, II. 16 (42).
Ad Gentes, 1, 7 (879).
de sua luz; os que estão fechados em casa a recebem, também, na medida em que se abrem à luz! Assim, a Luz de Cristo chega a toda a humanidade.
A vocação sacerdotal é um desdobramento de nossa vocação batismal. É um colocar-se em disponibilidade total para o Reino, a serviço do Evangelho e da missão de ensinar e de santificar a humanidade pela qual Cristo deu sua vida na cruz.
Algreja tem um rosto bem concreto, visível
Para o sacerdote, a Igreja tem o rosto da comunidade, da pa- róquia que lhe foi entregue, o rosto da sua diocese, do seu bispo e, sobretudo, o rosto do papa. Não é sem motivo, pois, que, em todos os escritórios paroquiais e sacristias das igrejas, colocamos as fotos do bispo diocesano e do santo padre, o papa. O pároco, o bispo e o papa devem ser sempre acolhidos com o espírito de fé. São as pessoas colocadas pela Providência Divina a serviço do povo de Deus.
É muito triste encontrar pessoas para quem a Igreja termina nos limites de sua pequena comunidade, nos limites da paróquia ou da diocese. Tal atitude seria efeito de uma visão míope de Igre- ja, de uma Igreja sem horizontes.
Pedi, certa vez, a um sacerdote, que estava em uma paróquia de situação financeira bem estruturada, que assumisse outra pa- róquia, nova e bem pobre, como paróquia irmã, ajudando na sua sustentação. Ele me respondeu: "Eu não tenho condições de fazer isso". Respondi: "Tudo bem, quando você terminar seu tempo aí (faltava um ano para completar os seis anos de sua nomeação) você irá para lá!" Pedi a ajuda da paróquia, não dele! Visão míope! A sua paróquia é a SUA PARÓQUIA, a sua diocese é a SUA DIOCESE!
Para todos os católicos, mas, de maneira especial, para nós, sacerdotes, a Igreja tem o rosto da DIOCESE, onde a mente e o coração estão no bispo, auxiliado por seus sacerdotes, onde seu útero está no seminário, onde seus órgãos vitais e seus membros
101
100

se manifestam em seus leigos com funções, com dons e com caris- mas diversificados, todos trabalhando pela construção do Reino de Deus.
Para os leigos, a Igreja tem o rosto da PARÓQUIA, onde a mente e o coração estão no pároco, com os sacerdotes e diáconos, seus colaboradores; o útero está na catequese e nos que a ela se de- dicam; e seus órgãos vitais e seus membros se evidenciam em seus leigos dedicados à missão, enriquecidos com seus dons e com os carismas do Espírito.
Para todo aquele que quer ser Igreja, ela tem o rosto do PO- BRE, que, pelo egoísmo de outros, nasceu ou se tornou pobre e se encontra privado das condições de uma vida digna e que, muitas vezes, por isso, amarga sua existência na tristeza, sem esperança de uma

situação melhor. Nada há de mais triste nesta terra do que as lágrimas de uma criança pobre, que desconhece o carinho do abraço de um pai ou a ternura do beijo de uma mãe.
A Igreja tem o rosto do DOENTE que não consegue marcar uma consulta médica e, quando o faz, não tem acesso aos exames clínicos e aos remédios que lhe devolveriam a saúde e lhe suavi- zariam a dor.
A Igreja tem o rosto do FRACO que não consegue defender seus direitos e se vê usurpado nos seus poucos pertences e espo- liado no mercado de trabalho.
A Igreja tem o rosto do SOLITÁRIO que, pelos seus cabelos brancos ou por sua fraqueza física, vive em um canto de seu quar- to atravessando as noites intermináveis e os dias que não passam, sem ter alguém com quem conversar e recordar as páginas menos sofridas da própria vida.
A Igreja tem o rosto do SOFREDOR que bebe do cálice da calúnia e da maledicência, ao ver seu nome e sua honra serem vilipendiados, sofrendo as consequências da inveja diabólica dos fracassados na vida, dos corruptos e dos incompetentes.
A Igreja tem o rosto do DEPENDENTE QUÍMICO, jovem ou adulto, que, induzido ou por curiosidade, ou por experimentar a solidão, se afunda numa solidão maior num mundo que não existe.

A Igreja tem o rosto do PECADOR que desconhece a imen- sidão da misericórdia de Deus, bom e paciente, sempre pronto a perdoar, um Deus que esquece sempre e para sempre todas as nossas faltas.
Como é reconfortante conhecer um sacerdote que sabe se colocar com naturalidade e com autêntica proximidade ao lado do pobre, do doente, do fraco, do solitário, do sofredor, do drogado e, sobretudo, do pecador! Numa visita pastoral, ao visitar o asilo dos velhinhos, vi com alegria que o pároco conhecia a todos pelo nome, cumprimentando e brincando com cada um com quem nos encontrávamos. Pensei comigo: ele tem coração de sacerdote!
Como amar a Igreja se nela vejo tantos escândalos?
As pessoas da Igreja que se envolvem em escândalos estão na Igreja, mas não são a Igreja. Já nos disse Jesus: "Ai do mundo por causa dos escândalos. É inevitável, sem dúvida, que eles ocorram, mas ai daquele que os provoca!" (Mt 18,7).
Lembro-me de duas coisas: amo a Igreja apesar dessas pes- por causa das pessoas que estão na Igreja. soas, e não
Um bom católico reza pela conversão daqueles que provo- caram ou que provocam escândalo com seu mau testemunho de vida. É também por isso que a Igreja nos propõe o exemplo e o modelo dos santos: para que seus ensinamentos e exemplos pos- sam nos fortalecer na fé, diante do mau exemplo de outros!
Conheci muitos e muitos sacerdotes de grande santidade de vida. Alguns foram e são referência para mim. Por circunstâncias diversas, não serão canonizados, mas deixaram seu perfume en- tre aqueles que os conheceram e fizeram a Igreja ser mais santa!
Acontece que o mal se difunde rápida e ostensivamente, enquanto o bem se difunde lenta e sutilmente, como mostra a parábola do semeador (cf. Mc 4,1-9). Doença contamina (Covid-19), mas a para uma pessoa debi- saúde não! Um atleta não passa sua saúde litada. Cada um tem de defender a sua saúde. Assim também na espiritualidade: o mal contamina, mas cada um tem de correr em
busca da santidade!

É divina a origem de nossa vocação batismal. É divina a ori- gem de nossa vocação sacerdotal. É divina nossa pertença, a mi- nha pertença à Igreja Católica!
Apesar de ser o que eu sou, Deus me escolheu com um amor de predileção para ser dele, só dele, todo dele e, pelo ba- tismo que recebi, pelo sacramento da ordem, ser a presença viva de Jesus no mundo.

9.

AS MÃOS SACERDOTAIS

aro leitor sacerdote, abra suas próprias mãos e olhe atenta-
Caro e
Deus tem a mim e a você para fazer a Igreja de Cristo sempre mais bela, iluminando a vida da humanidade. Não podemos nos esquecer das palavras de Jesus narradas por Mateus: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e si- ga-me; pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá; mas quem perder a sua vida por causa de mim, a encontrará" (Mt 16,24-25).
O amor com que Cristo nos amou, a ponto de dar a sua vida e de sofrer a morte na cruz por nós, só pode ter uma res- posta de amor: dar a nossa vida, incondicionalmente, toda ela, sem reservas, por Cristo e pela Igreja, colocando à disposição do Senhor da messe todos os dons e todos os carismas que re- cebemos, trabalhando com fé, com confiança e com esperança na missão que cada um recebeu, na família, na comunidade, na sociedade e na Igreja.
consecratória e pela imposição das mãos do bispo ordenante, você se tornou pessoa consagrada. Completando essa consagração de sua pessoa, suas mãos foram solenemente ungidas e consagradas a serviço de Cristo e da Igreja.
Volte a este momento histórico e central de sua vida: o dia de sua ordenação sacerdotal, quando o bispo que o ordenou un- giu as suas mãos. Você estava ajoelhado, atento a observar o óleo santo que se espalhava, exalando seu perfume balsâmico e tão ca- racterístico. Depois, ele uniu suas mãos em posição orante e as atou com uma fita. Suas mãos foram consagradas, fechadas para as coisas do mundo e para qualquer amor exclusivo. Você se le- vantou, foi até seus pais. Sua mãe, então, emocionada, desatou os laços daquela fita, abrindo suas mãos para a exclusividade de um amor que só poderia ser de Deus. Ela desatou suas mãos para ba- tizar, transmitindo às crianças a vida de Deus; para consagrar as espécies eucarísticas; para perdoar; para abençoar as pessoas, seus pertences e realizações; para abençoar o amor matrimonial; para, enfim, ungir as mãos frágeis dos enfermos, na esperança da saúde. Fisicamente, suas mãos continuam sendo suas, mas Cristo
as tomou para si. Espiritualmente, elas passaram a ser dele, para transmitir a sua vida divina, abençoando, perdoando, consagran- do o seu Corpo e Sangue.
Escreveu um venerando bispo italiano que, no altar, cada um de nós é o sacerdote, e o Cristo presente na hóstia consagrada é a

vítima que o sacerdote oferece ao Pai. No ministério presbiteral, Cristo é o sacerdote, e cada um de nós é a vítima que Cristo ofere- ce ao Pai! É mais fácil ser o sacerdote em um sacrifício onde Cris- to presente na hóstia consagrada é a vítima do que ser a vítima em um sacrifício onde Cristo é o sacerdote! Como vítima, Cristo teve suas mãos crucificadas, e ele não nos pediu tal doação! Os sacrifícios ou sofrimentos da vida sacerdotal são tão pequeninos diante dos sofrimentos de Jesus!

Querido padre, volte a contemplar suas mãos. Procure revi- ver a sensação do perfume do bálsamo que as ungiu. Beije, agora, reverentemente as suas mãos. Elas ainda são suas, mas elas são totalmente Dele: mãos de Cristo no ano de graça que vivemos!
Somos os escolhidos de Cristo. Somos pessoas privilegiadas! Somos pessoas abençoadas! Somos chamados às alturas da santi- dade. Não cabem limites nem meios-termos em nossa resposta de amor a Cristo. Ao amor total de quem morreu por nós, uma vez que fomos os seus escolhidos, apesar de nossa fragilidade, só cabe uma resposta de amor total de quem quer viver e morrer por Ele.
Mãos sacerdotais! As nossas mãos!
Ainda uma vez, elas ainda voltarão a ser ungidas por um laço em posição orante.
Ao término da nossa missão de sacerdotes de Cristo na terra, quando nossas forças falirem e nossas mãos, enfraquecidas pelos trabalhos apostólicos, não mais puderem se alçar e se mover com naturalidade, elas receberão outra unção para sustentá-las. Essa unção, a dos enfermos, irá fortalecê-las para se prepararem para o abraço eterno com Cristo, razão do nosso modo de ser e de viver. Quando esta vida terrena nos escapar, nossas mãos cairão em nosso último leito. Recompostos os nossos corpos, elas serão novamente unidas em posição orante. Dessa vez, por um enfer- meiro, com uma gaze hospitalar, para mantê-las assim, até que o rigor mortis as imobilize, para serem, enfim, desfeitas no pó da terra, misturando-se à poeira dos séculos. 106
Duas unções, dois laços de fita marcam o início e o fim da grandeza do mistério do amor de Deus e da graça, realizado pelas mãos sacerdotais. A primeira unção, para dinamizar a ação do mistério, do transcendente, do sobrenatural, da graça, eleva o hu- mano ao máximo, para além de seus limites mortais, e o potencia- liza para o mistério sacramental. A última, a mesma ação sobre- natural de outras mãos sacerdotais acode aquelas primeiras mãos, enfraquecidas pela enfermidade, já prestes a iniciar o seu último Te Deum laudamus, Te Dominum confitemur, ao fechar seus olhos na terra, para abri-los no céu, na visão beatifica!
As mãos
As mãos são as partes do nosso corpo mais citadas nas Sa- gradas Escrituras: 1.538 vezes; dessas, em 1.153 se parecem com um termo hebraico cujo sentido é ligado a "conhecimento, po- der": "Porei em suas mãos a chave da Casa de Davi: ele abrirá e ninguém fechará; ele fechará e ninguém abrirá" (Is 22,22).
As crianças gostam de tocar no que veem. Nós também, so- bretudo para verificar se uma flor é natural ou artificial Conhece- mos com as mãos. "Vemos" com as mãos. Como as crianças gos- tam de correr suas mãozinhas no rosto, nos olhos de suas mães! Não falam, sorriem e escorregam, macia e candidamente, suas mãos na face de suas mães.
Na semana santa, meditamos a Paixão de Cristo. Nela, as mãos aparecem com atitudes sumamente diferentes:
⚫ a Jesus, serviram para lavar e perfumar os pés de seus apóstolos, para lhes dar, no pão e no vinho, o seu Corpo e o seu Sangue;
⚫ a Maria, no caminho da cruz, serviram num gesto silen- cioso de amor, para confortar o coração de seu Filho tão querido, ainda que sem poder tocá-lo! Que vontade de abraçá-lo! Gesto que foi renovado aos pés da cruz. De- pois, as mesmas mãos que carregaram ao colo o Filho tão amado receberam seu corpo ensanguentado, pálido, frio
107

e sem vida! Dor suprema, quase ponto final, na terra, de um amor também supremo, que começara em Nazaré, mas que se perpetuaria na eternidade!

⚫ao povo, serviram para estender os mantos e agitar os ramos na entrada de Jesus em Jerusalém; mas serviram, também, para, em punhos fechados e levantados ao ar, pedir para Ele
.
a sentença de morte na cruz, aos gritos de "crucifica-o!";
• Judas as usou, cínica e sarcasticamente, num abraço e num beijo de traição;
• Pilatos, na oportunidade de realizar o maior ato de sua vida e da história, fazendo justiça ao Justo, preferiu, covar- demente, lavá-las num ato que se tornou o expoente máxi- mo da omissão e da fuga da própria responsabilidade; Verônica, em um ato de amor e de coragem, expondo-se ao castigo dos soldados, enxugou o rosto sanguinolento de Jesus; suavizou-lhe a face e permitiu que seus olhos, cober- tos do sangue que se lhe escorrera das feridas feitas pela coroa de espinhos, voltassem a ver melhor o caminho pe- dregoso do Calvário;
• Cirineu, sem o querer e sem saber o porquê, usou suas mãos para carregar a cruz com Jesus, a quem ele ainda desconhecia...
• Tomé foi convidado a "ver com as mãos” as chagas de Jesus.
Sempre as mãos... Tão diferentes como diferentes são os co- rações que as mantêm vivas e operantes. As mãos são a expressão do coração de uma pessoa. As mãos falam quando as pessoas não conseguem mais falar. Assim é a mão do filho que acaricia suave- mente o rosto frio de sua mãe ou de seu pai, na sua última des- pedida antes de se fechar o caixão! As lágrimas rolam, a garganta está seca e travada, mas as mãos deslizam suavemente sobre o rosto rígido de quem não mais sorri nem abre os olhos nem sente as mãos. Gesto mudo diante de quem não pode mais responder ou retribuir. Mas as mãos não se cansam... E repetem o último gesto de amor com um beijo encharcado de lágrimas!

O poder da mão
Michelangelo Buonarotti, para descrever a criação do ho- mem, coloca lado a lado duas mãos: a de Deus - firme e solene, apontando para sua criatura predileta, a quem dá a vida, o ho- mem - e a do homem, que, com seu braço sem vigor, de mãos e dedos caídos, recebe de Deus a força para viver!
As mãos de um sacerdote
Elas são, na terra, as mais poderosas de todas as mãos. Recordo-me de um jornalista brasileiro muito temido por sua caneta poderosa, mordaz e irônica que, em um de seus últi- mos editoriais, referia-se à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil nestes termos: "a canalha do episcopado nacional". Os me- ses se passaram. A doença caminhou para o seu final. Antes de morrer, ele chamou o presidente da "canalha do episcopado" para que ele, grande sacerdote, desse paz à sua consciência e a espe- rança do perdão de seus pecados. Aquela mão já não segurava mais a caneta; agora, ansiava pelo perdão misericordioso de Deus pelo mau uso que dela fizera; perdão que viria por outras mãos, as mãos que ele insultara, as mãos sacerdotais!
Qual a mão poderosa?
Mãos que dão a vida da graça, mãos que renovam essa graça pelo perdão divino. Mãos que não afagam um rosto querido de mulher, mas que abençoam, em nome de Deus, o amor que Deus faz brotar entre um homem e uma mulher. Mãos que iluminam, com a luz do Evangelho, o amor matrimonial e o fazem aproxi- mar-se do amor de Deus criador.
Mãos que não terão filhos ao colo, mas que colocarão no colo de seus pais os filhos que, não tendo pedido para nascer, não encontram para si um pouco de tempo na "agenda" de seus pais.

Mãos que abençoam, enxugando lágrimas de tantas pesso- as esmagadas nos revezes da vida; mas que ficam sozinhas, na solidão, para enxugar suas próprias lágrimas quando as coisas não correm bem entre "elas" e o rebanho a elas confiado, quando
109

a insistência da morte biológica ameaça a existência da vida es- piritual, quando a existência da morte biológica põe a perder os entes mais queridos. Sobretudo nessa ocasião, os cumprimentos "sociais" ou protocolares chegam muito depois. Aprendi, com meu sofrimento, nessa última circunstância, que não se enxu- gam lágrimas secas!
Mãos que curam os enfermos e lhes devolvem a esperança de viver.
Mãos que fortalecem os fracos com o Pão dos fortes: a Eucaristia.
Santas mãos sacerdotais!
110
10.
AS ALEGRIAS DE UM SACERDOTE
Ser chamado a uma amizade maior com Jesus,
à intimidade com Jesus
O estilo de vida frenético da sociedade vai fazendo progressi- vamente exigências sempre maiores às famílias em seu status social. As necessidades complexas de casa, de alimentação, de roupas, de condução e de lazer apertam, sobremaneira, o orçamento domésti- co, forçando um trabalho maior para os pais com, às vezes, dois ou três empregos. A família já não se reúne para as refeições, e o tempo da noite é tomado pelas atividades domésticas, sobretudo para as mães. E o tempo para rezar, para estar com Deus, para agradecer sua presença e pedir sua ajuda? Quantas vezes, ao perguntar sobre isso aos fiéis, ouvi a resposta, quase sempre com acanhamento: "Eu tento rezar à noite, mas muitas vezes eu durmo".
O sacerdote dispõe da possibilidade de dar a prioridade de seu tempo à vida de oração, de união com Deus, de meditação da Palavra. Tem os recursos do acesso fácil aos comentários bíblicos e a livros que o incentivem no crescimento da espiritualidade sa- cerdotal. Jesus torna-se o centro de sua vida, ele vive para Jesus e para sua Igreja. Tem ainda o contato fácil com outros sacerdotes e, em muitos lugares, os padres se reúnem uma vez por semana para a oração em comum, para a reflexão sobre o trabalho pastoral e a convivência fraterna.
Quando o bispo permite, alguns têm o privilégio de ter a ca- pela em sua casa, o que lhes facilita o tempo de oração e o silêncio

necessário para estar com Deus: "[...] levá-la-ei à solidão e lhe falarei ao coração" (Os 2,16).
Mesmo quando ele está na celebração dos mais diversos sa- cramentos - trabalhando -, ele está em contato permanente com Jesus Cristo e com o milagre da graça.
Eu era reitor do seminário em Pouso Alegre, situado em uma chácara, então, fora da cidade. Havia gado. Eu ia diariamente ver o estábulo e os problemas ordinários da chácara. Via o retireiro lidando com os animais, tirando o leite, limpando o piso. Voltava ao meu quarto e trocava a camisa por causa do cheiro dos animais que impregnava o tecido. Enquanto me trocava, sempre pensava: "Eu não sou melhor que o Raimundo - pai de família -, ele a lidar com animais, urina e esterco, e eu no altar!".
Com exceção dos profissionais da saúde e da educação, que se dedicam permanentemente ao bem-estar das pessoas, os de- mais se ocupam com tarefas ligadas

ao comércio e à transfor- mação da matéria. O padre dedica-se ao espiritual, sobretudo à preciosidade da alma humana, morada do Divino Espírito Santo. O Sacerdote trabalha com as pessoas que mais se esforçam para viver uma amizade com Deus e na santidade de vida.

A visita e o conforto aos doentes

Nosso povo, em Minas Gerais, tem uma fé muito grande na presença do sacerdote, no poder da bênção dada por ele e na força da oração. Quantas e quantas vezes, ao final de uma missa, che- gam algumas pessoas e pedem uma bênção, acrescentando: "Pa- dre, abençoe-me, mas ponha a mão na minha cabeça". Já houve a bênção final da missa. Mais que outra bênção, elas desejam que o padre toque suas cabeças, imponha as mãos.

Um sacerdote jovem e amigo, em uma comunidade rural, en- controu um senhor de idade que se queixava de dor de cabeça e pediu-lhe a bênção, mas que colocasse a mão em sua cabeça. O padre impôs a mão sobre sua cabeça e rezou a oração da bênção. "Agora põe a mão e benze a minha cacunda". O padre tocou seus

ombros e deu-lhe a bênção. Muita simplicidade, sim, mas muita fé! Recordo-me de que o papa Francisco recomendou que os sacerdo- tes não se negassem a abençoar e a impor as mãos sobre as cabeças das pessoas, quando o pedissem, após uma santa missa. É claro que a celebração de uma missa, com sua bênção final, está bem acima, sacramentalmente, de uma imposição das mãos com inten- ção de abençoar. Aqui a teologia deve ceder espaço à fé e à piedade popular. Se o nosso povo não tem muita teologia e conhecimento da doutrina, é porque faltou-lhe oportunidade no tempo devido. Ainda hoje, quem de nós tem uma catequese paroquial que fecha em 100% a demanda das crianças, dos adolescentes e dos jovens? Não podemos cobrar o que não oferecemos! Temos de respeitar e valorizar a piedade popular, mesmo nos seus limites.

A alegria dos doentes ao receberem a visita do padre "conta- gia" o próprio padre, que leva a eles a paz, a esperança da saúde e a alegria de viver. Disse-me um médico: "A visita do padre em nos- sa casa nos traz uma alegria única, pois ele traz consigo a presença de Deus, não de maneira simbólica, mas de forma real".

O sacramento da unção dos enfermos é um sacramento para ser celebrado em caso de doença grave, e não simplesmente a pa- cientes terminais, para quem os remédios já foram dispensados. O efeito de cura da doença depende, é claro, da misericórdia divi- na, mas depende, também, da fé de quem o recebe. Muitos cegos passaram perto de Jesus e morreram cegos porque não se aproxi- maram dele com fé.

A mão de um sacerdote foi ungida com o óleo do crisma, foi consagrada em sua ordenação sacerdotal. Ela é do sacerdote, mas é, também, de Cristo e, por isso, tem um poder de bênção e um poder de curar as doenças. É muito importante que o sacerdote, no momento em que dá a bênção às pessoas, doentes ou não, te- nha a "intenção atual" de abençoar e de curar conforme os desig- nios da Providência Divina.

Lembro-me das vezes em que a santa unção foi dada a um paciente na UTI e em coma e que, depois, recuperou sua saúde e voltou para sua casa. Como o paciente estava em coma, penso que

foram as orações de seus familiares, que intercediam fervorosa- mente por ele, que pesaram junto de Deus.

Fazer a mediação final de uma pessoa

Fazer a mediação final de alguém que não luta mais pela vida, mas que se abandona totalmente nas mãos de Deus, espe- rando terminar o seu tempo na terra, é um momento difícil no ministério sacerdotal e que exige muita prudência, sabedoria e sutileza, da parte do sacerdote, para perceber não apenas o grau de lucidez do paciente, mas, sobretudo, avaliar a capacidade de percepção do enfermo sobre a gravidade de seu estado. Em qual- quer situação, o sacerdote só pode falar aquilo que o paciente tem a capacidade para aceitar, com serenidade.

Não sei avaliar em percentuais, mas penso que a maioria das pessoas, mesmo pessoas cultas, entra em coma, induzido ou não, na esperança de recuperar a saúde. Mas são muitos os que perce- bem, com tranquilidade, que a vida lhes escorrega, que as espe- ranças desaparecem e se abandonam com tranquilidade nas mãos da Providência Divina. Desligam-se, sentem a falência progres- siva de seu corpo. A priora do Carmelo de Coimbra, carmelo de vida contemplativa - como quase todos os carmelos - onde viveu a Ir. Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado, Vidente de Fátima, estava na fase final de um câncer. Tínhamos alguma ami- zade, e fui a Portugal exclusivamente para visitá-la, confortá-la e para me despedir. Ao telefone, ela me dissera: "Se for só por isso, não venha". Fui; ela ainda estava de pé. Como minha visita estava planejada em sua agenda, conversamos por um tempo razoável. Comentando ter iniciado a contagem regressiva, disse-me ao final de nossa conversa: "Agora, esperar pelos limites do corpo". No dia 31 de março de 2016, Ir. Maria Celina de Jesus Crucificado, ten- do completado os limites do corpo, mergulhou na contemplação
divina e eterna!

Sem tirar a esperança do paciente, o sacerdote reza com o enfermo: agradece pelo dom da vida, por todo o bem que ele
realizou ao longo de seus anos; agradece pelos médicos, enfermei- ros e amigos que cuidam dele; pede perdão por todos os pecados de sua vida passada e leva a pessoa a colocar todos os seus sofri- mentos junto aos sofrimentos de Jesus na cruz, oferecendo-os em penitência de seus próprios pecados e pela felicidade das pessoas
que ama.

É importante não tirar a esperança ao dizer-lhe: "Veja, a me- dicina alcança seus progressos todos os dias e sempre há recursos novos à disposição dos médicos. Deus sabe o que é melhor para você. Abandone-se, com esperança, nas mãos de Deus, que é Pai e ama você".

A celebração do sacramento da unção dos enfermos, pela força da graça, fortalece a pessoa, que se acalma e fica mais tranquila.

Torna-se mais difícil ajudar quando o paciente, ainda lú- cido, não consegue mais falar, mas acompanha, com seus olhos lânguidos, o movimento do quarto e olha, quase que furtiva- mente, as pessoas silenciosas, de semblantes tristes, que se co- municam entre si pelos olhos, acenos de cabeça, às vezes falando entre dentes, próximas ao seu leito. Muito cuidado com o que se fala perto de um doente nessa situação! Trata-se de um tempo violentíssimo de solidão: a pessoa vê, escuta, percebe, entende tudo, pensa, revendo de modo acelerado o filme de sua vida, mas não consegue falar. Chegamos aqui a um dos momentos mais sublimes na vida de um padre. Ele é a última ponte entre o enfermo na terra e Deus no céu! Nessa hora, o sacerdote comu- nica fé, esperança e paz!

Estava num hospital, em Belo Horizonte, acompanhando um doente. No corredor, alguém me viu e pediu para visitar o seu enfermo. Fiz a visita, rezei, dei a bênção. No dia seguinte, a mes- ma pessoa, ao reencontrar-me, disse: "Padre, ontem, depois que o senhor saiu, o vovô ficou tão tranquilo!"

O ouvido é o primeiro sentido que acorda pelas manhãs e é
o último que se apaga ao final de uma vida. O paciente não fala mais, não se movimenta, mas, mesmo em coma leve, escuta e
115
114

entende tudo. Quando se completam os limites para a medicina, escancaram-se as portas para a graça e para o portador da graça, o sacerdote. Que beleza poder levar paz e esperança na bondade de Deus para quem já se desligou de todos os seus caros e não sente mais às coisas da terra. Feliz, nessa hora, foi São José, que, apego missão cumprida, teve Jesus e Maria ao seu lado, ao fechar seus olhos na terra, para abri-los na visão beatífica junto de Deus, por toda a eternidade!
Vivi cenas belíssimas nessas circunstâncias.
Embora com doze anos de padre, eu era pároco novo. Na Santa Casa da cidade, uma maestrina estava morrendo. Fui cha- mado. Quando entrei no quarto e ela me viu, seus olhos se fixa- ram em mim com um brilho de alegria e de esperança que não consigo esquecer - já se passaram quarenta anos. Houve algumas paradas cardíacas. Sua filha médica aplicava-lhe massagens cardí- acas. Em vão. Ela fechou seus olhos, para sempre, na alegria de ter tido a presença de um sacerdote em seus últimos momentos na terra.
Voltei para minha casa feliz e triste! O padre também sofre.
Ainda trabalhando no Seminário de Pouso Alegre, era cape- lão de uma comunidade de irmãs, que tinham um colégio. Após a missa, havia o café, numa saleta perto da capela. Com frequência, apareciam duas meninas, Ana Elisa e Sueli, ambas da escola mé- dia, para me cumprimentar e para dizer algumas palavras, até que chegasse a Ir. Paula, sacristã, que punha as duas para fora. Forma- ram-se. Sueli casou-se. Pouco tempo depois, teve uma queda em casa e, talvez, como consequência, um câncer externo na cabeça: formaram-se dois ou três ovos em seu couro cabeludo. Eu a vi- sitava no hospital e depois em sua casa. A família perdeu quase tudo em seu tratamento. Sueli não movimentava mais seus braços e mãos; ficava imóvel, na cama. Nos últimos dias, ninguém podia encostar em sua cama, pois ela sentia dores fortes. Seu organismo
estava muito sensível.
Às 10h30 da manhã, eu estava dando aula no seminário. Fui chamado ao telefone: "Sueli está morrendo". Deixei a aula e fui para sua casa.
Ela já não falava. Ao vê-la, disse-lhe: "Sueli, se você está me ouvindo, mexa os seus olhos". Esperava que piscasse. Vi suas pu- pilas girarem para a esquerda e para a direita.
Disse-lhe: "Sueli, seus sofrimentos estão terminando. Mais um pouquinho e você vai se encontrar com Deus, no céu. Jesus, Nossa Senhora, São José estão preparando uma festa bonita para sua chegada ao céu. Ofe- reça todos os seus sofrimentos junto dos de Jesus na cruz, por sua família, pela conversão dos pecadores, pela santificação do clero. Chegando ao céu, diga a Deus para Ele me abençoar em minha vida de padre, em meu apostolado. Vou voltar ao seminário. Re- zarei também por você. Coragem, Deus a abençoe!" Fiquei um tempo com eles.
Às 14h fui chamado ao telefone. Meus recados haviam che- gado ao céu. Ainda hoje, em minhas missas, rezo por ela.
Padre Jair, do clero de Diamantina, depois de dois anos de luta contra um câncer no intestino e três cirurgias, entrou na reta final. Não queria morrer. Eu o visitava sempre. Uma vez me disse: "Dom João, 35 anos, por quê?" Respondi: "Padre Jair, a pergunta a ser feita é outra: Para quê?"

Eu havia pedido que o hospital me avisasse antes de ele ser sedado. Ao receber o aviso, fui ao hospital. Coloquei meu mo- torista à porta do quarto com a ordem: "Não entra ninguém no quarto, até eu sair, nem médico nem irma" - o hospital pertencia a uma congregação de irmãs - "nem ninguém da enfermagem".
- Padre Jair, como você está se sentindo? Muita dor? Cansado? [...]
- Padre Jair, eu lhe prometi que não deixaria você ser enga- nado. As esperanças acabaram. Vim aqui para lhe dizer que você vai ser sedado. Não sei o grau da sedação, mas você vai perder a consciência. Você quer ver alguém?
- Não.
- Há alguma coisa que você ainda queira dizer?
- Não.
- Você se confessou?
- Sim.
116
117

-
Com quem?
[...]
Quando?
- Há três dias.
- Está tranquilo? - Sim.
Conversamos por duas horas, sobre ele, sobre sua família, so- bre a Arquidiocese de Diamantina, sobre o clero, sobre o seminá- rio, sobre a paróquia. Foi, talvez, a conversa mais desarmada que tive em toda a minha vida. Ele já se desligara de tudo e de todos. Não tinha nenhuma reserva na abertura do seu coração. Livre! Fui muito discreto. Éramos como "uma alma em dois corpos". Ao final, rezamos juntos, dei-lhe a bênção papal, in articulo mortis (bênção que pode ser dada na hora da morte ou sua iminência, com a indulgência plenária, traçando a cruz com o crucifixo na mão, ao dar a bênção). Ele beijou a minha mão, e saí do quarto. Eram mais ou menos 18h30 numa sexta-feira. Na primeira hora da segunda-feira, ele parou de sofrer e voltou para Deus.
Depositário das confidências dos corações
Mais íntima que a nudez física é a nudez espiritual. Tantos casais tomam juntos o seu banho, mas são pouquíssimos os casais que se abrem até o fundo mais recôndito de seus corações. Mes- mo fatos belos e edificantes ficam reservados na intimidade do coração, algumas vezes por humildade, outras por acanhamento, outras por legítima preservação de seu patrimônio espiritual.
Infelizmente, hoje, vai ficando difícil encontrar alguém com quem se possa partilhar o próprio íntimo na certeza de que o si- gilo será guardado.
Evitei a palavra "segredo" porque é uma palavra desgastada. Quanto mais gente para se guardar um segredo, menos guardado ele fica. Em geral, guarda-se segredo contando para a frente em segredo: "Estou vendendo pelo preço que comprei, mas é segredo.
118
Estou contando, porque confio em você!" Tancredo Neves fez uma maravilhosa definição do segredo: "Guarda-se segredo da- quilo que não se sabe".
Era final de ano, eu estava perto dos dez anos de sacerdócio e era do conselho presbiteral. Viajava com uma pessoa, em meu carro. Ela me perguntou:

- Quais os padres que serão transferidos e para onde?
- Não sei.
- Eu sei que você sabe.
Estou lhe dizendo que eu não sei.
- Você é do conselho presbiteral. Houve reunião. Você sabe.
- Olha, não sei se vai haver transferências.
Deixa de ser chato, conta para mim, eu não vou contar para ninguém.
Mas eu não sei.
Conta para mim, eu sei guardar segredo.
Você sabe guardar segredo?
- Sei - respondeu triunfante, pensando que ganhara a batalha.
- Então: eu também sei.
Recebi um xingamento!
Quem tenta conhecer uma informação confidencial, que não
é de sua competência, quem viola um segredo, não sabe guardar segredo.
Já no século XVII, ensinava o cardeal Lugo: "O homem não tem apenas direito sobre os bens materiais que entraram legitima- mente na sua posse e são protegidos pelo direito de propriedade, mas, de modo especial, ele possui os seus sentimentos espirituais, seus pensamentos e aspirações interiores".
O bem comum exige que os indivíduos possam confiar a espertos, ou a amigos, situações difíceis nas quais se encontrem, para receberem o conforto ou a luz de um conselho. Sem isso, o indivíduo não poderia expandir sua personalidade e aperfeiçoa- -la, dada a natureza eminentemente social do homem.
Deus é a Verdade, por essência. Deus não quis revelar a todas as horas da história os mistérios de seu coração; até aos amigos

prediletos Jesus disse: "Teria muitas coisas a revelar-vos, mas não as podeis compreender agora" (Jo 16,12), "Não deis o que é santo aos cães e não lanceis pérolas aos porcos" (Mt 7,6).
Não se diz toda a verdade quando o terreno não é propício para recebê-la, quando não encontraria a resposta justa e quando realmente não podemos ser testemunhas da verdade.
Violar um segredo, ler uma carta de terceiros é um pecado mais grave que roubar. O dinheiro roubado pode ser devolvido. O segredo violado não pode ser restaurado. É como um diamante riscado. Sem recuperação.
O segredo confiado é aquele em que a pessoa confia uma informação com a garantia do sigilo por parte de quem a recebe. A pessoa que recebe a confidência é depositária daquela informa- ção, não é dona. Ela não pode usar aquela informação nem em be- neficio próprio. Ela é como uma estante onde alguém deposita o livro de sua vida; ela é depositária, mas não proprietária do livro; não pode abri-lo para outra pessoa ler, muito menos emprestá-lo. O sigilo da confissão é de outra ordem. É um sigilo sacra- mental e inviolável.'
Como é bonita a confiança que o povo tem no seu sacer- dote e partilha com ele, mesmo fora da confissão, suas alegrias e vitórias, como suas angústias, suas mágoas, suas decepções na vida e também suas falhas e seus pecados. Como é agradável dar a mão a uma pessoa em dificuldades e mostrar-lhe novos cami- nhos para equacionar seus desafios. Mais ainda, como é agra- dável ver que aquela pessoa conseguiu superar tudo e caminha

com total serenidade.
Quantas vezes eu me balancei sobre meus pés ao ver tama- nha confiança rasgada de pessoas mais velhas que eu, a expor, com singeleza e objetividade, os seus problemas mais pesados e delicados. Sabiam que tudo morreria em meu coração.
O Código de Direito Canônico, no Canon 889, preceitua: o sigilo sacramental é inviolável; guarde-se, pois, o confessor de revelar no mais mínimo o pecador nem por palavra, nem por algum sinal, nem por qualquer outro modo e por nenhuma causa.
120
Recordo-me de uma senhora que desconfiava da fidelidade
de seu marido. Na semana santa, ele veio se confessar comigo. Ela vigiava a uns quinze metros de distância, assentada nos bancos da igreja. Depois, ela me procurou e disse: "Padre João Bosco, eu queria ser um mosquitinho para entrar ali e escutar o que meu marido falou para o senhor". Dei risada. Hoje ela continua minha amiga, com suas mensagens frequentes no WhatsApp, mas nunca mais tocou no assunto.
Há muita beleza na vida de um sacerdote.
Formador de consciências
O ano de 2007 marca a grande virada na história recente da humanidade. A partir desse ano, o mundo não é mais o mes- mo. A descoberta do smartphone fez uma revirada global. Nada mais se esconde. Tudo às claras. Conversas sigilosas são bisbi- lhotadas. Surgiram os hackers. Desapareceram as distâncias. A informação tornou-se instantânea. Documentos abertos sobre uma mesa são roubados em segundos por uma foto indiscreta da "caixinha". Conversas são gravadas. Eu mesmo, no governo da arquidiocese, quando atendia alguém com algum problema administrativo mais complicado, punha uma funcionária ao lado daquela pessoa, apenas para vigiar uma possível mani- pulação de celular escondido. A pequena "caixinha" responde a toda e a qualquer pergunta. Cessou a publicação de enciclo- pédias. Eu era assinante da Encyclopaedia Britannica. O último Book of the Year que me chegou foi o de 2012, sobre 2011. Veio com o aviso final: não haveria mais Book of the Year. Não ha- veria mais nem assinantes nem compradores. Bastaria a "caixi- nha preta" com seu visor e teclado! As crianças não aceitaram mais o celular simples para telefonar. Todas queriam e querem a "caixinha" de nova geração. Muitos pais fizeram sacrifícios pessoais para ceder às exigências de seus adolescentes. Surgiu, s pais, o problema de como orientar os filhos no tempo e no uso do celular.
para os
121

O mundo vem se tornando cada vez mais pluralista. A edu- cação escorregou das mãos dos pais, que se tornaram "voz que clama do deserto" (Mc 1,3). Nem todos, no entanto, se interes- sam em acompanhar o progresso dos filhos na escola. Algumas ideologias vigentes querem, mais ainda, sufocar e suprimir a família. As crianças, com mais tempo disponível, dominaram facilmente os inúmeros recursos e aplicativos do celular. Dian- te da ignorância dos pais no assunto, as crianças sentiram-se maiores que eles, recusando as orientações e conselhos. O cho- que entre gerações não está mais no conteúdo das ideias, mas na linguagem: os pais falam a linguagem real, e as crianças, a linguagem virtual.
Esse é apenas o pano de fundo de todos os problemas que surgem, em consequência, na família, na sociedade e no trabalho. A quem recorrer, que depois respeitará o sigilo sobre as confidências?
Nas comunidades católicas, o sacerdote foi e tem sido sem- pre o conselheiro para a partilha desses questionamentos.

Alguém perguntou: "Como poderia um sacerdote orientar uma família com os problemas do casamento, se ele mesmo não tem a experiência do casamento e da vida em família?". Respondi: "O técnico de futebol, para orientar bem o seu time, precisa estar fora do campo, com a visão do conjunto e dos detalhes".
O sacerdote, à luz da Palavra de Deus e de seus estudos de Filosofia e de Teologia, pode apresentar princípios básicos e va- lores de referência para ajudar o casal a tomar suas decisões. Ele nem assume nem pode assumir a responsabilidade da consciên- cia e da decisão de uma pessoa ou de um casal. O casal viverá as consequências; é o casal, pois, que deve tomar as decisões.
Como é bom poder ajudar as pessoas a viver bem suas vidas! Fui bispo de Patos de Minas, de fevereiro de 1992 a maio de 2007. Em maio de 2016, voltei a residir em Patos de Minas. Pe- diram-me para celebrar uma santa missa em uma capela externa de um hospital, às 18h, aos sábados. A comunidade participante

era, em geral, mais madura. Depois de uma dessas missas, uma senhora de meia-idade me disse:
- Dom João Bosco, queria falar com o senhor.
- Pois não atendi ali mesmo.
-
- Olha, uma vez, quando o senhor morava aqui, eu estava
em uma situação difícil e lhe pedi um conselho. O senhor me orientou. Eu segui sua orientação. Faz vinte anos.
Pensei: "por que ela veio cobrar aquele conselho?" Eu gelei!
- Eu queria dizer-lhe que deu certo!
Respirei fundo!
E ela recontou-me o problema.
Repito: como é bom poder ajudar os outros na formação de suas consciências!

11.
COLUNAS DE SUSTENTAÇÃO DA AÇÃO PASTORAL
empre tive a consciência de eu não ser o padre, ou o bispo que
e
dote vai muito além da fragilidade de toda e de qualquer criatura humana; é impossível ao ser humano corresponder, em plenitude, ao dom da graça da vocação sacerdotal. É impossível nos equipa- rarmos ao nosso protótipo, Jesus Cristo, sumo e eterno Sacerdote! Por mais que nos esforcemos, somos uma pálida sombra do que deveriamos ser. Se isso vale para todo e para qualquer sacerdote, muito mais vale para mim, que me sinto perdido no oceano do amor da Misericórdia Divina.
Tendo trabalhado, como bispo, em três dioceses e pregado retiro a muitos cleros nas dioceses do Brasil, aprendi a apreciar os pontos fortes e fracos de um sacerdote, na sua ação pastoral, à frente da paróquia que lhe foi confiada.
Ninguém é perfeito e ninguém tem todas as qualidades. Mas o povo, na sua sabedoria inocente, sabe avaliar, em pouco tempo, o novo pároco que chega a sua paróquia: seus pontos fortes e seus pontos fracos. O povo é, também, admirável na sua capacidade de perdoar as falhas de seus sacerdotes. Um ve- lho arcebispo mineiro, falecido em 1967 - eu já era seminarista - "gostava" de presenciar, nos funerais dos padres, essa capaci- dade de

perdão do povo, que, de terço nas mãos e lágrimas no rosto, tocava o corpo do falecido, mesmo quando aquele padre não tivesse sido um grande exemplo de santidade!
125

Aprendi que há quatro dimensões que podem ser os pontos fortes que provocam o respeito e a atenção dos paroquianos para com os seus padres.
1. A santidade de vida. O padre pode ser desorganizado na administração, ou fraco na sua pregação, além de ter outras fa- lhas, mas o povo o venera com respeito por sua espiritualidade, por sua devoção mariana, pela piedade na celebração da santa missa, por seu tempo de oração, por sua santidade de vida e por sua disponibilidade em atender sempre que procurado, sobretudo para o sacramento da confissão. São João Maria Vianney, padro- eiro de todos os sacerdotes, destacou-se pela santidade de vida e como grande confessor.
2. A caridade pessoal no amor aos pobres, aos doentes e aos idosos. Muito alegra o povo quando o padre é desapegado, quando testemunha uma pobreza de vida, mesmo vivendo nos padrões da classe média local, tendo sua porta aberta aos ricos e aos pobres e sabendo ajudar, com o seu dinheiro próprio e discre- tamente, os mais necessitados.
A visita aos doentes, no hospital ou nas residências, traz con- forto, alegria e esperança às pessoas, que sentem sua casa santifi- cada pela presença do sacerdote.
Em uma determinada paróquia, o padre era alcoólatra e an- dava armado - o povo sabia -, caindo de vez em quando em coma alcóolico. Quando isso acontecia, o povo o escondia. Dois sacer- dotes do meu conhecimento foram visitá-lo. As pessoas da paró- quia não deixaram que ele fosse visto assim. Disseram: "Nosso padre está doente e não pode receber visitas". Mas o povo o ama- va. Todo o dinheiro que ele tivesse no bolso dava-o aos pobres que lhe pediam. Tirei cópia de um dos livros de tombo (atas do dia a dia da paróquia) de seu tempo, naquela paróquia. Sua letra era firme e bonita. Escrevia em uma linguagem literária, elegante
e agradável de ler. Escrevia com transparência de coração. Viveu pobre e morreu pobre e amado por seu povo.
126
3. Transparência administrativa. A administração paro- quial correta - com publicação periódica das entradas do dízimo, das coletas, das doações diversas, dos resultados das promoções e festas - transmite confiança aos paroquianos. É melhor publicar, apenas, entradas e despesas, sem o saldo. Tal modo pode evitar assaltos ao padre: "Quero o dinheiro que está declarado no balan- cete na porta da igreja". Já aconteceu! O bom emprego, pruden- te e sábio, do dinheiro nas compras necessárias no corriqueiro e licitações prévias naquelas de maior valor são, também, fatores delicados que tranquilizam a comunidade. A frequente corrupção na administração pública, mostrada quase que diariamente nos noticiários da imprensa, exige um cuidado maior por parte da Igreja, diante dos fiéis. Quando o sacerdote tem essa bela qualida- de, suas falhas em outros setores da vida pastoral recebem, mais facilmente, perdão ou compreensão.
4. Cultura bíblica, teológica e geral. Uma das coisas que o povo mais busca e deseja na prática dos sacramentos é receber pregações claras e objetivas, de bom conteúdo, bem preparadas, com equilíbrio de tempo e uma linguagem correta, de boa dicção, sem pedantismo, bem como o bom aconselhamento seguro em suas dificuldades de vida cristã. O sacerdote é a referência mais fácil e confiável nas dúvidas das pessoas a respeito de questões bíblicas, doutrinárias e orientação de vida moral. Acontece que, em cidades de mais de uma paróquia, as pessoas frequentam as missas não pela pertença paroquial, mas

onde esperam encontrar uma homilia que as ajude a viver mais perto de Deus a semana que se aproxima. Lembro-me, com certa mágoa, da resposta de um amigo a quem perguntei, por telefone: "Como está a sua pa- róquia?" Respondeu-me: "Ah, padre, a gente vai contente para a missa e volta triste!"
Realmente, preparar uma boa homilia não é fácil. Não se tra-
ta, apenas, de pregar o Evangelho em uma linguagem atualizada, ao alcance de uma assembleia diversificada em uma missa, com uma diferença de cultura profana, religiosa e bíblica. Mas como
127

trazer a mensagem do Evangelho no seu real sentido, de modo vivo e encarnado na problemática que nossos fiéis estão vivendo? Para isso, necessitamos de dias de leitura, de estudo, de reflexão, de meditação da Palavra. Sempre usei duas regras:
1. Se não consigo me convencer, não vou convencer ninguém; 2. Se não consigo chegar ao coração das pessoas, minha homilia não prestou! Temos de anunciar Jesus Cristo e sua mensagem que compromete, não a nós mesmos, mas aos ou- tros! É difícil!
Penso sempre nas missas que celebro com o povo: essas pes- soas programaram o tempo de seu domingo, se prepararam, es- colheram roupa e calçado, saíram em tempo de casa para chegar à igreja no horário conveniente; querem uma aproximação com o sagrado, querem rezar, sim, mas esperam um aprofundamento das leituras bíblicas da santa missa, que nem sempre são de fácil compreensão, mesmo para aquelas pessoas ilustradas nas ciências humanas. Elas não podem voltar decepcionadas para casa.
Hoje, graças a Deus, com novas facilidades, vejo que crescem no clero a possiblidade e o desejo de estudos bíblicos e teológicos complementares, quer nas universidades brasileiras, quer no ex- terior, sobretudo em Roma.
A cultura bíblica e teológica seria, assim, o quarto pilar de apoio de um sacerdote junto ao povo, em sua ação pastoral.
128
12.
A BONDADE
egundo Kazimierz Romaniuk, a virtude da paciência é a ca-
é paciência. O contrário é o diabo. A paciência leva à compla- cência, a complacência leva à compaixão, e esta leva à virtude da misericórdia.
A paciência suporta; a complacência acolhe e respeita o outro nas suas qualidades e limitações; a compaixão participa e se envolve com o sofrimento alheio; a misericórdia é um sen- timento interior que se revela, no exterior, como proximidade, cordialidade, graça, amor, benevolência. "A misericórdia não é outra coisa que o amor e, sem o amor de Deus, o homem não pode viver."
Outra porta de entrada para uma pessoa se tornar miseri- cordiosa é a virtude da bondade. São Paulo, na carta aos Gálatas, apresenta a virtude da bondade como um dos frutos do Espírito (cf. Gl 5,22). Rezamos nos Salmos: "Provai e vede como o Senhor
é bom" (Sl 34,8); e ainda: "Louvai o Senhor, porque ele é bom, pois eterno é seu amor" (Sl 118,1). Lucas coloca estas palavras nos lábios de Jesus: "Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus" (Lc 18,19).
Deus é bom por essência. Ele é a bondade. A bondade no homem é atributo: o homem pode tornar-se bom.
KAZIMIERZ, Romaniuk. Il Grembo di Dio. Milano: Ancora, p. 21. GUIMARÃES ROSA, J. Grande Sertão: Veredas. Ficção Completa. Vol. II. Rio de Janeiro, 1995, p. 17.

KASIMIERZ, Romaniuk. Op. cit., p. 41.
129

O que é ser bom? O que é a bondade? Uma pessoa boa é aquela que tem uma boa opinião da vida, que sempre pensa bem dela, que está de bem com a própria pele. Bondade significa estar bem disposto para a vida. A pessoa, em vez de criticar, aprecia, favorece, ajuda. A bondade perdoa, é magnânima, dá liberdade aos outros, fica no degrau de baixo, olhando os outros de baixo para cima. A bondade anda de braços dados com o humorismo. Ser alegre é uma das condições para vivenciar a bondade. O humor banal é aquele que faz um grupo rir de alguém. No verda- deiro humor, no humor sadio, o outro ri comigo! O humorismo é um riso amigo sobre o estranho no ser humano.
Poderíamos, ainda, perguntar: Deus é justo porque é bom ou Deus é bom porque é justo? Deus é bom porque é justo! Isso nos ensina que ser bom é diferente de ser bonachão.
A bondade não é a característica de uma pessoa abúlica ou de caráter amorfo, nem de uma pessoa com neutralidade ou impassi- bilidade diante dos acontecimentos da vida, ou sem opinião para tudo. A pessoa bondosa não se comporta como biruta de aeropor- to nem se movimenta como bandeira desfraldada ao vento. A bon- dade não é fraqueza. Ensina-nos Santo Agostinho que, quando for fraqueza, ela cria problemas. A bondade é força, é domínio de si. A bondade é silenciosa, tem sua fonte em Deus, que é bom! A bondade é relacional. A pessoa não é boa em si mesma e para si mesma. A pessoa, numa ilha deserta, não tem como vivenciar a bondade. Ela vive a bondade para com os outros e para com as criaturas. Li que toda palavra má que dizemos envenena o ar!
A bondade se manifesta, sobretudo, para com os que menos podem nos retribuir nossos atos. A pessoa bondosa não é egois- ta. Não mente, nem com suas palavras nem com seus atos. Ela é sincera, desarmada, transparente. Ela não julga os outros. É capaz do perdão. Não alimenta mágoas. Sabe esquecer as ofensas e in- delicadezas recebidas.
A bondade leva a pessoa a ver o bem para além das aparên- cias dos outros. Ve o outro com o olhar de Deus. Sabe ver a misé- ria das pessoas com o olhar de Cristo.
130
A pessoa bondosa não é arrogante, não critica. Quanto mais bondade tem uma pessoa, menos ela desconfia da maldade dos
outros.
A bondade não se revela na ação, mas no motivo da ação. É célebre o Do ut des! A bondade não é interesseira.
-
A bondade é o reflexo de uma pessoa de bom caráter, de co- ração puro. Vejo em São João XXIII uma das mais belas e fortes expressões da bondade em um ser humano. Seu diário íntimo Diário da Alma -, escrito com tanta singeleza, deveria ser leitura obrigatória para nós, sacerdotes. No jogo da diplomacia interna- cional, tendo sido núncio também em Paris e, depois como papa, conhecendo todas as belezas e fraquezas das pessoas do mundo político e da Igreja, ele nunca perdeu sua visão de bondade, quer no relacionamento com as pessoas de todas as categorias sociais, quer para iluminar suas decisões. Ao visitar a prisão de Rebíbia, em Roma, disse aos presos que ele também tivera um primo que fora preso. Nivelou-se com os presos.
Mais perto de nós, lembro de dom Luciano Pedro Mendes de Almeida. Um dia, em São Paulo, um arcebispo amigo que lhe era muito próximo disse-lhe: "Luciano, estas pessoas que vão à sua casa e lhe contam histórias pedindo dinheiro, elas mentem e enganam você". Dom Luciano respondeu: "Eu sei que elas me en- ganam, mas eu quero que elas tenham

uma experiência de Deus". E continuou ajudando os que lhe pediam ajuda. Dom Luciano viajava comigo de carro, ocasião em que pude testemunhá-lo ao telefone, atendendo tais pedidos.
Nosso sacerdócio ministerial é um serviço opcional que ofe- recemos a Cristo e a sua Igreja. É nossa resposta ao "Se queres, vai, vende os teus bens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me" (Mt 19,21).
A bondade, no entanto, é uma obrigação essencial do ser hu- mano. Aqui não há campo para opção. A busca da bondade em nossas vidas é uma consequência de termos sido criados à ima- gem e semelhança de um Deus Amor, que, por amor, nos criou
para amar.
131

Quanto mais cheia de bondade for uma pessoa, mais huma- na ela será.
O sacerdote, buscando ser outro Cristo, Alter Christus, em meio aos seus irmãos, tem de procurar a virtude da bondade. Não há como querer ser sacerdote e não se esforçar por ser bom e me- lhor em cada dia de nossas vidas. Consciente de minhas fraquezas, há muitos anos que rezo, em todas as minhas missas, pedindo ao Senhor a graça de ter um coração bom, misericordioso e alegre.
A bondade é um dom da graça que tem de ser suplicada e procurada por todos - leigos ou sacerdotes - que querem seguir, de verdade, a Jesus Cristo. Nascemos com o vazio do pecado ori- ginal e com uma tendência para o mal. Nossa natureza é maldosa. As crianças, em tenra idade, já não sabem partilhar os brinquedos
e, às vezes, têm gestos agressivos.
Para segui-lo, Jesus nos impõe duas condições: desapego do nosso próprio eu - do nosso projeto de vida, dos nossos sonhos, do nosso bem-estar - e desapego dos bens materiais. O desapego dos bens, da carreira, da glória humana, e a ge- nerosidade para com os outros são condições para se conseguir uma bondade de coração. Perdoem-me por escrever isto, mas um padre ambicioso é um padre pela metade.
Nos ensinamentos do papa Francisco, comentados por José Maria Castillo, encontramos a seguinte definição de bondade: "A bondade não é nada mais e nada menos que viver de tal maneira que quem vive comigo, seja quem for, se sinta bem. Esta é a bon- dade que eu desejo".
Bondade é ainda sensibilidade para com as necessidades do outro. Quem realmente precisa, em geral, não pede.
As provocações para a vivência da bondade não aparecem nos salões de festa, ou no riso, mas onde alguém está sendo priva-
do de algo - espiritual ou material - em sua vida.
Na natureza, as abelhas, por instinto, buscam o néctar das flores para produzirem o mel; os besouros escarabeídeos rolam o
José Maria Castilho, em seu blog Teologia sin censura, 18/05/2014.
152
esterco. Ao homem, sem lhe tirar os impulsos para o mal, Deus dá a inteligência, a vontade, sua graça e o chamado ao amor. Cada um de nós faz seu caminho procurando seguir os ensinamentos de Jesus.
Tive várias oportunidades de visitar a Ceasa flores, em São Paulo. Funcionava nas noites de segunda para terça e de quin- ta para sexta-feira. Um galpão imenso que funcionava das 23h até as 6h. Vi ali flores que jamais imaginei. Um encanto, uma maravilha da natureza, algo deslumbrante, de encher os olhos. No entanto, eu gostava de admirar os rostos

serenos, calmos, desarmados de todos os que vendiam e que compravam flores para revendê-las. Eram, seguramente, pessoas de extrema sen- sibilidade. Delicadeza gera delicadeza. A delicadeza das flores motiva a delicadeza humana.
Bondade é amar as pessoas para além daquilo que imagina- mos que elas merecem! Jesus não ofereceu rituais. Ofereceu a si mesmo pelos outros.
A bondade de Deus em nossos corações torna-nos sinais vi- síveis da paz, do amor, do perdão, da reconciliação em uma hu- manidade cada vez mais dividida pela violência e pela discórdia. A bondade não se ensina. A bondade se vive, se transmite por si mesma. O bem é contagiante.
Escreve São Paulo, na carta aos Efésios: "Procedei como fi- lhos da luz, e o fruto da luz é toda espécie de bondade de justiça e de verdade" (Ef 5,9).
155

13.
A GRAÇA DA PERSEVERANÇA NA VOCAÇÃO
T
anto o matrimônio quanto o sacerdócio oferecem desafios
sempre novos ao ser humano. Não existe uma estrada asfal- tada com placas indicativas de pista derrapante ou de possíveis surpresas. Não há duas famílias iguais que possam seguir uma mesma regra minuciosa de vida. Os dois estados de vida - fa- - são de extrema renúncia de si mesmo e de mília e sacerdócio total doação pessoal. Aliás, a pessoa só se realiza quando sai de si e se volta para o próximo. Diversas pessoas de grande fortuna
e grandes estrelas de sucesso terminaram suas vidas na solidão existencial, na frustração e no suicídio.
O matrimônio é, humanamente, mais desafiador que a vida sacerdotal. O conhecimento da pessoa amada não tem limites e não tem fim: sempre surgem surpresas. Sei de um casal com mais de 50 anos de casados, quando um disse ao outro: "Oh, meu bem, nunca imaginei que você poderia falar uma coisa como essa!" Ainda não se conheciam totalmente! A perseverança e a fideli- dade no amor matrimonial, a condução da família, os problemas de moradia, de emprego, as doenças são desafios permanentes. Os filhos que vão nascer são outra incógnita: serão saudáveis? In- teligentes? Imporão restrições à vida do casal? Serão dóceis aos ensinamentos dos pais? Conseguirão se realizar na vida? Serão felizes no matrimônio? Tudo isso sem falar no entorno da família. Pude acompanhar muitos casais que não perderam a fé, mesmo diante das grandes decepções e desafios de sua vida matrimonial. 155

A morte do filho, por quebrar a linha natural dos fatos, é, a meu ver, o maior sofrimento que uma pessoa pode passar na face da terra. Ao morrer o filho, morre um pedaço do pai, morre um pe- daço da mãe. A morte de um filho é um sofrimento sem consolo, sem conserto e sem nome! Só pode ser suportado na força da fé. Recordo-me de minha mãe, que, em dois anos, perdeu dois filhos de 24 anos, em acidentes. Depois da perda do segundo, con- versando com suas amigas que vieram confortá-la, disse: "Eu não reclamo. Eu bebi no cálice da alegria e agora bebo no cálice da amargura. Eu não reclamo".
O sacerdócio é vivido dentro da realidade atual, com todos os percalços próprios da fragilidade humana e da fragilidade alheia. Não somos anjos nem servimos a anjos. Nem o bispo, nem o clero são anjos! As pessoas não são como deveriam ser, ou como gostaríamos que fossem, mesmo dentro da Igreja. A surpresa se- ria se, na Igreja, todos fossem confirmados em graça! Isto só na eternidade!

A felicidade no exercício do ministério sacerdotal não está em não ter problemas e desafios. Estes podem ser administrados, valendo-se dos conselhos dos mais velhos. A dimensão sublime dos valores espirituais e da graça, com sua beleza e encanto, não tem comparação com as dificuldades do plano humano e material. Uma vez, um jovem bispo queixou-se comigo dos problemas que administrava. Respondi-lhe, com carinho: "É por isso e para isso que você foi colocado lá!".
Uma coisa é certa: Deus nunca vai permitir um sofrimento ou provação superior às forças do sacerdote, mesmo que haja a ameaça da hipoteca da própria vida por amor a Jesus Cristo e a sua Igreja. E, quando existe esse amor profundo, nenhum sacrifi- cio é grande demais que não possa ser feito por Jesus, que morreu por mim!!
Existem algumas balizas da perseverança na vocação:
CT Studd: If Jesus Christ be God and died for me, then no sacrifice can be too great for me to make for Him!
156
A vida de oração
Há um desafio curioso na vida do padre: conseguir preservar seu tempo de oração pessoal, incluindo a oração da liturgia das horas. Esta afirmação pode parecer um paradoxo ao leitor leigo. E, de fato, é um paradoxo. Acontece que, na paróquia, o padre é sugado pelas diversas exigências do cargo. Ele tem de saber re- servar o seu tempo de estar com Deus. Um bispo, já falecido, me disse: "De manhã, só saio do quarto depois de ter feito minhas orações matinais".
Quando pároco, eu celebrava a missa às 6h30. Às 6h eu ia para a capela do Santíssimo, na Matriz, para rezar. Um dia, eu estava na capela do Santíssimo fazendo minhas orações da ma- nhã. Entrou alguém e me falou: "Por favor, poderia me atender em confissão?" Respondi: "Desculpe-me, não me leve a mal. Mas agora eu estou rezando, estou sendo atendido por Deus. Depois da missa, posso atender com toda a atenção". Outra vez, chegou uma pessoa, ajoelhou-se ao lado de outra que estava atrás de mim e disse à meia voz: "Sabe quem morreu nesta noite?" E continua- ram a atualizar as notícias. No dia seguinte, não voltei mais à ca- pela do Santíssimo. Pedi ao meu arcebispo para ter capela com o Santíssimo Sacramento em casa, e ele não permitiu. Passei a rezar em casa, sem a capela com a presença do Santíssimo Sacramento. Fiquei no prejuízo.
Quanto à vida de oração, cada um tem de saber se defender, porque, quando o padre vacila e cai, sofre sozinho.
O sacramento da reconciliação
O sacramento da reconciliação é para o sacerdote, enquanto penitente, um renovar da graça da própria ordenação sacerdotal. É um recolocar pilhas novas na sua vida de amor a Cristo e à Igreja. É, ainda, um verdadeiro itinerário de ascese e de vida inte- rior. É um meio para unir-se à intenção e à caridade de Cristo. O sacramento da reconciliação é o teste revelador da qualidade de nossa vida interior.
137

O sacramento da reconciliação tem uma graça própria e pe- culiar distinta da graça dos demais sacramentos. Na celebração desse sacramento, acontece não apenas o perdão dos pecados ao pecador arrependido, mas a pessoa recebe também uma graça, uma defesa, como uma capa protetora contra as insídias do Ma- ligno. Daí a importância da confissão frequente. Os roseirais são protegidos, com frequência, pela pulverização de fungicidas e apli- cação de inseticidas, para combater os fungos, manchas pretas nas folhas, e os

insetos parasitas, como os ácaros e coxonilhas. Assim também, a graça peculiar própria do sacramento da confissão traz à pessoa uma proteção e defesa contra as tentações e o pecado.
Sinto-me inquieto se, nestas páginas, não abrir meu coração mais uma vez. Entre os carinhos que recebi de Deus em minha vida sacerdotal, está a graça de ter tido o padre Haering como meu confessor por um ano. Após a primeira confissão, perguntei: "Qual o espaçamento entre as confissões?" Respondeu-me: "Um mês basta".
roupa
Conheci um jovem que, vivendo em uma república, em uma capital do Brasil, ficou seis meses sem trocar ou lavar a própria de cama! Nossa espiritualidade merece um carinho maior! É, todavia, de alta importância ter um confessor e um diretor espiritual estáveis. A pessoa que cuida de sua saúde trocando de médico com frequência pode ser prejudicada por receitas con- flitantes. Assim também, na vida espiritual, é importante ter um confessor estável.
A celebração da Eucaristia
Na celebração da Eucaristia, o sacerdote vive os momen- tos mais centrais e sublimes de sua vida: repete, de verdade, a realização do grande desejo de Cristo: "Eu desejei tanto comer esta Páscoa convosco antes de padecer" (Lc 22,15). Na consagra- ção do pão e do vinho, o sacerdote revive os últimos momen- tos de Jesus com seus discípulos, antes de iniciar a sua paixão no horto das Oliveiras. Os apóstolos estavam alegres, em clima 158 de celebração da festa da Páscoa. Jesus estava com seu coração amargo, disfarçando sua tristeza, sabendo dos sofrimentos que o esperavam e comendo com Judas, aquele que, em instantes, o haveria de trair. Cristo sofria calado. O sofrimento vivido na solidão é o pior sofrimento.
O sacerdote, com a hóstia em suas mãos, pronuncia as pa- lavras sagradas da consagração: "Tomai todos, e comei: Isto é o meu corpo, que será entregue por vós" (1 Cor 11,24). Em seguida, segurando o cálice, repete as palavras de Cristo na última Ceia: "Este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, todos para a remissão dos pe- que será derramado por vós e por cados. Fazei isto em memória de mim" (1 Cor 11,25). Por essas palavras sagradas, o sacerdote tem, em suas mãos, Jesus vivo e realmente presente na hóstia consagrada; invisível, mas presente, nas suas mãos!
Na hora em que ele recebe, em si, Jesus presente na hóstia e vinho consagrados, lembrando-se das palavras de Jesus na si- nagoga de Cafarnaum - "Assim como o Pai me enviou e eu vivo pelo Pai, assim aquele que comer de mim viverá por mim" -, pode repetir: "Jesus, eu aceito a sua vida na minha vida. Eu aceito a sua morte na minha morte. Eu aceito viver e morrer por você, pela sua Igreja, pela parte do seu povo que me foi confiada. Eu sou seu, só seu, para sempre". Com perdão da palavra, que não existe em português, acontece uma "imesmação": Jesus no sacerdote e o sacerdote em Jesus: o sacerdote e Jesus tornam-se um só. Isso acontece, também, com todas as pessoas que recebem Jesus na santa comunhão.
A Eucaristia é o centro da vida da Igreja. Sem Eucaristia, não há Igreja católica. Sem o sacerdote, não há a Eucaristia! A Euca- ristia é, pois, o centro da vida de um sacerdote! Na Eucaristia, o sacerdote oferece o grande sacrifício a Deus Pai implorando pelo mundo e pelo povo que lhe foi confiado. Hoje, em cada segundo da história, há cinco santas hóstias elevadas entre o céu e a terra
Do italiano: immedesimare - imesmar-se, vocábulo que não existe em português.

revivendo o sacrifício de Cristo no Calvário. O sacerdote vive da Eucaristia e para a Eucaristia!
É importante ver a celebração diária da santa missa como devoção, e não como compromisso pastoral. Essa unidade sacra- mental com Jesus é a grande força do sacerdote em todas as suas dificuldades.
A Palavra de Deus
A vida sacerdotal oferece a oportunidade de um conheci- sem espiri- mento maior da Palavra de Deus. Uma exegese seca, sem tualidade, pode se assemelhar a uma aula de anatomia em cima de um cadáver. Sem a exegese, porém, não se consegue penetrar o mistério profundo revelado pela Palavra. Depois de alguns anos de padre, estudei Teologia moral. Às vezes penso que, por razões pessoais, teria sido melhor ter estudado Teologia bíblica. Fico deslumbrado ao ler e ao ouvir conferências bíblicas que nos apro- ximam do insondável mistério de Deus!
Quando falamos com uma criança, usamos um vocabu- lário simples que a criança possa entender. Deus, ao falar de seu amor conosco, sujeitou-se às limitações da linguagem humana.
Os estudos da Sagrada Escritura no tempo de seminário são um abrir as portas de um jardim maravilhoso e um perpassar por ele que precisa ser visitado com tempo e com frequência, ao longo de toda a nossa vida, para se perceber todo seu encanto e mara- - e mesmo de um bispo - à frente de vilha. A vida de um pároco uma diocese não abre grandes espaços de tempo para o estudo e a meditação da Palavra de Deus. Temos de nos defender também nesse aspecto. Graças a Deus, temos, hoje, no Brasil uma bela bi- bliografia bíblica para nos ajudar.
Uma das missões que recebemos é a de pregar e de atualizar a Palavra de Deus na vida de nossos irmãos, de uma maneira que todos possam entendê-la e amá-la.
Conheço um irmão bispo que, desde os tempos de sacerdote, se retira da diocese um mês por ano para ler, estudar e meditar a Palavra de Deus. Tempo é questão de preferência.

Maria e o sacerdote
Três valores identificam a Igreja católica para as pessoas mais simples: o altar com a Eucaristia, Maria e o papa.
Maria traz, para a espiritualidade cristã, a dimensão do femi- nino, que desaparece nas demais confissões cristãs, onde ela não é reconhecida como Mãe de Jesus, verdadeiro Deus. O feminino amacia a humanidade não apenas na dimensão psicológica, mas também na dimensão espiritual. É muito feliz o título de um dos livros mais lindos que li sobre Maria: O rosto materno de Deus.' São quatro as grandes verdades da nossa fé sobre Maria.
"Desde as primeiras formulações da fé, a Igreja confessou que Jesus foi concebido exclusivamente pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria."
Nossa vida no celibato é iluminada pela virgindade de Ma- ria! Vivemos em um amor exclusivo por Jesus Cristo e sua Igreja, sem nos apegarmos a nenhuma criatura.
Ao longo dos vinte séculos de vida da Igreja, Maria foi sem- pre venerada por sua concepção imaculada, preservada do peca- do original e concebida cheia de graça. No Concílio Vaticano I, o papa Pio IX fez a declaração dogmática dessa verdade de fé. "A beatissima Virgem Maria, no primeiro instante de sua conceição, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preser- vada imune de toda mancha do pecado original.""
Ser concebida sem o pecado original significa uma incapaci- dade de pecar, uma impecabilidade total, ou seja, Maria, mesmo no tempo de criança e de adolescente, nunca

magoou ninguém, nunca usou uma palavra que pudesse ofender alguém, nunca se irritou, tendo um total controle de seus sentimentos. Era de uma meiguice total. Quando perde o Menino Jesus no Templo, depois de tanta angústia e de tanta dor, ao encontrá-lo, usa palavras que
BOFF, Leonardo. O rosto materno de Deus. Petrópolis: Vozes, 1979.
Denzinger, 10, 61: Catecismo da Igreja Católica, 496. Denzinger, 2803; Catecismo da Igreja Católica, 491.

expressam sua angústia, mas cheias de respeito: "Quando o vi- ram, seus pais ficaram admirados, e sua mãe lhe disse: 'Filho, por que agiste assim conosco? Olha, teu pai e eu andávamos, angus- tiados, à tua procura" (Lc 2,48). É interessante que, em sua de- licadeza, Maria coloca os sentimentos de seu esposo José antes dos seus próprios sentimentos! Ela era humana, com sentimentos humanos, mas de um equilíbrio psicológico e espiritual únicos na história da humanidade. Segundo o que a beata Ana Catari- na Emmerich narra em suas visões, Maria era de uma beleza tão extraordinária que, ao seguir para Belém, teve dificuldades em encontrar hospedagem, também em razão de sua excelsa bele- za. Tendo sido consagrada no templo, entre os sete e dez anos de idade, ali permaneceu até os catorze, quando deveria sair para constituir família, segundo os costumes de seu povo. Maria foi educada pelas melhores pedagogas de então, aprendendo tudo o que uma mulher dona de casa deveria saber, inclusive o fiar e o tecer. Há uma tradição que narra que a túnica inconsútil de Jesus, sobre a qual os soldados jogaram sorte no alto do Calvário, teria sido feita por Maria.
Heredia, em um de seus livros, sugere que, em cada momen- to de sofrimento espiritual de sua vida, Maria repetia baixinho, para si mesma, as mesmas palavras que dissera ao anjo Gabriel ao aceitar a missão de ser a Mãe do Filho do Altíssimo: "Faça-se a sua vontade" (Lc 1,38). Assim ela teria rezado em cada momento da paixão e da morte de Jesus: a prisão, o julgamento, a flagelação, a coroa de espinhos, o Ecce Homo, a condenação, o caminho do Calvário e a morte na cruz, o descendimento e o sepultamento do corpo de Jesus, para mergulhar, então, na mais terrível solidão: sem Jesus, sem José, sem ninguém de sua intimidade.
Vejo no sofrimento da Senhora das Dores um exemplo para nós, sacerdotes: sabermos rezar "faça-se em mim segundo a tua
EMMERICH, Ana Catarina. A infância de Jesus. Lisboa. Paulus, 2007, p. 82.
HEREDIA, C. M. Memórias de um repórter dos tempos de Cristo. Tomo IV. Lendas Maria- nas. Petrópolis: Vozes, 1947, p 299-311.

palavra" em cada momento mais difícil ou de dor em nossa vida sacerdotal! Maria, Mãe dos sacerdotes, na alegria e na dor!
Outra confissão milenar da Igreja a respeito de Maria foi a de sua assunção ao céu em corpo e alma. A declaração oficial des- sa confissão aconteceu em 1 de novembro de 1950, por obra do papa Pio XII, depois de ter consultado os bispos em todo o mun- do.
"Finalmente, a Imaculada Virgem, preservada imune de toda mancha da culpa original, terminando o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celeste. E, para que mais ple- namente estivesse conforme a seu Filho, Senhor dos senhores e vencedor do pecado e da morte, foi exaltada pelo Senhor como Rainha do universo."8
Cada um de nós, sacerdotes, tem sua missão no tempo e no espaço, com todas as vicissitudes que a Providência Divina pode nos permitir, entre sorrisos e lágrimas de dor. A

exemplo de Ma- ria, toda lágrima derramada por um sacerdote, ao longo de sua vida, por ser sacerdote de Jesus Cristo, será transformada em bri- lhante precioso em sua coroa a receber na glória do céu!
Em 431, contra a heresia de Nestório, o Concílio de Éfeso confessa Maria como Mãe de Jesus Cristo, verdadeiro Deus. "Mãe de Deus não porque o Verbo de Deus tirou dela a sua natureza divina, mas porque é dela que ele tem o corpo sagrado dotado de uma alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, se diz que o Verbo nasceu segundo a carne."
Como Mãe de Jesus Cristo, cabeça da Igreja, ela é, pois, Mãe de seus membros. Explica-nos admiravelmente São Paulo VI: "A Virgem Maria é reconhecida e honrada como a verdadeira Mãe de Deus e do Redentor. [...] Ela é também verdadeiramente 'Mãe dos membros desta Cabeça [...] Maria, Mãe de Cristo, Mãe da Igreja"1o Sendo Mãe da Igreja, Maria é a Mãe de todos os homens.
D
"
Lumen Gentium 59; Denzinger - 3903.
Denzinger-251, Catecismo da Igreja Católica, 466.
SÃO PAULO VI. Discurso em 21 de novembro de 1964, apud Catecismo da Igreja Católica, 963.
10
145

Com maior razão, Maria é a Mãe dos sacerdotes que hoje são, no mundo, a presença viva de seu Filho. Assim como Maria cuidou de Jesus, com grande carinho, ela cuida, hoje, de todos os sacerdotes da Igreja de seu Filho.
Penso que a devoção mariana de um padre é um pouco con- dicionada ao que ele traz da própria família. O seminário funda- menta teologicamente, alimenta e aperfeiçoa essa devoção, cuja base sólida vem de casa. Sem Maria, Mãe de Jesus, Mãe da Igreja e Mãe do sacerdote, é muito difícil a perseverança nessa vocação. Podemos rezar, pois, com toda confiança: "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, sacerdotes pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém".
A propósito, nós, sacerdotes, devemos ser sepultados onde realizamos nossa última missão. Vendo nosso túmulo, o povo ainda rezará por nós. Com nosso corpo junto de nossos familia- res, seremos esquecidos nas orações dos fiéis. Não pertencemos a nossa família, nem na vida nem na morte. Somos de Jesus Cristo. Na oração da noite do Breviário inglês, canta-se, de vez em quando, este belo hino:
Maria, a aurora; Cristo, o dia perfeito.
Maria, a porta; Cristo, o caminho celeste.
Maria, a raiz; Cristo, a vinha mística.
Maria, a uva; Cristo, o vinho sagrado.
Maria, o feixe de trigo; Cristo, o pão vivo.
Maria, a roseira; Cristo, a rosa vermelha de sangue.
Maria, a fonte; Cristo, o puro manancial.
Maria, o cálice; Cristo, o sangue salvador. Maria, o Templo; Cristo, o Senhor do Templo.
Maria, o Santuário; Cristo, o Deus adorado.
Maria, o farol; Cristo, o repouso celeste.
Maria, a Mãe; Cristo, o seu Filho.
Ambos sempre benditos, enquanto os séculos correm sem fim.
Amém!"

Sing of Mary, Light of our Darkness. Music for Advent and Christmas. Medieval English Text. Tradução do autor.
Na
14.
O SACERDOTE,
HOMEM DA ESPERANÇA
a década de 1980, o sacerdote era visto como um homem da união, da reunião (em Cristo) e da comunhão. Vejo, hoje, o sacerdote como o homem da esperança. Essa virtude teologal res- ponde à grande carência das pessoas hoje, sobretudo agora, neste tempo de pandemia, e mais ainda no que vier, no day after! A fé em Deus Pai e na sua Providência fundamenta a esperança.
Convém que nossas pregações sejam propositivas, e não im- perativas. São Paulo usava o indicativo e, em seguida, o impera- tivo como consequência;' mas era o anúncio da doutrina. Nossas pregações, de modo geral, têm uma tendência mais para o racio- nal e o imperativo. Usamos pouco os sentimentos e o emocional. As pregações de Jesus, alicerçadas nas parábolas - a dracma perdida, a ovelhinha perdida, o samaritano, os lírios do campo, as aves do céu, o óbolo da viúva, o joio e o trigo, o semeador, a lâm- pada acesa, o mau devedor, os vinhateiros, o fermento, o grão de mostarda, o rico insensato, o servo fiel e prudente, as virgens sen- satas, o dono de casa vigilante, a figueira estéril, a porta estreita, os lugares no banquete, o rei e os convidados para o banquete, o sal, o pai misericordioso e os dois filhos, o administrador previdente,
o rico e Lázaro e tantas outras - tocam os nossos sentimentos.
1Cor 9,24-25: "Acaso não sabeis que, no estádio, todos correm, mas só um ganha o prêmio? Correi de tal maneira que conquistels o prêmio. Todo atleta se impõe todo tipo de disciplina. Eles assim procedem para conseguir uma coroa corruptível. Quanto a nós, buscamos uma coroa incorruptivel"
145

A pregação tem de chegar ao coração das pessoas, e não apenas ao intelecto. Se não chegar ao coração das pessoas, não as atinge.
Concretamente, seria bom criar pregações mais na linha do Evangelho e evitar pregações moralizantes, usando termos como "nós devemos", "nós precisamos", "nós temos de", "será que faze- mos assim?".
Pregações positivas, propositivas e alegres animam a vivên- cia da fé e geram esperança. Falar de problemas sociais sem se comprometer, de fato, com sua solução irrita quem escuta. O povo já está cansado com o no- ticiário negativo dos telejornais.
O rosto alegre do padre - sem querer ser animador de au- ditório - é o melhor veículo para a Palavra de Deus. Uma cele- bração alegre transmite confiança na Providência Divina e em nosso amanhã.
Tivemos, em um passado recente, uma ótima e farta produ- ção de músicas litúrgicas de alta qualidade musical e poética, o que nos ajuda em celebrações mais alegres.
Ser o homem da esperança implica saber valorizar o positi- vo, ressaltar o lado bom das pessoas e dos acontecimentos, bem como a capacidade de não externar nossas preocupações pesso- ais. Há um grande campo para a bandeira da esperança, sobretu- do com os pais, em suas dificuldades de moradia, de emprego, de educação dos filhos.
Não tenho estatísticas confiáveis, mas há quem atribua o suicídio de jovens e a fuga na droga a uma falta de horizontes e, sobretudo, à falta da virtude da esperança diante de suas ex- pectativas, de seus anseios, de suas aspirações de futuro frente às condições reais de

vida em que se encontram. O encontro com Jesus Cristo, Bom Pastor, que carrega a ovelhinha tresmalhada, traz conforto aos corações sofridos.
A grande massa da nossa juventude, mesmo dentro da Igre- ja, sente-se desmotivada diante dessa carência de um ideal para a própria vida. Falta-lhe a retaguarda amorosa de um lar. Os pais 146
estão tensos com os problemas de moradia, de emprego, de ma- nutenção da família e do status de vida. Na Igreja, o padre que tem carisma para trabalhar com os jovens não tem o tempo con- veniente, e o que tem tempo não tem carisma! Por outro lado, a juventude é exigente e absorve o padre. A juventude sofre com o desemprego e com a dificuldade para estudar. No entanto, os jovens são uma força primorosa em vários segmentos da pastoral, quer por seus carismas pessoais, quer por sua maior disponibi- lidade, sobretudo na liturgia, na música, na catequese e no uso dos meios de comunicação. As Jornadas Mundiais da Juventude mostram seu grande anseio pela Palavra de Deus e pela pessoa de Jesus Cristo!
Se os jovens, e mesmo seus pais, não tiverem o sacerdote como apoio forte, não lhes sobrará mais nada.
A luz da ressurreição de Cristo expulsa para sempre todas as
trevas e temores.
Rezamos na Vigília Pascal: "A luz do Cristo que ressuscita res- plandecente dissipe as trevas de nosso coração e de nossa mente". O sacerdote é e tem de ser o homem da esperança! Entre as vítimas das câmaras de gás de Auschwitz, morreu, no dia 30 de novembro de 1943 - segundo relatório da Cruz Ver- melha -, Etty (Ester) Hillesum, 29 anos, que deixou escrito: "Mas o que vocês acreditam, que eu não vejo o arame farpado, que não vejo os fornos crematórios, não vejo o domínio da morte? Sim, mas vejo também um pedacinho do céu, e neste pedacinho do céu que tenho no coração, eu vejo a liberdade e a beleza. Não acreditam em mim? Mas de fato é assim"?
RAVASI, Gianfranco. Le parole del mattino. Mondadori, 2011, p. 12.
117

REFERÈNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, Joaquim Maria. Celibato consagrado. Congreso de Espi- ritualidad Sacerdotal. Editorial de la Conferencia Episcopal Es- pañola, 1989.
AUGUSTIN, George. Colaboradores da vossa Igreja. O ministério sacerdotal hoje. Petrópolis: Vozes, 2018.
AURÉLIO DE AVIZ, Darlan. Uma alma em dois corpos. Disserta- ção de Mestrado, Rio: PUC, 2017.
BERNANOS, Georges. Diário de um pároco de aldeia. São Paulo: Realizações Editora, 2011.
BOFF, Leonardo. O rosto materno de Deus. Petrópolis: Vozes, 1979. BONDER, Nilton. A cabala da inveja. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. CENCINI, Amedeo. Virgindade e celibato hoje. São Paulo: Pauli- nas, 2018.
COMBLIN, José. "Algumas reflexões sobre a formação sacerdotal hoje". REB, vol. 41, fasc. 162, junho de 1964.
DANTAS, Júlio. A ceia dos cardeais. Lisboa: Livraria Clássica Edi- tora, 1932.
DE BUTTLER. Vida dos santos. Petrópolis: Vozes, 1984. EMMERICH, Ana Catarina. A infância de Jesus. Lisboa: Paulus, 2007.
FESQUET, Henri. I "fioretti" di Papa Giovanni. Turim: Borla. GILBERT, Guy. Dieu mon premier Amour. Éditions Stock, 1995. GRAEF, Ricardo. Criaturas sacerdotais. Petrópolis:

Vozes, 1963. GULISANO, Paolo. John Henry Newman. Milano: Ancora, 2001. HAERING, Bernard. A lei de Cristo. Vol. I.
HEREDIA, C. M. Memórias de um repórter dos tempos de Cristo. Tomo IV. Lendas Marianas. Petrópolis: Vozes, 1947.
149

HOLANDA FERREIRA, Aurテゥlio Buarque. Dicionテ。rio. Nova Fronteira, 1988, 1a ediテァテ」o.
HORTELANO, Antonio. Amore e Matrimonio. Nuove Prospetti- ve. Assisi: Citadella Editrice, 1973.
JOテグ PAULO II. Estou nas mテ」os de Deus. Anotaテァテオes pessoais. Sテ」o Paulo: Planeta, 2014.
KAZIMIERZ, Romaniuk. Il Grembo di Dio. Milano: Ancora, 1999. MARTINI, Carlo Maria. Il caso serio della fede. Piemme, 2002. RAHNER, Karl. Um novo sacerdテウcio. Herder: Sテ」o Paulo, 1968. RATZINGER, J.; MESSORI, V. A fテゥ em crise? Sテ」o Paulo: E.P.U., 1985.
RAVASI, Gianfranco. Il Profumo dell'alba Mattutino: PIEMME,
2002.
Il sacerdote tra profezia e sacro. Todi: TAU Editrice/ Libreria Editrice Vaticana, 2009.
Le Parole del Mattino. Mondadori, 2011. SANTA TEREZINHA. Histテウria de uma alma. Manuscritos auto- biogrテ。ficos. Sテ」o Paulo, 2005.
SANTO AGOSTINHO. Confissテオes. Sテ」o Paulo: Paulus, 2016. Sテグ JOテグ XXIII. Diテ。rio intimo. Lisboa: Livraria Agir Editora,
1964.
SING OF MARY. Light of our Darkness. Music for Advent and
Christmas. Medieval English.
Documentos da Igreja
AD GENTES
BENTO XVI. Catequese de quarta-feira em 5 de agosto de 2009
BENTO XVI. Deus Caritas Est
CATECISMO DA IGREJA CATテ鏑ICA
Cテ泥IGO DE DIREITO CANONICO
DENZINGER
FRANCISCO. Homilia na Catedral do Rio de Janeiro, em 27 de julho de 2013
LUMEN GENTIUM
PONTIFICAL ROMANO
Sテグ JOテグ PAULO II. Redemptor Hominis
Sテグ JOテグ PAULO II. Familiaris Consortio Sテグ PAULO VI. Discurso em 21 de novembro de 1964 Sテグ PAULO VI. Evangelii Nuntiandi
151
150

DOM JOÃO BOSCO ÓLIVER DE FARIA nasceu no dia 30 de outubro de 1939, em São João Del Rei-MG. Foi ordena- do sacerdote em 3 de julho de 1968, em Belo Horizonte-MG. Em Pouso Alegre-MG, exerceu o cargo de vice-reitor no Semi- nário Arquidiocesano Nossa Senhora Auxiliadora, entre os anos de 1969 e 1972. Em 1973, seguiu para Roma, especializando-se em Teologia Moral, Regressando à Diocese de Pou- so Alegre, foi nomeado reitor do Seminário, cargo que exer- ceu até 1980. De 1981 a 1987, foi pároco de Ouro Fino. Foi eleito bispo auxiliar de Pouso Alegre no dia 12 de agosto de 1987. No dia 8 de janeiro de 1992, foi nomeado bispo de Patos de Minas, tomando pos- se no dia 22 de fevereiro do

mesmo ano. Em 30 de maio de 2007, foi nomeado arcebispo de Diamantina, tomando pos-
se no dia 28 de julho do mes- mo ano. Ali tornou-se emérito no ano de 2015.

O sentimento de tristeza pela perda de um
sacerdote que
deixou o ministério levou
o autor, arcebispo emérito de Diamantina-MG, a refletir sobre o mistério da vocação sacerdotal; com seus desafios e suas maravilhas. Começou escrevendo um artigo. A reflexão foi lentamente se expandindo, exigindo novos questionamentos e, consequentemente, novos capítulos. Agregou, depois, alguns escritos anteriores, cartas pastorais escritas aos fiéis da arquidiocese de Diamantina, cujos temas confluíam para esta reflexão.
Diante da atual secularização que penetra até os ambientes da Igreja, dom João Bosco Óliver de Fa- ria escreveu este livro preocupado com os padres novos, desejando ajudá-los a viver. o sacerdócio com alegria, amor e paixão, felizes por serem sacer- no mundo moderno. dotes de Jesus Cristo e sinais vivos de sua presença
ISBN 978-65-5562-472-4
9 786555 624724 PAULUS.COM.BR